

PORTUGAL INDEPENDENTE

JORNAL ANTI-IBERICO, LITTERARIO E NOTICIOSO

DEDICADO À MEMORIA DE EL-REI O SENHOR D. PEDRO V

E AOS PORTUGUEZES RESIDENTES NO PAIZ E NO BRAZIL

REDACTOR — Augusto José Gonsalves Fino

PUBLICA-SE AOS SABADOS

Assigna-se e paga-se este jornal: em Coimbra, na Imprensa da Universidade; nas Provincias, em casa dos Srs. Directores de Correios; no Brazil, em casa do Sr. José Julio Lopes Gonsalves, Rio de Ostras. Preços por trimestre, ou 12 numeros: em Coimbra 400 réis; nas Provincias 460 réis; no Brazil (moeda forte) 700 réis;— número avulso 400 réis. — Toda a correspondencia, franca de porte, será dirigida ao Redactor do *Portugal Independente*, Coimbra. — Escriptos não publicados, não serão restituídos.

EXPEDIENTE

É com o maior empenho que rogamos aos srs. Assignantes das provincias se dignem satisfazer a importancia do primeiro trimestre, remettendo-a a esta redacção em estampilhas, ou em valles, ou entregando-a ao sr. director do correio da localidade. E igualmente pedimos o favor de nos obterem algumas assignaturas; pelo que nos confessaremos summamente agradecidos.

Retiramos hoje da melhor vontade o nosso artigo do fundo, para darmos cabimento ao excellente artigo que reproduzimos do nosso collega 1.º de Dezembro.

Para o futuro Dezembro de 1862 se differiram as nossas festas anniversarias da independencia. Não as comportava agora a dor pública, o lucto da pragmática, e o lucto sincero dos corações. Salvas as crencas no futuro, e o justo e inabalavel brio das tradições o ânimo do povo portuguez experimentou fundo abalo. Se odios existissem entranhados entre a familia portugueza, nunca, tanto como agora, nos teriamos dado as mãos para a commum salvação. Se em armas estivessemos defronte de Castella, chorariamos sobre os estandartes, cahidos em redor do feretro do rei amado, de tres vezes querido pela virtude, pela intelligencia, e pelas aspirações.

Este funesto acontecimento deu logar a que a Hespanha revelasse o conceito em que tem os nossos costumes e policiamento. Accredittou-se lá que o fallecimento do senhor D. Pedro v, e de seu augusto irmão excitaria o suspeito odio dos portuguezes contra os hespanhoes residentes em Portugal. Um jornal de Madrid publicava uma correspondencia de Lisboa, noticiando que, durante os paroxismos do monarcha, já precorriam as residencias hespanholas pessoas furtivamente, assignalando as portas com cruces vermelhas. Phantasias d'estas só podiam sahir da imaginação dos nossos vizinhos que associam sempre o escarlate do sangue a todas as suas visões. A cruz não podia faltar ao invento. De longas eras vem o trazerem elles sempre a cruz em sociedade com as côres sinistras. O azulado escuro do fogo ou o vivo carminado do sangue andavam emparelhados com a cruz no sanbenito. Affigurou-se á apavorada imaginação dos castelhanos que os portuguezes atacassem as suas prerogativas nos aguadeiros, que pejam os chafarizes, ou nos carreteiros, que se agrupam ás esquinas. A profunda agonia, que a todos nos quebrantou, cuidaram elles que romperia em estúpida invectiva contra os inoffensivos hespanhoes, que por ahí grangeiam o seu pão. Aferiram-nos pelo padrão que elles

lá usam nas suas desforras, nos seus odios cruentos, na celeridade dos seus arrebatamentos. Em continente, enviaram dous vasos de guerra a defrontarem com Lisboa por amor dos seus concidadãos em perigo. Que reciproco amor liga entre si os nossos vizinhos! Que providencia de governo e que vigilancia tão amavel sobre os subditos de Castella! Esta união tem só o absurdo inconveniente de romper-se ámanhan de modo, que os protegidos sejam d'um para outro instante arcabuzados, em nome da ordem.

O ar minaçissimo da onça do Escorial, como João Pinto Ribeiro denominava o último dos Philippes usurpadores! Sempre a embofia, sob a capa do cavalheirismo; sempre a bravata, os feros, as hespanholadas já celeberrimas, sustentando a velha estulticia da nossa vizinha!

Generosissimos são os portuguezes, que ouvem ahí silenciosos os seus vizinhos empavesados pelo facto de virem ao Tejo as bandeiras hespanholas a tremularem nas gaves de dois navios! Os gallegos, conscios da noticia, gloriaram-se de serem filhos de Hespanha, e baforaram o orgulho de serem tão de prompto protegidos. Os portuguezes eventam com desprezo e irrisão a philautia dos utilissimos filhos de Castella, e receiam apenas que elles, por nimiamente patriotas, se vão cada vez esquecendo mais da antiga fidelidade e força muscular, que era a unica recommendação, e o seu mais saliente caracteristico de nacionalidade.

Que juízo faz a Hespanha da nossa critica, se accceitou o boato de que os portuguezes attribuiam a perda das pessoas reaes a peçonha propinada por Castella? Que lucrava Castella com a morte do sr. D. Pedro v!? Que entre-aberta lhes facilitava o terrivel desastre para executarem um qualquer plano de conquista ou assalto? A lastimada perda d'um homem, que cingiu a coroa, era muito na acção d'um povo, mas não esfriava os corajosos, nem delia no coração do povo, que fôra seu, os sentimentos da independencia.

Ficavam-nos ahí ainda principes, que a afeição popular sagraria reis, antes que as leis do reino os investissem do poder supremo. E, se a vontade imprescrutavel da divina providencia nos fechasse no tumulto todas as esperanças, cada um de nós, senhor da sua liberdade, e rei no palmo de terra, que lhe dá o direito de patria, sahiria por sua honra, como se na vanguarda lhe apontasse o caminho da victoria o neto de Pedro iv.

Se, por tanto, as atoardas sinistras passaram da classe irreflectida para os homens de critica, ácerca de envenenamentos, mal sabemos como desculpar o desvario, a não ser attribuindo-o ás impensadas expansões da dor, que fartas vezes humilham as mais fortes almas, e as sujeitam a inconsiderações de momento. Ainda assim, das turbas, que soffriam,

nunca transpirou palavra ameaçadora, nem o mais ligeiro motim se presenciou em Lisboa, que devesse prevenir o governo hespanhol, com arrogantes cautelas.

No Porto, testemunhámos nós que o povo, mais uma vez deu prova da sua cordura, sendo os portuenses de seu natural tão sensíveis ás affrontas, que apenas as presumem, sahem logo por sua dignidade. Pois era aqui devéras amado o soberano; e não será ousadia afirmar que em cada homem d'esta terra acharia o defuncto rei um vingador inexoravel, se por desventura a preciosa vida do rei do povo, do modelo dos grandes, e do querido de todos, não tivesse sido chamada por Deus, quando a nação, mais enlevada no amor d'ella, se confiava esperançosa aos grandiosos destinos, que lhe prometia.

Tristissima oportunidade aproveitou Castella para nos dar uma amostra do seu humor e dos seus intentos! Os vasos bellicos não vinham exprimir a condolencia, nem offerer a paz pública o ferro dos seus obuzes. O aparato, fanfarrão de mais para um povo que chorava, aparato de carrancas, não deve esquecer-nos, porque da sua mesma ineptia e inutilidade devemos tirar lição proficua, mais significativa e de aproveitar que as outras delicadas ameaças que transluzem nos jornaes hespanhoes.

A imprensa, que não poude este anno ver, realizados os solemnes protestos do povo portuguez em prol da sustentação da liberdade da patria e da independencia nacional, pelo inesperado quanto sentido infausto successo, que enluctou a nação portugueza, addiou as manifestações solemnes incompativeis com o sentimento nacional, mas encarregou-se o jornalismo de ractificar aquelle protesto por meio da manifestação da imprensa, fazendo conhecer á Europa o nosso pensamento constante, a nossa divisa que é — liberdade e independencia nacional com o rei e pelo rei — nós pois adherindo a este solemne protesto, o ractificamos: e assim commemoramos o grandioso facto que nos restituiu a patria livre, e a independencia nacional, também não devemos callar os nomes dos egregios e illustres portuguezes que primeiro levantaram o grito de — viva a liberdade e a independencia nacional, quando no faustoso dia 1.º de dezembro, de 1640 acclamaram no paço e juncto dos aposentos reaes aonde estava a duqueza de Mantua então governando este reino em nome de Philippe iv de Castella. Os nomes d'estes benemeritos da patria, que em todos os tempos merecem o respeito e o acatamento d'esta heroica nação são os seguintes:

D. Miguel de Almeida, Fernão Telles de Menezes, D. João da Costa, Thomé de Sousa, Pedro de Mendonça, D. Antão de Almada, D. Luiz seu filho, D. Antonio Luiz de Mene-

zes, D. Rodrigo de Menezes, seu irmão, D. Carlos de Noronha, Antonio de Saldanha, D. Antonio da Costa, D. Antonio de Alcaçova, João Rodrigues de Sá, Martim Affonso de Mello, Francisco de Mello, Luiz de Mello que foi porteiro mór de el-rei, Manuel de Mello seu filho, Tristão de Mendonça, Luiz de Mendonça, D. Francisco de Sousa, D. Thomaz de Noronha, D. Francisco de Noronha, D. Antonio Mascarenhas, D. Fernando Telles do Faro, Rodrigo de Figueiredo, Luiz Gomes seu irmão, Francisco de Sampaio, Gomes Freire de Andrade seu filho, Gilvaz Lobo.

Receba pois a memoria d'estes homens illustres de Portugal, a homenagem de respeito e gratidão, que a nação deve sempre tributar aos restauradores da patria livre e da independencia nacional.

Hespanha e Portugal

(Continuado do número 9)

O sr. Gullon, depois de tentar todos os esforços possíveis para demonstrar a pouca importancia de Portugal, passa a examinar o estado presente de nossos vizinhos, e pinta-o e descreve-o como verdadeiramente lastimoso. *O seu commercio está arruinado ou reduzido á primitiva forma de transacções, vendendo seus unicos dois ou tres productos a um só comprador, no mesmo terreno em que os recolhe; a liberdade de commercio em Portugal é nociva, os portuguezes não têm nenhuma industria importante; em summa, aquella sexta parte da nossa peninsula carece de recursos; acha-se pobre, desvalida, e deve lançar-se em nossos braços.*

Triste seria para os hespanhoes ter que recolher e amparar um moribundo; porém, se Portugal se achasse, realmente, em circumstancias tão apuradas, e recorresse a nós, indubitavelmente o havíamos de recolher e amparar, carregando sobre os hombros, com fraternal caridade, tão pesada carga. Felizmente, não só para Portugal como para Hespanha, as cousas distam muito d'essa indigencia e falta de recursos, que o vulgo hespanhol suppõe.

Ainda que Portugal, durante a dominação dos reis austriacos, perdeu algumas de suas colonias, de que os hollandezes se apoderaram; ainda que depois teve que ceder á Inglaterra a ilha de Bombaim, para que o auxiliasse contra nós, podendo dizer-se que esta cessão foi o principio do imperio britannico na India, a abdicção da soberania portugueza em toda a Asia; e ainda que, como prenda e signal da nossa antiga dominação, nos deixasse a praça de Ceuta com o fim de dominar e civilisar Marrocos, e de lhe fazer pagar o ultrage de Alcacer; Portugal ainda conserva ricas provincias e formosas colonias no ultramar, ainda que, não tão florescentes como as nossas.

O imperio do Brasil, separado politicamente da metropole; une-se a ella com laços de amizade e commercio mais estreitos do que hoje dedicam á Hespanha as suas antigas colonias da America. A prosperidade, bom governo e civilização do Brasil fazem mais honra a Portugal, do que á Hespanha a decadencia, guerras perpetuas e revoluções estereis das republicas americano-hespanholas. O tráfico entre o Brasil e Portugal é uma fonte abundante de riqueza para este paiz, cujas exportações para aquelle imperio, são as mais importantes, depois dos Estados-Unidos, que surtem de farinha aquella povoação de mais de seis milhões de almas!

Portugal possui, ainda, além das populosas ilhas dos Açores e da formosissima ilha da Madeira, as ilhas de Cabo Verde, as de S.

Thomé e Príncipe, que formam grupo com as nossas de Fernão Pó, e muitos estabelecimentos nas costas de Angola e Bengalla; domina ainda na Africa Oriental sobre mais de 400 leguas de costa, e possui Moçambique e Sofala; na India tem as provincias de Bedjapour e Guzarate, com as cidades de Diu, Damão, Salsete e Góá, onde guarda os sepulchros do grande conquistador guerreiro Albuquerque, e do grande apostolo da Asia, S. Francisco Xavier, nosso compatriota; na China conserva, por último Macau, e na Oceania, Timor, Solor e outras ilhas.

Todas estas colonias acham-se em bastante decadencia, porém não tanta, que não contém ainda dois milhões e meio de almas, que ainda junctas aos tres milhões e meio do continente, sommam mais de seis milhões.

A riqueza e commercio de Portugal decahiram tambem d'aquella assombrosa prosperidade a que o marquez de Pombal soube levá-lo, prosperidade que foi gradualmente augmentando até chegar ao seu apogeu em 1807 que a exportação em cruzados com os estabelecimentos ultramarinos, montou a 25,871:000 e a importação a 42,422:000; a exportação em cruzados com as nações estrangeiras a 58,635:000, e a importação a 41,152:000.

A perda do Brazil, as guerras napoleonicas e o fatal tractado de 1810 com os inglezes, concorreram para acabar, ou ao menos para diminuir, de um grande modo, este brilhante estado. Não se creia, comtudo, como qualquer o acreditará, lendo o folheto que dá motivo a estes artigos, que Portugal agonisa, ou que se fina da inanición.

Poucos annos ha, no de 1855, publicou o sr. D. José de Aldama e Aayla um livro perfeitamente escripto e rico de dados de toda a especie, onde poderiam estudar alguns hespanhoes antes de fallar tão ao de leve de Portugal. O livro tem por titulo; *Compendio geographico estatistico de Portugal e suas possessões ultramarinas*. D'elle tomámos algumas noticias para escrever o presente artigo, e para elle enviámos nossos leitores, que queiram estar ao facto da situação do vizinho reino.

O sr. Aldama responde victoriosamente, com a eloquencia dos algarismos, aos que proclamam a pobreza de Portugal. Avalia elle Portugal em uma quinta parte da Hespanha, e partindo d'este dado, comparando a importação e exportação de Portugal em 1851, que conhece, com as de Hespanha em 1854, apresenta os seguintes resultados:

	Portugal	Hespanha
	1851	1854
Imp. em pesos fortes	14,957:794	40,687:367
Exp. em	11,621:340	49,369:506

Deduz-se d'estes valores, que o commercio portuguez é de 26,566:939 pesos fortes, e o de Hespanha, que deveria ser de 132,829:695, para serem ambos proporcionaes, é só de 90,362:506; de maneira que faltaram á Hespanha, naquelle anno, para ser tão rica e commerciante como Portugal, 42,467:189.

O sr. Aldama acrescenta immediatamente, para consolação da Hespanha: «Não se julgue porém, que as grandes differenças que notámos a favor de Portugal procedem de que, em equaldade de circumstancias, o territorio lusitano seja mais rico do que o hespanhol; não é isto o que suppomos, mas sim que, sendo Portugal uma facha de terreno estreita e comprida, banhada ao S. e O. pelo Atlantico, desembocando no mar, em seu territorio os principaes rios da Peninsula, que são navegaveis proximos á sua embocadura, como tambem alguns dos que nascem nesse territorio, goza do circumstancias, que auxiliam poderosamente o commercio, podendo dizer-se que

exporta tudo quanto produz, tendo logo que importa grande quantidade de cereaes e outros productos naturaes e de arte, como succede actualmente. Porém este fluxo e refluxo e os cambios a que dão logar, é o que constitue o verdadeiro commercio e riqueza de um paiz, ao contrario do que se observa em várias provincias centraes da Hespanha, etc. etc.» E por último conclue dizendo: «Os valores precedentes servem para provar a importancia commercial de Portugal, e de mostrar a alguns ignorantes, que, sem o estudarem e conhecerem o menospresam figurando ser um paiz que vale muito pouco, quando tão distantes se acham da verdade.»

(Continúa)

EPICEDIO

Á SENTIDA MORTE

DE SUA MAGESTADE EL-REI

O SENHOR D. PEDRO V

Dedicado a sua magestade el-rei

O SR. D. FERNANDO II.

Per Patriam, quae te tuta et securam parens est,

Sic tibi quem semper factis animoque me reris,

Reddatur debitus amor.

OVID., Trist. l. 2.

Que negra nuvem o coração me cobre!
Que som tremendo meus ouvidos fere?!
Que triste mágua por meus olhos corre;
A mente se me offusca, o ar me falta;
Um ai, um ai sequer soltar não posso.
Mas ah! redobra o pranto... lagrimas, lagrimas
D'uma justa saudade dão-me a vida:
Respira coração, respira em mágua
Ella é justa, ella é sancta, é verdadeira,
É filha do amor mais respeitoso,
Que só em peitos leaes acha guarida.
Infanda Parca, despota das vidas,
Prematura cortaste o fio áquella . . .
Áquella vida, que existir de véra.
E tu, ó dia, que o adeus lhe ouviste,
Nefasto, e para sempre te terei;
Vergonhoso t'esconde e fuge... vae-te.
O Rei... O bom amigo... O Protector,
D'este Povo, que o chora angustiado!
Mas que digo? O bom Pae, o Pae dos Lusos,
O Anjo de Deus, que sobre nós, pairou,
O nosso PEDRO, o nosso Companheiro,
Seus dias acabou; — já não existe?!
A Parca, a negra Parca, austera, cega,
Nem mesmo a tão bom Rei, poupou tal sorte.
Mas ah! Quão cedo foi! — um intervalo,
Bem curto lhe foi dado e concedido,
Pra gosar cá, na terra, nosso amor,
Que por tão justos titulos mereceu!
Providencia fallaz és cega, iniqua,
Teus actos do acaso, são só filhos!
Não pesas, com prudencia, antes que os faças.
Mas que digo... Perdôa eu sou mortal,
Teus arcanos sondar, foi-me vedado,
Desculpa a minha dor, — a voz do Povo,
Que lamenta o seu Rei, o seu Amigo.
E Vós, ó Pae do Povo, augustos manes,
Recebei lá no ceu os votos nossos,
Observa o teu povo afflicto e triste,
Num cahos de amarguras baralhando
Mil confusas tristissimas ideias,
Mais negras, mais frias, mais pesadas
Que os horridos vapores, que vagueiam
Na escura habitação da fria morte:
Ve teu Saudoso Pae, Ternos Irmãos,
Nos abysmos da dor, banhando em pranto
As maceradas faces, desprendendo
Dos semivivos peitos, ternos ais
Aos surdos ares, tristes como Elles.
Ve o monstro horrendo da saudade,
Como impera em nossos corações,

Como obriga os peitos, os mais rijos
Até os d'innocentes creancinhas
A verter tão saudosos prantos!
Recede Rei, e Amigo os votos.
Tudo te chora cá, montes e valles,
Feridos com o som, que sae do bronze,
Repetem tristes d'um espaço a espaço
Morte; — diz o canhão, morte; a terra geme,
Responde o echo em mágua... morte... morte.
Tudo te chora cá, e Deus concede
Que quão pesado é o pranto nosso
Tanto te seja, Ó PEDRO, a terra leve.

Espinhal, 3 de Dezembro de 1861.

L. P. M. B.

Portuguezes leaes ao seu rei

Determinando el-rei D. João II, pela morte do principe D. Affonso, que ficasse o reino ao principe D. Jorge, procurou casual-o em Castella com uma filha dos reis catholicos: para este fim mandou áquella córte, em segredo, Lourenço da Cunha, instruido competentemente. Chegando o mensageiro a Castella, e sabendo que por estar o rei doente, a rainha D. Isabel expedia e tractava os negocios publicos, dirigiu-se a ella; e entregando-lhe a carta, determinou que o rei de Portugal, tendo accrescentado que o reino passasse ao principe D. Jorge, por isso que era morto o principe D. Affonso, para estreitar os laços entre os dois povos, desejava que os reis catholicos dessem sua filha mais nova ao dicto principe, para com elle casar.

A rainha depois de ler a carta e de ouvir a Lourenço da Cunha, lhe respondeu: a infanta D. Catharina não a damos ao rei de Portugal; de boarmente porém lhe cedemos uma filha bastarda de el-rei.

Lourenço da Cunha, vendo o pouco respeito que a rainha D. Isabel guardava ao rei de Portugal, respondeu: Senhora, el-rei, meu anio, não pretende tanto aparentar-se com el-rei de Castella, como com Vossa Alteza, e por isso se Vossa Alteza tem outra filha bastarda, elle a acceptará para seu filho.

No dia immediato á grande e famosa batalha, chamada do Ameixial, na qual os exercitos hespanhoes, que invadiram Portugal, foram commandados pelo valente general, D. João de Austria, e que apesar de suas enormes forças e da mandança, foram batidos e postos em debandada pelos poucos, mas briosos portuguezes, que lhes fizeram frente, um curioso fez o seguinte soneto, que tem a arte de mandar e de fazer entregar ao proprio D. João de Austria:

SONETO

Soberbo, e enganado, Vossa Alteza
Entrou por Portugal mui abilhu
Com milhões de cavallos, e trabú
Ameaçando as praças do Alem-te.

Não sabe que tem dente de coê,
E que os nossos pelejam como brú?
Pois a poder de cavas e redú
Sempre os seus levaram na cabê.

Se o seu rei, lá gigante, foi Goli,
O nosso rei novo David se acclá
Por valente, por forte, e por meni

Poz a pedra, atirou, deu a pedrá,
E como a pedra tinha cinco qui,
Lhe pôz na dura testa as cinco chá.

No reinado de el-rei D. João III, foi mandado como embaixador a Hespanha Lourenço Pires de Tavora; um dia, em que este estava

em presença do imperador Carlos V, que então governava aquella nação, mostrou-se o imperador muito sentido de el-rei D. João III, porque, dizia, não consentia no casamento da infanta D. Maria (que era filha de D. Manuel e de D. Leonor), e voltando-se, em tom de ameaça, para Lourenço Pires, lhe disse: eu sei muito bem quantos rios e pontes tem Portugal. O valente filho d'esta nação, sem se alterar, respondeu áquelle dicto: Senhor, o reino de Portugal tem os mesmos rios e as mesmas pontes que tinha, faz hoje 134 annos. Eraam justamente os mesmos que naquelle dia se contavam desde a memoravel batalha de Aljubarrota.

VARIEDADES

Heliogabalo, um dos maiores tyrannos de Roma, tomou as redeas do governo quando só tinha quatorze annos, idade em que deram principio as suas tyrannias, pelas pessoas que mandou matar, ou que matou. Amostrás: nas deliberações do Senado fez entrar sua avó Mesa; criou um Senado de mulheres, para decidir das modas; mudou de esposa todos os annos; tomou a qualidade de mulher, e desposou um dos seus officiaes; enfim practicou taes acções em publico, que a decencia mesmo prohibe dizer.

Segundo Nero na crueldade, foi morto pelos soldados pretorianos, antes do quarto anno do seu reinado. Arrastado pelas ruas de Roma foi por fim lançado ao Tibre.

D. Rodrigo, o último rei dos Godos, foi assim (diz um auctor americano) que entrou na célebre batalha, em que perdeu com o reino a vida.

Vestia uma comprida tunica de brocado de ouro; os pés calçavam umas sandalhas bordadas tambem a ouro, perolas, e diamantes. Em um carro de marfim muito alto, cujos eixos eram de prata, as rodas e o timão cobertos de placas de ouro resplandescentes; vinha assentado o monarcha dos Godos. No mais alto do carro, um docel coberto de ouro, com as armas dos reis Scandinavos, formava uma abobada magnifica, cujo aspecto só deslumbrava a vista!

Autres temps, autres moeurs!

Conrado, chamado o sabio, imperador da Germania, tinha sido aclamado rei dos romanos, depois da morte de Henrique, o coxo, e logo que foi coroado promulgou contra os cabeças de varias sedições intestinas, a célebre lei do bando ou do desterro, cuja forma era concebida nestes termos: — Declarámos tua mulher viuva, teus filhos orphãos, e mandamos-te em nome do Diabo, para os quatro angulos do mundo.

PASMATORIO

— Chamámos a attenção do sr. Delegado do Thesouro d'este districto para a fórma por que o sr. Escrivão de Fazenda de Miranda do Corvo lançou a décima industrial. Um individuo d'aquelle concelho acaba de nos dizer que tendo só loja de mercearia, foi collectado em muito maior quantia que outro individuo tambem d'alli, que além de ter igual estabelecimento, tem taberna, e cujos interesses são muito superiores aos do queixoso. Pedimos, pois, as mais energicas providencias a tal respeito; e muito sentiremos ter de voltar ao assumpto, se o sr. Delegado do Thesouro se

não dignar providenciar, para que se evite tão grande abuso. Cremos, porém, que um empregado tão zeloso e activo no cumprimento de seus deveres, como é o sr. Francisco Pereira de Miranda, não deixará por certo de mandar proceder a uma rigorosa syndicancia; e que, achando verdadeiro o facto que apontamos, extranhará ao subordinado o seu modo de proceder em casos que requerem a maior imparcialidade, e a mais séria attenção. Ficaremos hoje por aqui.

— Temos repetidas vezes pedido as mais activas providencias, a fim de que na rua da Carrhia se não insinta a permanencia dos carrões, que alli impedem o trânsito, mas é prégar no deserto. Hoje de novo vamos rogár ao sr. Vereador Fiscal preste a sua attenção para aquelle ramo de serviço publico, para que se evite um abuso, que tão escandaloso se torna. Se o digno vereador se não acha com forças sufficientes para cumprir os deveres de que se encarregou, deve pedir a sua melhoração, para ser substituido por quem melhor saiba e possa desempenhar a sua missão.

— Amanhan, 8, terá logar, pelas 10 horas da manhan nos paços d'este concelho, uma reunião de artistas, a convite da Commissão Central encarregada pelos mesmos artistas de promover os meios para que esta digna classe mande celebrar uma missa de *requiem* pelo eterno descanso de Sua Magestade El-Rei o Sr. D. Pedro V. É de esperar que a concurrencia seja numerosa, e que os subscriptores não deixem de comparecer, porque nos dizem que o fim de semelhante reunião é bastante melindroso.

— O sr. Dr. João Antonio de Sousa Doria, professor proprietario da cadeira de historia, geographia e chronologia do lycee augmental d'esta cidade, foi agraciado com o nomenclator do terço do seu ordenado. Foi um acto de justiça.

— Corre por ahi que em Coimbra não ha á cerimonia da quebra dos escudos, porque o concelho de districto não approvou a verba de despesa appresentada pela camara municipal. Não sabemos com que fundamento aquelle tribunal deixou de approvar uma verba, cuja applicação era destinada a um acto inesperado.

— No dia 2 do corrente, os officiaes que trabalham em casa do sr. Antonio Correia de Lemos, mandaram celebrar uma missa pelo eterno descanso de Sua Magestade El-Rei o sr. D. Pedro V, na igreja de Sanct'Iago; durante o acto religioso, tocou a philarmonica, de que nos dizem ser mestre o sr. João Espingarda (!!!). Damos os nossos sinceros parabéns ao novo mestre.

— No mesmo dia, tambem os fogueteiros mandaram dizer uma missa, suffragando a alma do saudoso monarcha, o sr. D. Pedro V, na igreja de Sancta Justa. Assistiu a este acto a philarmonica — *Recreio dos Artistas de Coimbra*, que, com toda a proficiencia e harmonia, executou algumas peças funebres. A concurrencia de povo foi extraordinaria.

— A Juncta de Parochia da freguezia de S. Bartholomeu, d'esta cidade, ficou composta dos srs. Antonio Vicente do Amaral Monteiro, Antonio Mendes Saldanha Ferrão, Luiz José Maria, e João Balthasar Pereira, todos negociantes.

— Parece impossivel, mas é certo, que a camara municipal consinta que os empregados da policia se appresentem com o fardamento todo remendado, sujo e indecente. Pedimos á camara que mande fazer novos fardamentos; ao contrário o odioso recahirá sobre si.

— Chamámos a attenção dos leitores d'este concelho, para o communicado que o sr. Olympio Nicolau Ruy Fernandes publicou no nú-

mero de 4 do corrente, do *Commercio de Coimbra*, e não o reproduzimos porque as dimensões do nosso jornal nol-o não permite, o que bastante sentimos.

— É tal o estado deploravel em que se acha o local denominado — Caes do Serieiro, por causa do carvão que alli se descarrega, que não podemos deixar de pedir a quem compete, o favor de se dignar providenciar a tal respeito. Parece incrível que na terceira cidade do reino se consinta tanta immundicie, como por ahí se vê a cada canto. É precisa mais vigilancia e actividade de quem tem a seu cargo o velar pela saúde pública.

— Sua Magestade El-Rei o sr. D. Luiz I, para suffragar as almas do sr. D. Pedro v, e D. Fernando, resolveu que na real igreja de S. Vicente de Fóra se façam exequias solennes, a que tenciona assistir, designando o dia 9 do corrente para as exequias de sua alteza, e o dia 11 para as do fallecido monarcha.

— Acha-se a concurso por espaço de 60 dias, a contar de 5 do corrente, a cadeira de instrucção primaria de Serpins, concelho da Louzã.

— A récita de abertura do novo theatro de S. Christovão tem effectivamente logar no dia 14 do corrente. Consta-nos que já ha poucos bilhetes para vender, não só de plateia, como de galerias. Os camarotes acham-se todos vendidos. É grande o entusiasmo de que está possuida toda a sociedade. O drama, cremos, que será desempenhado com proficiencia. A illustre Direcção não se poupa a fadigas e a sacrificios para obter, que no espectáculo não haja a mais pequena falta.

Por equívoco dissemos no nosso antecedente número, que (fallando do drama que ha de ir á scena) no primeiro acto apparecia a vista do Penedo da Saudade, e no segundo a da Ponte do Mondego, mas é *vice-versa*.

— Consta-nos que o sr. Possidonio da Silva Alves Brandão, prêso nas cadeias d'esta cidade, vae pedir que seja commutada a pena a que foi sentenciado, em trabalhos no Busaco, com obrigação de restaurar o que o tempo e o vandalismo alli têm destruido, e cujo estado é um permanente vexame e uma incriminação, a que não podemos esquivar-nos. É digno do maior louvor aquelle artista pelos desejos de que se acha possuido; e desde já pedimos o apoio do público, para que elle obtenha os fins a que se propõe.

— O sr. D. Pedro de Alcantara Maria Fernando Miguel Raphael Gabriel Gonzaga Xavier João Antonio Leopoldo Victor Francisco de Assis Julio Amelio, rei fidelissimo sob o nome de D. Pedro v, 30.º reinante de Portugal, e 26.º dos Algarves, 23.º duque de Bragança, 18.º de Barcellos, 20.º de Guimarães, 22.º marquez de Villa Viçosa, 24.º conde de Ourem, de Barcellos, de Faria e de Neiva, 26.º de Arrayollos, e 21.º de Guimarães, — nasceu no paço das Necessidades a 16 de setembro de 1837.

Foi jurado herdeiro pelas côrtes a 16 de janeiro de 1838.

Jurou a carta constitucional, como principe real, a 8 de julho de 1852.

Sucedou no throno a sua augusta mãe, a sr.ª D. Maria II, no dia 15 de novembro de 1853 — sob a regencia de seu pae, o sr. D. Fernando, por ser ainda menor.

Depois de fazer duas viagens pela Europa, durante a mesma regencia, na companhia de seu irmão mais velho, o sr. Infante D. Luiz, duque do Porto — hoje rei de Portugal — e tendo completado 18 annos de idade, foi aclamado em 16 de setembro de 1855.

Casou em Berlin, por procuração, a 29 de abril, e depois em pessoa, a 18 de maio de 1858, com a princeza Estephania, filha do

principe Hohenzollern Sigmaringen, e que morreu aos 17 de julho de 1859, pouco mais de um anno depois de casada.

Cortaram-se-lhe os fios da vida aos 11 de novembro corrente, pelas sete horas e um quarto da noite.

Morreu no paço das Necessidades, no mesmo paço em que havia nascido.

Por haver saído errado o seguinte soneto no nosso antecedente número, reproduzimos-o hoje, devidamente correcto.

AS SENTIDAS PALAVRAS DE EL-REI

O MUITO AMADO

SR. D. PEDRO V

Proferidas pouco antes do seu fallecimento

... Quiz suffocar uma saudade...
... Abri um tumulo!!

SONETO

Dedicado a sua magestade el-rei

O SR. D. FERNANDO II.

Fernando... amado irmão... eis-te sem vida!
De meus braços a morte te roubou!
O teu Pedro, se ainda cá ficou,
Foi capricho da sorte fementida!

Em tua busca vou, vou em seguida...
Tua morte as saudades augmentou
Da nossa mãe, da minha esposa q'rida...
Fernando... amado irmão, espera... eu vou.

Se meu Povo deixo em orphandade,
Este Povo a que amo com ternura,
E no qual encontrei só lealdade:

Elle lamentará a desventura,
De quem p'ra matar uma saudade,
Por suas mãos abriu a sepultura!

Espinal, 27 de Novembro de 1861.

L. P. M. B.

AVISOS

A mesa da commissão central de Coimbra convida os membros da mesma commissão, os das commissões filiaes de Coimbra, e todas as pessoas, que se dignarem subscrever para os festejos populares do 1.º de Dezembro, que se dignem comparecer nos paços do concelho, no domingo, 8 do corrente, pelas onze horas da manhan, para se deliberação sobre o destino que se deve dar ao producto da subscrição, visto que pelos infaustos successos, que todos lamentamos, não poderam ter logar aquelles festejos.

O secretario, *Olympio Nicolau Ruy Fernandes*.

COMISSÃO CENTRAL DOS ARTISTAS CONIMBRIGENSES

Encarregada de promover os meios para que esta classe suffrague a alma de Sua Magestade o Senhor D. Pedro V, de boa memoria, pede a todos os artistas que compareçam no domingo proximo, 8 de dezembro, ás 10 horas da manhan, em uma das salas da camara municipal, para alli lhes serem patentes os trabalhos já feitos.

INSPECÇÃO GERAL DOS THEATROS

DELEGAÇÃO NO DISTRICITO DE COIMBRA

Para os devidos effectos, faço saber que pelo Ministerio do Reino me foram expedidos os seguintes diplomas:

«Ministerio do Reino — Direcção Geral de Instrucção Pública — 1.ª Repartição. — Passo ás mãos de V. S.ª a cópia authentica do Decreto pelo qual Sua Magestade El-Rei Houve por bem nomeal-o Delegado da Inspeccão Geral dos Theatros no districto administrativo de Coimbra.

«Deos guarde a V. S.ª — Secretaria d'Estado dos Negocios do Reino, em 22 de novembro de 1861.

«III.º Sr. Olympio Nicolau Ruy Fernandes. — *José Eduardo de Magalhães Coutinho*.»

«Attendendo ao merecimento e mais partes, que concorrem na pessoa de Olympio Nicolau Ruy Fernandes: Hei por bem nomeal-o Delegado da Inspeccão Geral dos Theatros, no districto administrativo de Coimbra. O Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios do Reino assim o tenha entendido e faça executar. Paço de Belem, em 21 de novembro de 1861. — REI — *Marquez de Loulé*.

«Está confôrme — Secretaria d'Estado dos Negocios do Reino, em 22 de novembro de 1861 — O Chefe da 1.ª Repartição, *Francisco Palha de Faria Lacerda*.»

Coimbra, 25 de novembro de 1861. — *Olympio Nicolau Ruy Fernandes*.

ANNUNCIOS

Quem quizer comprar 6 fardamentos, todos em bom uso, que serviram na philarmonica *Conimbricense*, queira dirigir-se a esta Redacção, que se lhe diz quem os vende.

ESPECTACULOS

THEATRO DE S. CHRISTOVÃO

RÉCITA ORDINARIA

Sabbado, 14 de Dezembro de 1861

O DIA DA REDEMPÇÃO

Drama original em 3 actos,

do Senhor Mendes Leal Junior,

OFFERECIDO

Á CIDADE E UNIVERSIDADE DE COIMBRA

O QUI PRO QUO

ou

OS EFEITOS D'AUSENCIA

Comedia em 1 acto,

de Hypolito Garcez.

PREÇOS:

1.ª e 2.ª ordem	3\$000
Camarotes 3.ª dicta	2\$400
4.ª dicta	1\$800
Plateia	720 Galeria
	300

IMPRESA DA UNIVERSIDADE

PORTUGAL INDEPENDENTE

JORNAL ANTI-IBERICO, LITTERARIO E NOTICIOSO
DEDICADO À MEMORIA DE EL-REI O SENHOR D. PEDRO V

E AOS PORTUGUEZES RESIDENTES NO PAIZ E NO BRAZIL

REDACTOR — Augustó José Gonsalves Fino

PUBLICA-SE AOS SABADOS

Assigna-se e paga-se este jornal: em Coimbra, na Imprensa da Universidade; nas Províncias, em casa dos Srs. Directores de Correios; no Brazil, em casa do Sr. José Julio Lopes Gonsalves, Rio de Ostras. Preços por trimestre, ou 12 numeros: em Coimbra 400 réis; nas Províncias 460 réis; no Brazil (moeda forte) 700 réis; — número avulso 100 réis. — Toda a correspondencia, franca de porte, será dirigida ao Redactor do *Portugal Independente*, Coimbra. — Escriptos não publicados, não serão restituídos.

Ex.^{mo} Sr. A pedido da Redacção d'este jornal, temos a honra de nos dirigir por este meio a v. exc.^a, rogando-lhe com o maior empenho, a graça especial de se dignar continuar a proteger esta publicação com a sua assignatura, assim como sollicitar de seus numerosos amigos para que auxiliem a empresa de tão util como interessante publicação, no que prestarão, a todos os respeitos, um bom serviço, que ha direito a esperar do seu patriotismo. Os abaixo assignados esperam merecer a attenção de v. exc.^a, pelo que desde já se confessam summamente agradecidos.

Antonio Vaz da Fonseca e Mello, Governador Civil.

Dr. Raymundo Venancio Rodrigues.

Dr. José Augusto Sanches da Gama.

Luiz Pires Monteiro Bandeira.

Olympio Nicolau Ruy Fernandes.

Paulo José da Silva Neves.

Ignacio Raymundo Alves Sobral.

Antonio José d'Oliveira.

Ricardo dos Sanctos Mesquita.

Antonio Vicente do Amaral Monteiro.

AGRADECIMENTO

A Redacção d'este jornal, summamente penhorada pelos innumeraveis obsequios que tem recebido de todas as pessoas que se hão dignado auxiliar esta publicação, já com seus valiosos escriptos, já por concorrerem com suas assignaturas, a todos tributa por este meio o mais profundo reconhecimento, e se confessa summamente agradecida. E de novo roga o favor de a continuarem a proteger, para que dignamente possa obter os fins a que se propoz, e tirar os resultados que espera.

A Redacção.

Pedimos venia ao nosso collega do *Diario Mercantil* para extrahirmos o seguinte artigo, e para o qual chamamos a attenção de nossos leitores:

Mais uma lagrima

Agora que todos desabafaram, cada um a seu modo, conforme o diverso modo de ver de cada um, seja-nos licito tambem, neste nosso desafogo, pagar uma divida sagrada de gratidão e reconhecimento á memoria do nunca assás chorado senhor D. Pedro v.

Tem-se dicto e escripto tanto sobre a infausta morte de S. M. que, parecendo já um pleonasmio, uma hypèrbolè pretender-se demonstrar ainda mais uma vez a calamidade d'um tal successo, nos parece a nós comtudo

quasi impossivel fazel-o d'um modo verdadeiramente condigno á augusta pessoa de S. M., cuja sensível perda todos igualmente sentem e deploram. Tal é a necessidade e importancia da vida d'um bom rei, e tal foi, e era a do senhor D. Pedro v!

Nem nos deteremos mais em o querer provar; falla por nós de sobejo o facto virgem de tamanha dor pública: é quanto basta.

E isto posto, perguntaremos: que meios se empregaram para salvar a preciosa vida d'um tão grande soberano? Esgotaram-se, por ventura, em S. M. el-rei todos os recursos da sciencia medica? Não; tres vezes não!... S. M. o senhor D. Pedro v, foi victima d'uma molestia cuja natureza ignoravam e ignoram ainda os distinctos medicos que lhe assistiram. Prova-mos no exuberantemente as disparatadas e incoherentes noticias que se deram do estado assim de SS. AA., como de S. M. el-rei, e provam-no mais clara e exuberantemente ainda os relatorios da autopsia dos illustres finados.

Quando é que os medicos do paço fallaram verdade? Antes ou depois da morte? A contradicção entre as autopsias e as partes dadas antes é clara e manifesta! Agora podem escrever e improvisar o que quizerem; porém nós lhes redarguiremos sempre: — quando foi que os medicos do paço fallaram verdade? E assim concluiremos em boa logica — S. M. o senhor D. Pedro v, foi victima d'uma molestia cuja natureza ignoraram e ignoram ainda os distinctos medicos que lhe assistiram.

Cumpra-nos aqui declarar que não é como censura aos medicos da real camara, que escrevemos estas amargas reflexões; não é intenção nossa deslustrar-lhes o reconhecido merito, historiámos apenas um facto, e concebemos até bellamente a possibilidade de um estado morbido insidioso, desconhecido em sua forma e natureza. Não vae 'nisto, repetimos, censura aos medicos, nem está 'nisto a sua culpa. O que lamentámos é que as augustas pessoas de S. M. e AA. de cuja vida estavam pendentes os destinos de uma nação, fôssem tractadas com menos cuidado e mais desprezo do que seria hoje tractado no Porto e em Lisboa, e até já em algumas villas e aldeias, não um rei nem um principe, mas qualquer individuo, que se achasse acommittido de uma molestia grave, ou a braços com a morte!

E não nos estranhem o paradoxo: «o sr. D. Pedro v», repetimos, «no estado actual da sciencia, não foi tractado nem como rei, nem como era digno que o fôsse pelas elevadas qualidades e bondoso coração com que Deus o tinha dotado.»

É uma vergonha que o chefe do estado, o mais amado e querido dos monarchas, morresse á mingua dos recursos da sciencia: porque, digamol-o com lealdade e franqueza — a medicina, a sciencia de curar, nunca se resumiu nem resumirá jámais 'num só dos seus methodos, e muito menos 'naquelle, em-

hora lhe chamem official e orthodoxo, que é infelizmente o que mais notaveis provas dá da sua inferioridade! — Bastava já para eterna vergonha a morte de S. M. a rainha D. Estephania; diremos «eterna vergonha» porque lá está a ex.^{ma} sr.^a D. Virginia Folque¹, que votada a uma morte certa (com a mesma molestia) pela orthodoxa medecina, foi salva em dez dias, pelo methodo homoeopathico! E quantos se não curaram, por esse mesmo tempo, aqui e em Lisboa, pelo mesmo methodo, sem que conste que um só morresse?!

Era aqui o logar proprio para adduzirmos em nosso favor os milhões de curas obtidas, lá por fóra, pela medicina homoeopathica já nos palacios, já nos hospitaes públicos e particulares, já nos consultorios, já nas casas particulares, e já em fim nas proprias praças; porque finalmente é sabido que até nas praças e ruas públicas muitos individuos acommittidos da cholera, e já cahidos e quasi moribundos, foram salvos, graças á divina inspiração de Hahnemann, e zêlo ardente e caridade evangelica de seus discipulos! Mas para que ir buscar provas a casa alheia, quando as temos, e já tantas, na nossa propria? Appello para o juizo dos homens rectos e imparciaes; appello para a consciencia de centenares de nossos concidadãos, que devem a vida e a saude á medicina homoeopathica; appello finalmente para o opinião pública, e ella que diga quantos, desde o dia 5 de abril do anno de 1852² até hoje, e na nossa propria terra: lhe não devem a vida e a saude? Querem mais uma prova? Tel-a-hão e bem amarga.... Comparem a desgraçada sorte do nosso infeliz monarcha e de seus augustos irmãos, todos tres jovens ainda, e no vigor da vida, gosando de boa saude, e sem precedentes de molestias, com o manifesto triumpho alcançado no sr. duque de Saldanha, ancião, carregado d'annos e trabalhos, afflicções e molestias! Pensem e meditem bem 'nisto, a sangue frio e sem paixão, digam-nos, se, á vista d'estes factos e de muitos outros analogos, que podiamos referir, houve para com S. M. o sr. D. Pedro v, o cuidado, o zêlo, o interesse, o desvelo e attenção devida para um tão grande rei?

A vida do sr. D. Pedro v, como rei, não lhe pertencia a elle só, e á nação, o seu povo tinha direito á sua existencia.

Magoam-nos profundamente as reflexões que neste momento nos sobem á mente attribulada... Em face das provas irrefragaveis, que a historia «nos refere em favor da homeopathia» e das muitas igualmente, sem contestação, do dominio da actualidade, negar os fóros de verdadeira sciencia á homoeopathia, é negar á luz do dia a verdade reconhecida por tal, e insultar o senso commum na face de homens de sciencia e consciencia, é final-

¹ Vid. Gaz. Hom. Lisbonense n.º 17.

² Dia da abertura do consultorio Homoeopathico portuense.

mente ultrajar a divindade negando a força e poder de suas leis! E em relação ao augusto monarcha, ao magnanimo rei, que todos cor-dealmente choram, terem-se-lhe negado os recursos que elle, o sr. D. Pedro, o desditoso, poderia, talvez, ter tirado de uma justa applicação homoeopathica, foi, digamol-o para eterna vergonha de quem nos rege e governa, foi repetimos, uma falta que não sabemos qualificar! O governo de Portugal não comprehendeu devidamente a alma sancta e nobre do melhor dos reis; se a comprehendesse, el-rei o sr. D. Pedro v, teria morrido, é possível, mas não teria ficado este duro espinho a punzir o coração de um povo inteiro, que comprehendendo a grandeza do seu monarcha, o amava do fundo d'alma, e o chora agora e chorará em quanto Portugal for Portugal!...

É mister, pois, que este estado de dúvida e de descrença, mais sythematica que natural, desapareça. É mister que a protecção que o governo tem prestado á homoeopathia não seja uma protecção ficticia, uma burla: cumpre rigorosamente que se tenha na devida consideração o parecer e voto da antiga e muito respeitavel faculdade de medicina da Universidade de Coimbra, e cumpre mais que tudo isto ainda — *que se estude o que se ignora, e que a sciencia de curar, a medecina, não seja uma sciencia de impostura nas mãos da mór parte dos seus ministros.*

No reino vizinho acaba S. M. C. de dar um franco e leal testemunho do quanto pôde o seu amor maternal, e o seu dever, como rainha, para com S. A. Serenissima a sr.^a infanta D. Maria da Conceição, e para com o seu povo. Todos sabem que S. M. a rainha, tanto que soube que os medicos da real camara desesperavam de salvar o precioso fructo do seu catholico amor, se deu pressa a mandar chamar o ex.^{mo} sr. Dr. D. Joaquim Hysern, e que, em acto continuo, foram ouvidos em consulta mais quatro distinctos medicos, todos homoeopathas, e todos elles dos mais escolhidos dos representantes da medecina homoeopathica de Madrid. S. A. como é sabido, chegou ainda sob a influencia do tractamento homoeopathico, a apresentar algumas lisongeiras melhoras; porém a molestia era de si gravissima, quasi se podia dizer mortal, estava além d'isto muito adiantada, e assim força foi cumprirem-se nella os insondaveis decretos da Providencia. Todavia o sancto amor de mãe revelou-se clara e publicamente, e os sagrados deveres de rainha e de mãe, cumpriram-se tambem.

E que se fez em Portugal para salvar o rei e com elle a patria?

O REI E A PATRIA?!...

INFELIZ REI, E MAIS AINDA INFELIZ PATRIA...

Porto, 1 de Dezembro de 1861.

A. F. Moutinho.

Hespanha e Portugal

(Continuado do número 10)

Estranho contraste formam os citados paragraphos do sr. Aldama com a dolorida commiserção com que o nosso folhetista tracta os portuguezes, com aquellas phrases fatidicas da decadencia, por onde vemos precipitar-se Portugal, da prostração de suas provincias, de suas debilidades e lesões organicas, e d'aquelle corpo salto de vigor e de condições vitaes, opprimido pela Inglaterra dentro d'um sacco de algodão.

Porém não só nisto, mas em tudo, está o livro do sr. Aldama em aberta contradicção

com o folheto do sr. Gullon, escripto muito ligeiramente. «O número dos que lêem e escrevem em Portugal não cresce tanto como em Hespanha tem crescido.» E o sr. Aldama responde: Em porporção das respectivas povoações, temos sem dúvida que se lê mais em Portugal do que em Hespanha. «O sr. Gullon diz que os portuguezes não têm industria; e o sr. Aldama responde que na exposição universal de Paris houve 446 expositores de Portugal, dos quaes 218 obtiveram premio, e enche varias páginas do seu livro com uma lista de productos e manufacturas d'aquella parte da peninsula. Assim desvanece o erro em que têm incorrido a maior parte dos geographos, economistas e viajantes, suppondo os portuguezes quasi inteiramente desprovidos de fábricas; e assegura que o desinvolvimento que adquiriu a industria manufactora em Portugal merece a pena de que o governo mande fazer a sua estatistica, etc., etc.» Comtudo apesar dos imperfeitos dados estatisticos que sobre este ponto, nos subministra o sr. Aldama, bem se deixa ver em que ponto industrial e commercial relativo se acham os portuguezes muito mais prosperos, do que os hespanhoes.

Não gosam já d'aquella prosperidade de industria relativa, de que em principios d'este seculo gosavam, e que chegou a inspirar receios aos inglezes; porém, desde 1856, tornou a reanimar-se alguma cousa mais o espirito industrial, dando as fábricas nacionaes mostras de vida, competindo com os generos estrangeiros no interior, e chegando a alguns annos a exportar para a America e Africa, o valor de 700,000 duros da nossa moeda.

Não queremos fatigar por mais tempo com algarismos os nossos leitores. O que desejar saber o que Portugal vale hoje em dia materialmente, recommendamos-lhe de novo a leitura do livro do sr. Aldama, em quanto nos congratulámos de que Portugal não esteja tão abatido e prostrado como alguns o pintam, e em quanto desejámos e esperámos, mais unirmo-nos a elle pelo que vale, do que estender-lhe mão compassiva e amiga, vendo-o pobre e desvalido. O primeiro é compativel com o character portuguez, que por ventura concederia a união como decorosa e conveniente; o segundo de modo algum o é. No seu nobre orgulho, nossos irmãos resistiriam sempre a que os recebessemos como por piedade; antes prefeririam morrer independentes e sós da morte com que o folhetista os ameaça.

Em vista dos dados do artigo precedente, não parece que nós, hespanhoes, tenhamos direito para dizer que em Portugal ha um abandono inevitavel e constante dos grandes interesses materiaes, e uma escassez, já chronica, de recursos cuja existencia não se concebe'naquella sexta parte da peninsula, quando as outras cinco, com equal solo, nas mesmas condições, após transtornos mais prolongados e transcendentales, gosam d'uma situação desafogada, prospera e, relativamente, até opulenta.

Qualquer livro, qualquer documento que compulsemos para nos convencer d'esta opulencia relativa de Hespanha, e d'esta indigencia de Portugal, vem demonstrar-nos que nos achámos em erro. Do *Compendio Estatistico* do sr. Aldama passámos ao *Almanack Gotha*, e vemos que a Hespanha exportou em 1854, noventa e tres milhões de reales, e que Portugal exportou vinte e sete milhões e meio, isto é, muito mais de uma quinta parte.

Vemos igualmente que Portugal tem em 1858 uma marinha de guerra, que consta de 37 vasos com 362 boccas de fogo, e a Hespanha uma marinha de 82 navios com 887 peças; que o exército effectivo portuguez conta de 18 a 20:000 homens, isto é, se as forças de terra de Portugal não são relativamente

superiores á Hespanha, não se pôde negar que o são as maritimas.

Diz o sr. Gullon, que o estado da fazenda pública em Portugal é deploravel, porém não é muito mais satisfatorio o de Hespanha, e diz-se que alli ainda se não pôde achar o meio de egualar a receita com a despesa; que se fazem emprestimos, que se augmenta a dívida pública, e que ha deficit todos os annos, como se em Hespanha não houvesse nada d'isto, em equal ou maior escala.

É certo que os rendimentos do estado não são em Portugal proporcionalmente eguaes aos de Hespanha; mas isto pôde provar que a administração alli é mais economica, e que o povo não está tão sobrecarregado de tributos. Não ha sem embargo, nem nisto mesmo, uma notavel inferioridade proporcional. As rendas de Portugal serão uns 260 milhões de reales, de sorte que não é proporcionalmente mais rico o thesouro hespanhol, senão na quinta parte do que os nossos rendimentos excedem á somma de 1:300 milhões.

No que levámos grande vantagem aos portuguezes é nas colonias. Se o rendimento total da ilha de Cuba é maior que o de todo o reino vizinho, e o seu commercio é duas vezes mais consideravel; esta colonia produz á Hespanha de oito a nove milhões de duros annuaes, ao passo que as portuguezas nada produzem, antes custam á metropole para as guardar, conservar e administrar pobremente, de tres a quatro milhões de reales por anno.

Mas a differença mais notavel em nosso favor está no progresso material, rápido e visivel, que ha na Hespanha desde o começo d'este seculo, e sobretudo desde ha vinte ou trinta annos, ao passo que Portugal apenas se tem adiantado em muito poucas cousas, e noutras ha decabido.

Assim resulta que, quanto mais proximos forem a nossos dias, os dados a que nos socorramos para comparar Portugal á Hespanha, mais favoraveis serão esses dados para esta última nação. Não negaremos que Portugal faz progressos, porém não tantos como a Hespanha. Os rendimentos das nossas alfandegas, que em 1818 não passavam de 90 milhões, chegaram a 220 em 1858. O nosso commercio de importação e exportação, de que já demos a somma total em 1854, elevou-se em 1858 a 2,420,112,302 reales. A nossa marinha mercante teve tambem tão consideravel augmento, que já no dicto anno de 1858 contava 5175 navios; isto é, mais do que todas as nações da Europa, menos França e Inglaterra.

(Continúa)

— Produziu o melhor effeito, acompanhado de profunda sensação, a carta d'El-Rei o Senhor D. Luiz I, em que agradece ao reino todas as manifestações de affecto e saudade, prestadas á memoria de D. Pedro v.

A carta é dirigida ao presidente do conselho de ministros, e vem publicada no *Diario de Lisboa*. Está redigida com a mais eloquente singeleza; é a verdadeira expressão de uma alma nobre, e inspirada pelos sentimentos magnanimos da crença na liberdade e de amor ao povo.

Consideramol-a como a primeira página gloriosa da historia do novo reinado.

Eil-a:

«Ao Marquez de Loulé, presidente do conselho de ministros.

«Meu caro Marquez. — Ha dores que se sentem, mas que não se podem expressar. A minha é uma d'essas. Ainda não enxutas as lagrimas pela morte d'um irmão querido, já outra campã se abria para receber outro irmão, que todo se dedicava á felicidade do seu povo,

Não posso, contudo, apesar de opprimido pela dor mais cruel, esquecer e deixar d'agradecer, não só aos habitantes das cidades de Lisboa e Porto, como também aos de todo o reino, as provas d'amor e sympathia, que deram por occasião da morte de meu sóbro todos querido irmão, El-Rei o Senhor D. Pedro v.

«Quando a dor e o lucto são espontaneos, são o mais valioso epitaphio a que um rei pôde aspirar. Grande é a minha dor, mas peço ao Marquez que faça saber aos portuguezes, que igual é o meu reconhecimento. — D. Luiz, rei de Portugal. — Lisboa, 1.º de Dezembro de 1861.»

A Iberia é um sonho

Em trovas cantemos um hymno bem livre
«De Lusos constantes na historia final»:
Brademos:—a Iberia é um sonho;—brademos;
E vivam os lusos, o Rei, Portugal.

Cobarde! nos brados insanos, que então,
Castella colloca bem louca ambição!
Nem lembra! que os lusos não têm só palavras,
Têm braços valentes, têm luso pendão.

O sangue fervente d'um grande Albuquerque,
Heroe mais que humano, d'Ormuz vencedor,
Lhes gyra nas veias: Camões, genio heroico,
Ateia em seus peitos da patria o amor.

Se em tempos felizes foi grande e potente
O reino, que aos reinos altivos deu lei,
E agora prostrado repousa; não julguem
Extincta dos Castros, dos Nunos a grey.

As portas do Oriente, á Europa latentes,
O Gama divino com arte mostrou;
Valôr, oh! desprezo!... negado por zoilos...
Qu'importa? não morre,—Camões o cantou.

Vós vistes os filhos d'Affonsos e Nunos,
Por Deus bemfadados d'Ourique no pé?!
Tremem?... Oh! Nunca; Bussaco dizcio-o,
Dizei-o francezes na guerra, sem dó.

Camões no seu leito de dores crivado
Moriêu, dando á patria seu último ai:
«Ao menos com ella, dizia o propheta,
«Eu morro...» E a gloria com elle se vae

E a patria, prostrada, partida de dores
Deixou aos Philippes lançar-lhe os grilhões.
Foi longo o martyrio... Porém de Dezembro
No dia primeiro partiu as prisões!!...

Canal e Montijo lembrae, castelhanos:
De Montes-Claros o feito? — lembrai-o:
Lembraí do Salado façanhas heroicas —
Das lusas cohortes, que ferem qual raio!

Ai! nunca na historia se viu de taes feitos
Contraste, arremedo de tal valentia!
Ainda no arremedo nos gyra o delirio
Do grão Viriato, que Roma yencia.

Em trovas cantemos um hymno bem livre
«De Lusos constantes na historia final»:
Brademos:—a Iberia é um sonho;—brademos;
E vivam os Lusos, o Rei, Portugal.

Manuel S. Alegre.

PASMATORIO

— No dia 8 do corrente teve logar no magestoso templo de Sancta Cruz, a festividade de N. S. da Conceição, cuja imagem alli se

venera. Oraram, de manhan, o sr. Padre Luiz Antonio Torreira, já bem conhecido na tribuna sagrada, como um dos mais abalizados prégadores, e de tarde o sr. Dr. Araujo. A egreja achava-se primorosamente adornada.

— Na segunda-feira, 16 do corrente, na Sé Cathedral, pelas 11 horas da manhan, ha de ter logar uma missa de *requiem e responso*, pelo eterno descanso de Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Pedro v, de sempre chorada memoria, mandada celebrar pelas artistas de Coimbra. Para assistir a cujo acto, foram convidadas todas as auctoridades, empregados publicos, associações, pessoas de distincção, e em geral a classe operária.

— A *Philharmonica Coimbricense*, de que é mestre o sr. João Alves, mandou, no dia 11 do corrente, na egreja de S. Bartholomeu, sufragando a alma do rei illustrado, o Senhor D. Pedro v, de saudosissima memoria. O templo estava cheio de povo.

— No dia 11 do corrente foram celebradas exequias solemnes, com *vesperas*, no dia 10, na capella da Misericordia d'esta cidade, sufragando a alma do fallecido rei, o Senhor D. Pedro v. Orou o sr. Padre Alves Matheus. A capella estava primorosamente adornada, e mais de cento e cincoenta lumes ardião, tanto em volta do tumulo, como nos altares e nos lustres. Assistiu o sr. Bispo Conde. A concurrencia foi numerosissima.

— No mesmo dia houve igual acto funebre na capella do Seminario Episcopal.

— Na capella da Universidade, e a expensas do corpo cathedratico e professores do lyceu, terão logar no dia 16 do corrente, com *vesperas* no dia antecedente, solemnes exequias pelo descanso eterno do nosso bondoso monarcha, o Senhor D. Pedro v, de saudosissima memoria. — É orador o ex.º sr. Dr. Francisco Antonio Rodrigues d'Azevedo, um dos ornamentos da tribuna portugueza, e decano e director da faculdade de theologia. A capella acha-se elegantemente adornada, e está levantada uma eça magestosa.

— No mesmo dia, na egreja de S. Bento, terá logar uma missa de *requiem e responso*, pelo mesmo motivo.

— Falleceu no mosteiro de Sancta Clara de Coimbra, a ex.ª sr.ª D. Maria Emilia, uma das religiosas que ainda existiam do convento de Sandelgas. Era uma virtuosa senhora. A sua perda é lamentada não só pelas dignas religiosas d'aquelle mosteiro, como por todas as pessoas d'amizade, e por aquellas a quem a fallecida prestava os maiores beneficios. A terra lhe seja leve.

— Em virtude de ser de grande galla o dia da aclamação do joven rei o Senhor D. Luiz I, ficou transferida para o dia 22 do corrente, a recita d'inauguração do theatro de S. Christovão. Applaudimos a resolução da illustre Direcção, que foi bem recebida pelos socios dramaticos.

— O sr. infante D. Augusto tem experimentado consideraveis melhoras, e parece que se acha livre de verride. Deus o permitta.

— Na villa de Verride, concelho de Montemor o Velho, a expensas da Juncta de Parochia, celebraram-se exequias pelo eterno descanso do rei illustrado, o Senhor D. Pedro v. Assistiram a este acto as principaes pessoas da villa, e o sr. Visconde de Ponte da Barca.

— Assistimos ao sermão prégado pelo sr. Alves Matheus, na capella da Misericordia d'esta cidade, por occasião das exequias de alli foram celebradas pelo eterno descanso de sua magestade o sr. D. Pedro v, e não podemos deixar de dizer que o achamos muito superior a muitos outros que temos ouvido aos primeiros oradores sagrados portuguezes. O

povo que alli concurreu sahio todo do templo derramando copiosas lagrimas, e possuido do mais profundo sentimento. O sr. Alves Matheus, como orador, poderá ser imitado, mas nunca excedido.

— Na reunião dos artistas, a que se procedeu no dia 8 do corrente, foi nomeada uma commissão para sómente pôr em pratica o programma approved pela assembleia, para a missa de *requiem* que a classe operária de Coimbra manda celebrar, sufragando a alma do virtuoso monarcha, o Senhor D. Pedro v, de saudosissima memoria. Não julgue pois o sr. Nascimento, membro d'esta commissão, que pôde deliberar o que quizer, ha de sujeitar-se ao que lhe for ordenado. A commissão foi eleita para trabalhar, e não para figurar.

— Continuam os carrões a impedir o tránsito na rua da Sophia. Não podemos deixar de acreditar que ha afilhados a proteger. Averigual-o-hemos; e depois fallaremos.

Lê-se no *Districto de Aveiro*.

— Na noite do dia 30 do mez proximo passado Manuel Machado, barqueiro morador nesta cidade estava deitado na prôa do seu barco onde muitas vezes costumava dormir. Às 11 horas chegou ao mesmo barco seu filho Roque, mancebo de 20 annos, e quiz passar a noite na mesma prôa juncto de seu pae. Manuel Machado não queria receber o filho mas antes lhe disse repetidas vezes que fôsse dormir a casa para fazer companhia a sua irman. O filho teimou e o pae, parece que com pouca vontade, condescendêra.

Seria passado um quarto de hora quando se ouviram repetidas pancadas na prôa do barco de Manuel Machado. Seguiu-se o silencio d'alguns minutos e logo após o filho em pé no meio do barco começou a gritar á voz de el-rei que matavam seu pae.

Longo espaço gritou assim, sem que ninguem acudisse apesar de acontecer isto no caes juncto á praça e de serem os gritos lastimosos ouvidos a grande distancia. A guarda militar encarregada da segurança da alfandega que ficava a doze metros de distancia não acudiu logo e menos os barqueiros que passavam a noite nos seus respectivos barcos amarrados no caes. Foi então que o sr. dr. Bento de Magalhães vendo isto sahio de casa com um creado, chamou os soldados da guarda da alfandega foi com elles ao barco de Manoel Machado e á luz de uma lanterna viram este desgraçado dentro da prôa com largas e profundas feridas feitas no rosto, na cabeça e nos braços o qual desde alguns minutos antes e logo que ouvira vozes de quem ia soccorrel-o tinha começado a clamar com voz enfraquecida, aqui d'el-rei que me matou meu filho, — prendam meu filho que me matou.

Quando mais o pae que me matou do filho, tanto mais este se esforçava por abafar as vozes do pae, esganiçando as suas.

Logo se viu alli o instrumento do crime que foi um comprido podão todo tinto de sangue. O sr. Dr. Magalhães mandou logo que os soldados se apoderassem do filho de Manoel Machado e o levassem para a cadeia o que se fez sendo para isso necessario quasi arrastal-o até lá; tanto elle se recusava a isso gritando que não queria abandonar seu pae que estava a expirar!!!

A esse tempo o sr. dr. Magalhães já tinha mandado pelo seu creado e por um filho de Francisco Sancto Thyrso, unico barqueiro que alli appareceu, recado ao hospitaleiro, para ter aberto o hospital, e recolher o ferido, e aos facultativos do mesmo hospital para que lhe viessem pençar as feridas.

O sr. Antonio José Martins Raposo, que então appareceu, tambem correu a casa dos mesmos a pedir que se não demorassem.

Quando o infeliz pae foi trazido para fóra da proa, vinha no estado mais lastimoso. A cabeça cheia de profundos golpes que chegavam aos ossos do craneo, cheio de mutilações o braço esquerdo com que elle, defendendo-se do filho, lhe amparava alguns golpes;—o rosto mutilado por tal fórma que um dos golpes lhe abria toda a face esquerda de cima a baixo vendo-se-lhe por elle os dentes.

A cabeça e rosto estavam inteiramente cobertos de sangue empastado; os olhos envidrados e mal podia suster-se.

A custo foi transportado para o hospital onde o sr. João Maria Regalla e seu filho lhe pensaram as feridas.

Parece que nenhuma d'ellas é mortal o que provavelmente se deve a ter sido committido o delicto dentro da proa do barco, onde por falta da altura não teve o parricida, espaço para vibrar os golpes á sua vontade.

Crimes de tanta atrocidade são rarissimos em qualquer paiz. Aveiro nunca os viu. É muito para sentir a falta de policia d'esta cidade, que chegou a ponto de occasionar a fugida do delincente. Ainda bem que a Providencia não quiz a sua impunidade, porque tendo muito tempo para fugir, ficou depois do crime o filho parricida, como que por uma força sobrenatural, amarrado ao que elle já suppunha cadaver de seu pae.

— Sahiu para Lisboa, a tomar assento na camara dos dignos pares, o sr. Bispo Conde d'esta diocese.

— No dia 11 do corrente se celebrou na igreja de S. Miguel, de Penella, uma missa de *requiem* por alma de sua magestade el-rei o Sr. D. Pedro V, de saudosa memoria; a cujo acto religioso assistiram muitas pessoas incluindo algumas de maior representação, trajando todas rigoroso lucto, e derramando copiosas lagrimas, com que exprimiam a viva dor que traspassava o seu coração pela morte do nosso adorado soberano. A philharmonica Penellense, possuida de eguaes sentimentos, foi em corporação ouvir a dicta missa, tocando durante esta várias peças funebres.

— Pedimos de novo a attenção da camara para o estado nojento e indigno em que andam os fardamentos dos guardas da policia municipal. É uma vergonha para os que têm a seu cargo os negocios do municipio. Teremos de voltar ao assumpto?

— O Caes do Serieiro continúa a estar cheio de imundicia. Quando é que a respectiva auctoridade se resolverá a mandar limpar aquelle local tão concorrido? O desmazêlo chegou ao maior auge de perfeição. Viva a tolerancia!

— Consta-nos que são dias de grande galla os dois posteriores ao da aclamação de Sua Magestade o Senhor D. Luiz I.—Será suspenso o lucto durante esse tempo, e poderá haver regosijo publico.

— Com o n.º 12 termina o 1.º trimestre da publicação do nosso jornal. Com o n.º 13 terá principio o 2.º, que esforcejaremos por agradar tanto, como até hoje o temos conseguido. Rogâmos, pois, aos srs. Assignantes em débito, se dignem satisfazer a importancia d'aquelle trimestre.

— O sr. Possidonio Alves da Silva Brandão está fazendo, de argila nacional, o busto do fallecido Monarcha, para ser apresentado na exposição universal de Londres, e depois offerecido a Suas Magestades.

— Um moço de cavallaria recebeu um couce no estomago, e tão forte que atirou com elle a terra. Pouco depois voltando a si, as primeiras palavras que proferiu foram estas:

«Isto não me admirou; esse cavallo tem-me raiva desde que eu uma vez disse a meu amo que o vendesse.» Qual d'elles era mais cavallo?

AVISOS

Os Artistas de Coimbra têm a honra de convidar, todas as pessoas da cidade e á academia, para assistir no dia 16 do corrente, pelas 10 horas da manha a uma missa de *requiem*, que a mesma classe manda celebrar na Sé Cathedral, para suffragar a alma do magnanimo e bondoso rei portuguez, o sr. D. Pedro V, de sempre chorada memoria.

São convidados os artistas de Coimbra a comparecerem no dia 16 do corrente, ás 9 horas da manha, nos paços d'este concelho, afim de formarem prestito; e irem á Sé Cathedral assistir á missa de *requiem*, que os mesmos artistas alli mandam celebrar pelo eterno descanso de Sua Magestade el-rei o senhor D. Pedro V, de sempre chorada memoria. A commissão espera que todos se apresentarão trajando de rigoroso lucto.

Na segunda feira, 16 do corrente, pelas 8 horas da manha, os alumnos internos do Collegio de S. Bento, com o fim de suffragarem pela alma do muito chorado monarcha o Senhor D. Pedro V, de saudosa memoria, mandam celebrar na igreja do mesmo Collegio, uma missa cantada, acompanhada a musica vocal e instrumental, seguindo-se depois a absolvição do tumulo, com os respectivos responsorios.

Todas as pessoas que quizerem assistir a este acto todo sentimental e religioso, tornal-o-hão mais solemne, obsequiando ao mesmo tempo os alumnos do mesmo Collegio.

PUBLICAÇÕES LITERARIAS

FLOR DO MONDEGO

REDACTORES — Ilydio dos S.— A. M. da Conceição

Os redactores da nova empresa contam pouco mais de tres lustros de idade; e sem desconhecem as difficuldades d'uma tão arrojada tentativa, contam que ella se tornará menos embaraçosa, se pela benevolencia pública, para nós não merecida, mas muito necessaria, affluirem assignaturas sufficientes, não dizemos para haver lucro capaz de comprar uma cautella de 60 réis da loteria de Lisboa, mas ao menos para cobrir as despesas da impressão, já que infelizmente, e ainda menores, sujeitos ao pa-

trio poder, não temos a esperar senão o que o fructo do nosso trabalho produzir.

Sáia, pois, á luz a *Flor do Mondego*; não sahirá como flor no apuro da dicção, e belleza da linguagem; mas sahirá juvenil, porque são jovens seus redactores.

Venham assignaturas, e venham a flux, sem o que o nosso empenho será mallogrado.

Quem arranjar seis assignaturas realisaveis, terá um exemplar *gratis*.

PREÇO DA ASSIGNATURA

Em Coimbra, por trimestre 240 réis; semestre 400 réis.

Para as provincias por trimestre 300 réis; semestre 460 réis.

Temos a rogar ao illustrado publico se digne honrar-nos com a sua bondosa assignatura.

Assigna-se na loja da Imprensa da Universidade.

AGRADECIMENTO

Antonio Teixeira Felix da Costa e sua esposa D. Maria Emilia Correia Bandeira da Costa com seus paes os ex.ºs conselheiro Dr. Manuel Martins Bandeira e D. Joaquina Emilia Correia Bandeira, vêm por esta fórma dar um publico testemunho de gratidão, em geral, a todas as pessoas, que se dignaram tomar parte no desgosto por que acabam de passar com a enfermidade e prematura morte de sua querida filha e neta, e em especial aos ill.ºs srs. Dr. Bernardo Antonio da Serra Mirabeau, Dr. Antonio d'Oliveira Silva Gaio, e Ignacio Rodrigues da Costa Duarte, pelos incessantes cuidados, carinho e desvelo, com que sempre assistiram á inferma, que hoje no ceu implora para tão bons amigos as benções de Deus.

ESPECTACULOS

THEATRO DE S. CHRISTOVÃO

RÉCITA ORDINARIA

Domingo, 22 de Dezembro de 1861

O DIA DA REDEMPÇÃO

Drama original em 3 actos,

do Senhor Mendes Leal Junior.

OFFERECIDO

Á CIDADE E UNIVERSIDADE DE COIMBRA

O QUI PRO QUO

ou

OS EFEITOS DA AUSENCIA

Comedia em 1 acto,

de Hypolito Garcez.

PREÇOS

1.ª e 2.ª ordem	3\$000
Camarotes { 3.ª dicta	2\$400
{ 4.ª dicta	1\$800
Plateia	720 Galeria 300

Entrada ás 7 horas e meia.

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

PORTUGAL INDEPENDENTE

JORNAL ANTI-IBERICO, LITTERARIO E NOTICIOSO

DEDICADO Á MEMORIA DE EL-REI O SENHOR D. PEDRO V

E AOS PORTUGUEZES RESIDENTES NO PAIZ E NO BRAZIL

REDACTOR — Augusto José Gonsalves Fino

PUBLICA-SE AOS SABADOS

Assigna-se e paga-se este jornal: em Coimbra, na Imprensa da Universidade; nas Províncias, em casa dos Srs. Directores de Correios; no Brazil, em casa do Sr. José Julio Lopes Gonsalves, Rio de Ostras. Preços por trimestre, ou 12 números: em Coimbra 400 réis; nas Províncias 460 réis; no Brazil (moeda forte) 700 réis; — número avulso 400 réis. — Toda a correspondencia, franca de porte, será dirigida ao Redactor do *Portugal Independente*, Coimbra. — Escriptos não publicados, não serão restituídos.

EXPEDIENTE

É com o maior empenho que rogamos aos srs. Assignantes das provincias se dignem satisfazer a importancia do primeiro trimestre, remettendo-a a esta redacção em estampilhas, ou em valles, ou entregando-a ao sr. director do correio da localidade. E igualmente pedimos o favor de nos obterem algumas assignaturas; pelo que nos confessaremos summamente agradecidos.

Ex.^{mo} Sr. A pedido da Redacção d'este jornal, temos a honra de nos dirigir por este meio a v. exc.^a, rogando-lhe com o maior empenho, a graça especial de se dignar continuar a proteger esta publicação com a sua assignatura, assim como sollicitar de seus numerosos amigos para que auxiliem a empresa de tão util como interessante publicação, no que prestarão, a todos os respeitos, um bom serviço, que ha direito a esperar do seu patriotismo. Os abaixo assignados esperam merecer a attenção de v. exc.^a, pelo que desde já se confessam summamente agradecidos.

Antonio Vaz da Fonseca e Mello, Governador Civil.
Dr. Raymundo Venancio Rodrigues.
Dr. José Augusto Sanches da Gama.
Luiz Pires Monteiro Bandeira.
Olympio Nicolau Ruy Fernandes.
Paulo José da Silva Neves.
Ignacio Raymundo Alves Sobral.
Antonio José d'Oliveira.
Ricardo dos Santos Mesquita.
Antonio Vicente do Amaral Monteiro.

Os artistas de Coimbra foram no dia 16 do corrente ampliar a extensissima e não interrompida serie de demonstrações saudosas pelo mais popular dos monarchas, El-Rei o senhor D. Pedro v.

Não é adulação á realza o que temos presenciado: é uma manifestação solemne do modo como um povo livre sabe galardoar as virtudes d'aquelle que entre nós tão exemplarmente exerceu as attribuições de primeiro cidadão constitucional.

Nem uma, nem outra classe pôde disputar primasia nas lugubres scenas, em que têm figurado um povo inteiro.

A memoria do fallecido monarcha é o melhor dos florões da dynastia de Bragança: não é só respeito; em muitos é já devoção por aquelle, de quem não ha uma queixa, um

resentimento; e por isso é tudo espontaneo, sincero, o que o povo exprime em suas lagrimas.

A classe operária, que tanto se tem enobrecido nestes últimos tempos, ainda grangeou por esta acerba occasião mais direitos á estima de seus concidadãos. O modo respeitoso por que se tem sabido conduzir, tem até promovido a admiração! Bem haja o povo, que assim se nivela com as outras classes da sociedade! É assim que a egualdade deixa de ser uma utopia irrealizavel; é assim que a mais numerosa porção d'um povo poderá reclamar o lugar que de direito lhe compete no regimen social: é uma conquista pacifica, em cuja lucta não ha vencedores, nem vencidos!

O nobre exemplo das associações de Lisboa devia forçosamente incitar nos artistas de todos os angulos do paiz o mesmo desejo de ver geralmente respeitada a classe operária.

Honra aos dilectos membros d'essa classe, que por um esforço immenso têm sabido implantar no animo de seus irmãos o dogma da fraternidade, que já vae sendo o distinctivo unanime dos filhos do trabalho.

As associações de Lisboa — não se lhes negue essa honra — foram o germen de tudo o que hoje está fruindo a classe artistica. Tem ella assumido um grau de illustração, que ascende o que se deveria esperar d'aquelles a quem não sobra o tempo algum além do que lhe consome o labor das officinas. Assim mesmo, a imprensa diariamente registra o nome d'um ou outro artista, que, sequestrando alguns momentos ás fadigas diarias, apresenta o resultado de suas lucubrações litterarias, que não deixam de ser devidamente apreciadas. E neste lidar da intelligencia tomam já parte os filhos de todas as provincias do nosso paiz. Não citamos os exemplos, porque são elles do dominio de todos; e Coimbra não tem pequeno quinhão 'nesta nobre tarefa: ha aqui muitos artistas, que honram a sua classe, e que, se a fortuna os tivesse patrocinado, figurariam a par de muitas intelligencias, que por ahi pretendem ostentar de robustas...

O dia 16 do corrente ha de ficar memoravel entre os artistas de Coimbra: pagaram 'nesse dia uma divida de gratidão ao amigo dos artistas, elevaram-se a uma altura, que muito os nobilita; porque todos, com pequenas excepções, se agruparam, unidos em uma só vontade, para suffragar a alma de El-Rei o senhor D. Pedro v.

Os preliminares d'esta manifestação te-

mol-os exposto 'neste jornal; agora só nos resta prestar 'neste lugar o nosso preito á classe dos artistas de Coimbra em geral, e em especial áquelles a quem foi commettido o encargo de effectuar o funebre cortejo, cuja descripção é como se segue:

O prestito compunha-se de cerca de duzentos artistas, trajando de rigoroso lucto. Na frente ia a philarmonica Conimbricense, com a sua bandeira coberta de crepe. Seguia-se depois a classe operária em duas alas, por entre as quaes se viam alguns anjos vestidos de branco com crepes do lado esquerdo, de velludo sobre salvas de prata e almofadas de peltudo preto — um, a coroa real feita de pérpétuas e saudades; outro, o sceptro; outro a medalha de prata da Sociedade Humanitaria do Porto; outro uma bandeira com as quinas portuguezas; no fim das alas viam-se as diversas comissões. O sr. Olympio Nicolau Ruy Fernandes foi quem presidiu ao prestito; fechando-o a philarmonica Boa-União, com a sua bandeira coberta de crepe, e uma força de cavallaria e de infantaria.

Pelas ruas por onde passou o funebre cortejo, a concorrência era extraordinaria.

Celebrou a missa o ex.^{mo} sr. Conego Theoureiro Mór, e no fim houve o competente responso a instrumental.

O côro estava cheio de convidados, comprehendendo as auctoridades de Coimbra, e todas as pessoas da maior consideração.

Na igreja reuniu-se uma immensa multidão; e só quem souber como é o vasto templo da Cathedral, é que poderá avaliar o número de pessoas alli reunidas.

Toda a fôrça militar aqui estacionada, assistiu a este acto religioso.

No corpo da igreja elevava-se uma elegante e magestosa eça, nos angulos do qual estavam quatro cherubins com brandões accesos, e o mesmo se via em volta do tumulo. Sobre a eça estava uma coroa e sceptro real coberto de crepe, e na frente via-se o seguinte epitaphio, impresso em pergaminho, e com fitas pretas em volta:

MEMORIA

DE
SUA Magestade EL-REI
O SENHOR

D. PEDRO V

Os artistas de Coimbra

Nos suffragios por elles feitos

Em 16 de Dezembro de 1861.

Durante a missa, as duas philarmonicas, collocadas dos dois lados da eça, tocaram alternadamente; e á elevação da hostia houve a costumada continencia, rufando os tambores e tocando as cornetas.

As janellas do templo foram todas cobertas de preto, o que tornava ainda mais lugubre e triste o acto que alli se celebrava.

Vimos muitas pessoas derramar copiosas lagrimas.

Em fim, nada faltou para que semelhante solemnidade se tornasse o mais pomposa possivel.

Os artistas em geral são dignos dos maiores elogios, e com especialidade os srs. José Albino da Conceição Alves, José Correia dos Sanctos, Francisco Maria Gonsalves Fino, Manuel Augusto Amaro de Seixas, Augusto José Gonsalves Fino, José Bento, Antonio Maria Martins, e outros, de cujos nomes nos não recordamos.

A corôa e o epitaphio foram remettidos para Lisboa, por mão do sr. Olympio Nicolau Ruy Fernandes, a fim de tudo ser collocado sobre o athaude de sua magestade el-rei o sr. D. Pedro V, de sempre chorada memoria.

Honra, pois, aos artistas de Coimbra, que já vão reconhecendo, qual o logar que lhes cumpre tomar e qual a sua importancia na sociedade.

● Rei de Portugal D. Pedro V

(Traduzido do *Journal des Débats*.)

Não ha ninguem que se não sinta tocado d'uma dolorosa sympathia á vista das desgraças, que, seguindo-se a tantas outras, acabam de ferir golpe sobre golpe a casa real de Portugal. As paixões e os interesses podem dividir-nos, a perda da fortuna d'outrem, um revez politico soffrido por outros podem deixar-nos indifferentes e mesmo darnos satisfação, quando nisso vemos um triumpho para nós, ou quando imaginamos que a nossa prudencia nos teria preservado dos escolhos em que outros têm naufragado: mas quando se tracta de um d'esses infortunios que pairam incessantemente por cima dos lares de nós todos, e que nenhum poder, como nenhuma ternura humana, podem conjurar, então sentimo-nos impressionados para com as victimas por uma compaixão sincera, e tanto mais viva quanto ella nos recorda talvez o que soffremos hontem, ou quanto nos assusta pela unica ideia do que poderíamos amanhan soffrer. Entre todos os que têm dado com seus filhos penhores ao destino, qual não teria querido levar o testemunho do seu sentimento até ao Rei D. Fernando, até ao pae, que, depois de já ter pago tão pesados tributos á má sorte, acaba de ver-se privado de dois filhos em cinco dias? É, sem dúvida, ainda muito pequeno o número das pessoas que apreciaram, como o merecem, as raras e solidas qualidades de que este Principe deu provas numa posição brilhante na apparencia, mas não poucas vezes ingrata e sempre difficil; ainda hoje, talvez o mundo não tenha avaliado devidamente a coragem tão simples e tão franca, o bom senso tão modesto e tão seguro, que nunca lhe saltaram nas vicissitudes da sua carreira; mas quem se não tem apiedado das suas dores paternas?

Na Europa, a emoção foi geral; em Portugal, onde se sentem tocados de mais perto ainda, rebentou ella com uma vivacidade que espanta quasi, mesmo da parte d'essas naturezas meridionaes. Já não é só um lucto, é uma verdadeira catastrophe pública, e a multidão, como acontece o mais das vezes quando se ve ferida por golpes inespe-

rados ou se julga sob a influencia de um grande flagello, quiz procurar a causa da morte do joven Rei e de seu irmão no trama de conspirações impossiveis. Eram os operarios hespanhoes empregados em grande número na construcção dos caminhos de ferro que com os seus trabalhos, com os seus maleficios talvez, tinham envenenado o ar que respiravam os Principes. Rumores absurdos, chimeras de imaginações afflictas, mas que mostram tambem quanto foi profundo o effeito produzido no coração do paiz pela perda que acabava de soffrer. E isto não deixa de causar admiração: não que o Rei D. Pedro não fôsse certamente muito digno de todos os testemunhos de affeição que prodigalisam á sua memoria; mas quando se pensa na idade em que a morte veio arrebatá-lo, quando se pensa na pouca duração do seu reinado, quando se diz que esse reinado não foi assignalado por nenhum acontecimento do genero dos que captivam as imaginações populares, quando, em fim, se sabe o pouco gosto que El-Rei tinha por se mostrar, a inclinação que ao contrário tinha pelo retiro, circumstancias que eram favorecidas, sendo demasiado justificadas, por todos os luctos que elle teve de usar, achase alguma dificuldade em adivinhar, a não ser pelo que aconteceu no tempo da explosão da febre amarella em Lisboa, as occasiões em que se havia formado entre o povo e o rei todo esse thesouro de sympathias reciprocas que acabam de se manifestar com tanta força e sensibilidade.

S. M. Fidelissima, o rei de Portugal e dos Algarves, D. Pedro, quinto do nome, era como se sabe, filho da rainha D. Maria II da Gloria e do duque de Saxe-Coburgo Fernando, primogenito de oito filhos, reduzidos hoje a cinco; e, como todos os primogenitos da casa de Bragança, devia tambem este, morrer antes de ter chegado aos limites ordinarios da vida humana. Muito poucos d'entre elles têm reinado, e os que subiram ao throno, apenas lá se têm sentado. Nascido a 16 de setembro de 1837, o Rei D. Pedro tinha 16 annos quando foi chamado á corôa pela morte da rainha sua mãe, em novembro de 1853; acabava de fazer o vigesimo quarto anno da sua idade quando foi arrebatado, a 11 de novembro último á affeição da sua familia e dos seus subditos, ao respeito de todos os que tinham tido a honra de conhecê-lo. Casado em 1858 com a Princesa Stephanía de Hohenzollern, ficou viuvo no anno seguinte. Não houve filhos d'este casamento e por conseguinte o Rei D. Pedro teve por legitimo successor o duque do Porto, seu irmão, mais novo do que elle um anno, e que acaba de ser proclamado sob o nome de D. Luiz 1.º

A educação dos dois irmãos foi dirigida simultaneamente, e debaixo da vigilancia de seus paes, pelo respeitavel visconde da Carreira, o mesmo que durante dezoito annos exerceu as funcções de ministro de Portugal em Paris, e que deixou na sociedade parisiense lembranças que o tempo ainda não destruiu. Desde o principio, o Principe D. Pedro mostrou pelo estudo e pelo trabalho um gosto que conservou toda a sua vida. Isto não era n'elle um resultado da educação e da disciplina, mas uma inclinação natural; tambem se póde dizer d'elle que

foi um dos principes mais instruidos do seu tempo e de um tempo em que a instrucção dos principes é geralmente cultivada com extremo cuidado. O seu genio meditabundo e sério, antes que frio ou reservado, a perspectiva longinqua da corôa e dos deveres que ella impõe, contribuiam, além d'isso, para conservar essas disposições. Com o tempo fôra levado a fazer escolha entre os objectos dos seus estudos, e a preferencia do seu espirito tinha-o conduzido para a historia, para a politica e para as sciencias sociaes. Em materia de economia politica possuia um saber muito real, e era, como se diz, livre-cambista tão esclarecido como fervente. Isto não o impedia, apesar do que possam pensar certos espiritos, de ser muito affeioado ás letras. Tinha fundado nas suas residencias das Necessidades e de Mafra escholas primárias, cujo ensino era quasi dirigido por elle, assistindo ás sessões dos exames dos discipulos, que duravam algumas vezes cinco ou seis horas, comprazendo-se em distribuir elle proprio os premios, e em fazer os discursos do uso em semelhante occasião. Era como grande proprietario nas localidades onde tinha as suas residencias, que elle obrava assim, dando um exemplo que teria querido ver seguir pelos grandes do seu reino. Como Rei, tinha tomado dos rendimentos voluntariamente reduzidos da sua dotação os fundos necessarios para crear na academia de Lisboa cadeiras de historia e de litteratura nacional e estrangeira, e desejoso de as popularisar, assistia muitas vezes ás lições dos professores. Tinha uma fé inteira, absoluta no bem que deve fazer aos homens e ás sociedades a diffusão das luzes. Como consequencia assás natural, amava os livros. Era um bibliophilo com as qualidades e as innocentes fraquezas do officio. Não podia fazer pessoalmente essa caça ás raridades, que é um dos attractivos d'essa amavel paixão, mas tinha alguns amigos discretos que a faziam por elle, e a sua alegria era grande, quando se annunciava mysteriosamente a descoberta de alguns d'esses livros ou d'esses manuscriptos preciosos que as guerras, os abalos politicos e a supressão dos conventos lançaram em grande número nas lojas dos merceeiros ou nas dos mercadores de livros. Debaixo d'este ponto de vista, Portugal é um paiz a explorar para os amadores de livros. Ignoro a importancia numerica da collecção formada pelo joven Rei, mas vi, tive na mão e folheei alguns dos livros destinados a augmentar o thesouro real, e posso assegurar que, se algum dia se emprehender em Lisboa alguma publicação analoga á nossa collecção dos documentos ineditos relativos á historia nacional, haverá muito a aproveitar nessas obras perdidas, que os piedosos cuidados do Rei D. Pedro recolheram.

Aquelles que só o viram na viagem que fez em 1855, depois da proclamação da sua maioridade, não poderiam senão difficilmente fazer ideia do que elle se tornara, do desinvolvimento que se tinha produzido na sua pessoa, quando a morte veio arrebatá-lo. O anno passado tive a honra de o ver muitas vezes em Lisboa; quanto o achei differente do que o tinha visto em Paris! Já não era o adolescente que se ensaiava com alguma timidez ainda para ser o Rei;

era um bello mancebo, de estatura elegante, de maneiras abertas e affectuosas, de phisionomia expressiva, ligeiramente ironica quando tractava de certos assumptos, e amada quando fallava das cousas que lhe eram caras, mas as mais das vezes marcada de um caracter de profunda melancholia. Através de toda a sua tristeza nunca notei, todavia, nada que se assemelhasse a amargura; pareceu-me, ao contrario, que apesar das saudades que lhe inspiravam a perda ainda recente de uma esposa adorada, a recordação da felicidade de que havia tão plenamente gosado durante alguns mezes do seu casamento, radiava sempre na sua alma religiosa e resignada. Era reconhecido por alguns dias felizes que lhe haviam sido concedidos; sabia que a vida não é só um tecido de afflicções, mas sentia que a sua parte era grande na sorte commum das dores humanas, e desconfiava de algum modo do seu destino. A primeira audiencia que tivera a benevolencia de fixar-me teve de ser adiada, em consequencia da morte de um ajudante de campo, a quem tinha particular affeição, o general Loureiro, arrebatado por um ataque de apoplexia fulminante. Foi muito naturalmente a primeira cousa de que depois me fallou. «Parece, dizia elle, que sou fatal a tudo o que amo; minha mãe, minha irman, minha tia a duquesa de Nemours, minha mulher, todas desapparecidas antes da idade!» Depois poz-se a contar todos os pares do reino, ministros, conselheiros de Estado, generaes que tinha nomeado depois de ter subido ao throno, e cujos logares estavam já vazios em derredor d'elle. Estas dolorosas lembranças não o abandonavam; á sua última hora, quando, não desconhecendo a gravidade do seu estado, procurava consolar os outros, recitava ainda essa lista funebre, mas accrescentava, em forma de compensação, que a sua morte ia em breve libertar Portugal da funesta influencia que tinha pesado incessantemente sem descanso nem mercê sobre a existencia do seu Rei. (Continúa)

HYMNO

Para o juramento e acclamação de el-rei D. Luiz I

Guiado pela saudade,
Nas azas da gratidão
Transcende os astros, ó Hymno,
Dos ceus entra na mansão:
Dize a Pedro — o Virtuoso:
«Jurou imitar-te o Irmão.»
E verás radiar o rosto
De patriotismo expressão!

Dia fecundo d'esperanças!
Dia de consolação!
Hoje LUIZ — o primeiro —
Jura aditar a nação!
Seja pois a voz do povo:
«Real! sim; real! real!»
«Por Luiz, o Esperançoso!
Por Luiz de Portugal!»

Seguir jura o alto exemplo
Do sempre chorado Irmão:
Do Avô, e dos Paes digno,
Não será perjuro, não,
Defendendo a liberdade,
A justiça, a san rasão,
Se não é Pedro no nome,
Vae sel-o no coração.

côro

Dia fecundo d'esperanças! etc.

Do que é grande, do que é util
Tendo a sublime paixão,
Ser amado, como Pedro,
De Luiz é a ambição.
Abrazado em amor-patrio,
Sua esclarecida mão
Espalhar vae sobre o povo
A ventura, a illustração.

côro

Dia fecundo d'esperanças! etc.

Pelas cinzas sacro-sanctas
Do teu saudoso Irmão
Eis do povo os juramentos:
O povo não jura em vão.
«Vidas e fortunas temos,
«Rei'sperançoso, e tuas são
«P'ra defender o teu throno,
«A liberdade, a nação.»

côro

Dia fecundo d'esperanças! etc.

Do ceu, ó Pedro, onde gosas
Da virtude o galardão,
D'estes mutuos juramentos
Sê a sagrada canção!
Põe ante o throno do Eterno
Tua válida oração!
Sê o nosso intercessor!
Salva o rei! Salva a nação!

côro

Dia fecundo d'esperanças! etc.

PASMATORIO

— A Direcção do novo theatro que foi construido na antiga igreja de S. Christovão, deliberou que elle se denominasse — *Theatro de D. Luiz 1.*

— Hoje têm logar nesta cidade a cerimonia da quebra dos escudos. O prestito sahirá dos paços do concelho ás 10 horas da manha.

— Já foi remettida ao presidente da sociedade dos artistas lisboenses a corôa e o epitaphio que a classe operaria de Coimbra deliberou mandar collocar sobre o jazigo do fallecido monarcha o sr. D. Pedro v. Aquelles objectos foram entregues com todo o apparato ao sr. Olympio Nicolau Ruy Fernandes, sendo as respectivas Comissões esperadas á porta da Imprensa da Universidade por todos os artistas d'este estabelecimento.

— Os alumnos do collegio de S. Bento mandaram, no dia 16 do corrente, celebrar missa cantada e responso suffragando a alma do magnanimo rei, o sr. D. Pedro v. A concurrencia a este acto foi grande.

— Partiu no dia 19 para Lisboa o ex.^{mo} sr. José de Moraes Pinto d'Almeida, o melhor representante do povo que ha muitos annos se tem sentado nas cadeiras de S. Bento.

— Falleceu o principe Alberto, esposo da rainha de Inglaterra.

— O nosso joven Monarcha parece achar-se disposto a casar, tendo resolvido já quem deve ser aquella a quem hade offerecer, além da corôa de rainha, o seu coração: eis o que um jornal de Lisboa diz a tal respeito:

«Todos sabem que depois de tantas desgraças todos se compenetraram da necessidade de que o joven Rei D. Luiz passe a dar o nó matrimonial quanto antes. Segundo nos informam hoave quem insinuára a Sua Magestade tão grande conveniencia, para socêgo e tranquillidade dos seus subditos e da nação. Pa-

rece que se chegaram a nomear nomes augustos, ao que redarguirá o novo Rei, que já havia escolhido!...

«Foi grande a surpresa, que tal declaração produziua, mas não arrefecendo a curiosidade o senhor D. Luiz não teve dúvida em pôr claro o que para todos eram trevas.

Dizem-nos que o senhor D. Luiz se enamorara de formosa princesa prussiana, irman da fallecida rainha D. Estephania, e que declarára ter no coração de rei o mesmo sentimento que quando infante.

«Ha por tanto n'alma do joven rei essa elevação de affectos que tanto valem, e que muito devem brilhar e resplandecer no exercicio da sua missão suprema.

«El-rei D. Luiz, que parece havia dado o seu coração á princesa de Hohenzollern-Sigmaringen, pode agora offertar-lhe tambem uma coroa.»

— Calcula-se em Inglaterra que o marquez de Westminster tem 8.100:000\$000 réis de renda por anno; o duque de Bedford, réis 4.500:000\$000 réis; a marquezã de Londonderry 2.250:000\$000 réis, e assim muitos outros nobres. Mais de cincoenta d'estes poucos fortunas que lhes dão, segundo se calcula, de renda annual para mais de 225:000\$000 réis.

— Do *Commercio do Porto*. — Uma correspondencia do Bembe, com data de 30 de outubro, relata do modo seguinte o casamento de el-rei do Congo, celebrado em agosto:

«No dia 11 de agosto de 1861 logar o casamento de el-rei do Congo com a moxiconga D. Maria (hoje rainha). Este acto solemne foi pelas 9 horas da manha, para o que suas magestades se apresentaram juncto da fortaleza, onde d'antemão se tinha preparado uma capella, vindo acompanhadas do principe d'este reino, dos conselheiros e mais fidalgos, bem como de uma grande porção de povo, estando a maior parte armados de espingardas, e duas bandas de musica, uma do principe e outra de el-rei. As musicas compunham-se de oito a nove figuras e os instrumentos eram pequenas pontas de marfim, uma tamba e alguns chocalhós, etc.

El-Rei apresentou o seguinte vestuario: umas calças e jaleca de cotim, e uns sapatos velhos (os quaes elle pediu emprestados a um soldado que está ás suas ordens), e a elegante esposa trasia um lenço á roda da cabeça, um bonet á lanceira, um vestido de chita com alguns boracos e uns butes de soldado, não evitando estes que se lhe podessem contar os dedos dos pés.

Estando tudo preparado, seguiu-se o casamento, sendo o sacerdote o reverendo padre Gavião e padrinhos dois officiaes tirados da força armada d'esta guarnição, que tambem se achava presente a este acto. Finda a cerimonia, a fortaleza deu signal com uma salva real de artilheria. Por esta occasião el-rei deu de offerta ao rev. padre dois pequenos molletes, os quaes elle aceitou; bem como apparentava um porco para presentear o commandante da força, que o recusou, como tem feito a muitos outros. Este official parece ser o modelo dos officiaes da provincia, pois tem dado diversas prendas de valor ao rei e principe, e d'estes ainda não quiz receber cousa alguma. O que ha pouco d'aqui sabiu accitava inclusivê uma gallinha, e em todo o tempo que aqui esteve não lhe deu de seu nem um bago de coral, pois comia os presentes e gratificava-os com fazendas e aguardente da fazenda; isto é que é logica.

Estando tudo concluido, suas magestades se retiraram para palacio, digo cabana, acompanhados de seus prestitos. De tarde, el-rei brindou os soldados d'este destacamento com

um soffivel porco, que chegou a 4 onças a cada praça.

As seis horas da tarde os officiaes foram jantar ao palacio, para o que se achavam convidados de vespera por el-rei, e constou de uma gallinha guizada, duas assadas e cousa de meio arratel de lombo frito, e algumas bolachas que os convidados levavam, pois foi tão somente de que se compoz o lauto jantar. Em quanto a serviço, só direi que el-rei e sua familia costumam comer em uma bacia de mãos e em algumas gamellas de madeira, pois é a baixella que possui. Durante o jantar tocou escolhidas peças a harmoniosa musica, a qual se achava em uma sala proxima á do jantar (por equívoco disse salas, pois eram curraes de gado). No meio do jantar, el-rei, cheio de entusiasmo, fez ver ao innumeravel povo que o rodeava, qual era o seu poder, perguntando-lhe qual tinha sido a epocha em que elles tinham visto os reis do Congo terem á sua mesa os officiaes do *manipulo*, e outros palavriados; e em seguida deu os seguintes vivas — Viva o senhor D. Pedro v, rei do Congo — Viva D. Pedro v, rei de Portugal — e viva a senhora rainha! — Concluido o jantar, e mesmo porque estava escuro, e luz não a havia, os officiaes se retiraram para a fortaleza, terminando os reaes festejos com um solemne *batuque*, que durou toda a noite.

É preciso notar-se, que el-rei e a rainha foi esta a primeira vez na sua vida que usaram calçado. A rainha, á hora de jantar, estava um pouco mais decente, pois já não estava de vestido, e sim tinha um pequeno panno que só lhe tapava parte do corpo.

Por hoje basta de mais amargas verdades, tendo a lastimar que uma fracção do exército portuguez esteja aqui prestando auxilio e homenagem a estes figurões.

Bembe, 30 de outubro de 1861. — *Um europeu.*

— Um homem rico, indolente e melancolico (é um medico quem falla) consultou-me ha tempos ácerca das suas molestias. Eu disse-lhe: nada vos posso aconselhar; o unico homem capaz de vos restituir a saude está longe d'aqui.

— Onde está elle?

— Em Leão.

— Irei a Leão, me respondeu o homem.

Pouco tempo depois caminhava elle na estrada para Leão, munido de uma carta de que eu o tinha eucarregado, mas ignorando que outra carta minha dirigida á mesma pessoa tinha já sido expedida havia dias. Chegando a Leão disseram-lhe com um certo ar de tristeza que o homem, que elle procurava, tinha ido para Montpellier. O doente parte para Montpellier, d'onde o mandam para Bordeus, d'ahi para Argentac, d'ahi para Tulle, d'ahi para Tiviers, d'ahi para Blois, d'ahi para Lorient, d'ahi para Lisieux, d'ahi para Paris, aonde chegou completamente curado. Veio abraçar-me. — Oh! meu caro doutor, me disse elle, destes-me dous bellissimos medicos, e aqui estou para vos agradecer. — Quaes medicos, lhe perguntei eu. — O *cansaço*, que faz dormir, e a *esperança*, que buscamos correndo atraz d'ella.

— O *Districto d'Aveiro* faz uma declaração dizendo que por mal informado dissera, na noticia que deu d'um parricida em Aveiro, que a guarda militar não acudira com promptidão; porém, melhor informado, declara que a guarda dão só acudira aos primeiros gritos da victima, mas evitára que o parricida se escapasse. Estimamos muito a declaração ainda que, só quem não conhece os senhores capitães Lopes e Amaral, duvidaria que a força do seu commando não seria activa e vigilante no seu serviço, muito mais sendo essa força

do bem disciplinado regimento 18, do commando do sr. Leote.

— Correm por esse mundo de Deus, muitos prospectos para novos periodicos, entre os quaes apparece o *Relampago* e o *Trovão*, que junctos com o *Raio* formarão uma trovoadá horrivel!... Desejavamos ver tambem annunciado o *Aguaceiro* para que não fôsse secca essa trovoadá periodocal. A *Esperança* que já se esta penteando para sahir á luz pública, apparecerá animadora, como o anjo da bonança no meio da tempestade.

— Começaremos no número seguinte a dar publicidade aos nomes dos dignissimos senhores assignantes que já satisfizeram a importancia do trimestre hoje findo, o que lhes servirá de recibo; e agradecemos a pontualidade com que nos obsequiaram, esperando nós continuar a merecer o seu valiosissimo apoio.

— Sabemos que o sr. Francisco Antonio, sapateiro, na Couraça dos Apostolos, no dia em que teve logar a missa dos artistas, chamou alguns pobres a sua casa e lhes deu de jantar, sentando-os consigo á mesa. Foi uma acção nobre, que folgamos de registrar.

COMMUNICADO

Assim como os ramos d'uma arvore voltam o seu suco para a raiz d'onde o extrahiram; assim como o rio lança suas correntes para o mar d'onde trouxe a sua origem; da mesma sorte o coração do homem agradecido, se deleita retribuindo o beneficio recebido. E se não pôde recompensar-o, conserva com prazer a lembrança d'elle no seu peito, e não o esquece todos os dias da sua vida.

Foi possuida de tão religiosos, e nobres sentimentos que a ill.^{ma} camara da villa de Penella, presidida pelo ex.^{mo} sr. D. Luiz Cardozo d'Alarcão Vellasques Sarmiento, mandou celebrar no dia 16 do corrente, na igreja de Sancta Eufemia, umas solemnes exequias por alma do excelso e magnanimo rei de Portugal o sr. D. Pedro v, de saudosa memoria. O templo estava adornado de pannos pretos. No centro erguia-se uma magestosa eça com muitas luzes em todos os degraus. Sobre o athaude repousava a corôa real coberta de fumo; e quasi no meio da eça para o lado da porta principal do templo se achava o escudo das armas portuguezas tambem cobertas de fumo. Em volta do cenotaphio em que se sustentava o athaude liam-se as seguintes palavras: Gratidão ao amor, ao talento e á civilização. A orchestra compunha-se d'alguns socios da philharmonica Penellense, a qual em corporação veio assistir a este acto.

Cantaram-se os responsos e missa de *requiem*, estando presentes todos os parochos das freguezias do concelho, e outros ecclesiasticos. Os confrades do S. Sacramento das igrejas de S.^a Eufemia, e S. Miguel, d'esta villa, os das do Espinhal, Cumieira, e Podentes, tambem vieram ao templo em corporação dirigir ao altissimo suas supplicas pelo eterno descanso de sua magestade. A irmandade da sancta casa da misericordia igualmente foi presente a este acto, trazendo as respectivas insignias. A oração funebre foi recitada pelo reverendo Manuel José Erse, dignissimo prior de S. Miguel. O illustre orador sagrado escolheu para thema do seu discurso o seguinte: «*Nunc reges erudimini qui judicatis terram.*» O reverendo padre Erse reuniu num breve quadro os factos gloriosos do augusto monarcha, foi eloquente, e conseguiu commover o auditorio com a dolorosa discripção das desventuras que encheram o reinado do sr. D. Pedro v.

Assistiram a este acto a ill.^{ma} camara, ad-

ministrador do concelho, juiz ordinario, e mais empregados civis, e administrativos; bem como houve grande concurrencia de povo, que tornou mais pomposa a cerimonia funebre. É digna, pois, do maior louvor a deliberação da ill.^{ma} camara que assim se mostrou grata á memoria do nosso bom rei, dando uma prova clara e convincente do quanto lhe foi sensivel tão infausto acontecimento.

Penella, 17 de Dezembro de 1861.

José Maria Eugenio.

AGRADECIMENTOS

A Commissão dos Artistas de Coimbra, a quem foi incumbida a honrosa missão de levar a effeito a funebre demonstração e a missa por alma do Rei constitucional o Senhor D. Pedro V, vem por este meio, em nome da sua classe, patentear o seu reconhecimento á todas as auctoridades civis e militares, pela sua deferencia para com a classe artistica, por terem accedido ao convite, que pela commissão lhes foi feito. Igual agradecimento dirige ao Ill.^{mo} Cabido e mais pessoas, que cooperaram para a pompa d'aquelle acto, e que de qualquer modo coadjuvaram a commissão. Finalmente a commissão congratula-se com todos os seus collegas que tomaram parte no prestito, ou compareceram na Sé Cathedral, no que muito contribuíram para o bom exito de tão triste encargo. A commissão pede desculpa de qualquer convite, que deixasse de dirigir.

Em carta que dirigi á commissão dos artistas de Coimbra, agradecei-lhe o honroso logar que me concederam no prestito funebre em que os artistas se dirigiram á Sé Cathedral, para suffragar a alma de Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Pedro V. Agora, por este meio, faço público o meu reconhecimento pela muita deferencia que os artistas se tem dignado dispensar-me, desejando ter occasiões em que possa corresponder-lhes.

Coimbra, 18 de dezembro de 1861.

Olympio Nicolau Ruy Fernandes.

ESPECTACULOS

THEATRO DE D. LUIZ I

RÉCITA ORDINARIA

Domingo, 22 de Dezembro de 1861

O DIA DA REDEMPÇÃO

Drama original em 3 actos,

do Senhor Mendes Leal Junior.

OFFERECIDO

Á CIDADE E UNIVERSIDADE DE COIMBRA

O QUI PRO QUO

OU

OS EFEITOS DA AUSENCIA

Comedia em 1 acto,

de Hypolito Garcez.

PREÇOS

Camarotes	1. ^a e 2. ^a ordem	3\$000
	3. ^a dicta	2\$400
	4. ^a dicta	1\$800
Plateia	720 Galeria	300

IMPRESA DA UNIVERSIDADE

PORTUGAL INDEPENDENTE

JORNAL ANTI-IBERICO, LITTERARIO E NOTICIOSO
DEDICADO Á MEMORIA DE EL-REI O SENHOR D. PEDRO V

E AOS PORTUGUEZES RESIDENTES NO PAIZ E NO BRAZIL

REDACTOR — Augusto José Gonsalves Fino

PUBLICA-SE AOS SABADOS

Assigna-se e paga-se este jornal: em Coimbra, na Imprensa da Universidade; nas Provincias, em casa dos Srs. Directores de Correios; no Brazil, em casa do Sr. José Julio Lopes Gonsalves, Rio de Ostras. Preços por trimestre, ou 12 numeros: em Coimbra 400 réis; nas Provincias 460 réis; no Brazil (moeda forte) 700 réis;— número avulso 100 réis. — Toda a correspondencia, franca de porte, será dirigida ao Redactor do *Portugal Independente*, Coimbra. — Escriptos não publicados, não serão restituídos.

EXPEDIENTE

Com este número damos principio ao 2.º trimestre d'este jornal, que julgamos haver correspondido dignamente ao fim a que se propoz; pelo menos temos empregado o mais activo zêlo por satisfazer a missão a que nos propozemos; e continuaremos a prestar todo o cuidado em não desmerecer na opinião pública.

Resta-nos agora, para cumulo de maior gloria, que os srs. Assignantes em debito satisfaçam immediatamente a importancia do 1.º trimestre, porque temos de satisfazer as despesas feitas com esta publicação; e porisso supplicamos-lhes a graça especial de se dignarem annuir ao nosso empenho, e attenderem a que nossas deves circumstancias nos não permitem adiantar dinheiros que não possuimos.

Egualmente rogamos a todas as pessoas a quem dirigimos este número, e que ainda não hajam assignado, o favor de nos coadjuvarem, ao menos no presente trimestre; devolvendo-nos, porém, este exemplar se por ventura não formos attendidos.

Ex.º Sr. A pedido da Redacção d'este jornal, temos a honra de nos dirigir por este meio a v. exc.ª, rogando-lhe com o maior empenho, a graça especial de se dignar continuar a proteger esta publicação com a sua assignatura, assim como sollicitar de seus numerosos amigos para auxiliem a empresa de tão util como interessante publicação, no que prestarão, a todos os respeito, um bom serviço, que ha direito a esperar do seu patriotismo. Os abaixo assignados esperam merecer a attenção de v. exc.ª, pelo que desde já se confessam summamente agradecidos.

Antonio Vaz da Fonseca e Mello, Governador Civil.
Dr. Raymundo Venancio Rodrigues.
Dr. José Augusto Sanches da Gama.
Luiz Pires Monteiro Bandeira.
Olympio Nicolau Ruy Fernandes.
Paulo José da Silva Neves.
Ignacio Raymundo Alves Sobral.
Antonio José d'Oliveira.
Ricardo dos Sanctos Mesquita.
Antonio Vicente do Amaral Monteiro.

A familia real portugueza

Já não pôde haver dúvida que a familia Real Portugueza verga sob o péso de uma influencia occulta! A morte prematura de nosso adorado mas infeliz Monarcha, o sempre chorado sr. D. Pedro v, e de seu augusto irmão o sr. D. Fernando, ainda foi attribuida a essas influencias paludosas dos arrozaes e pantanos de Villa Viçosa, e assim foram quebradas, que não destruidas, as suspeiças que seus fieis subditos nutriram, de que um crime nefando produzira aquellas catastrophes; mas o estado perigosissimo em que se acha o sr. Infante D. João, e que a folha official, e com mais clareza e precisão diversas correspondencias particulares nos noticiam, vêm, desgraçadamente, confirmar aquellas suspeiças, porque Sua Alteza não aquier os pestíferos miasmas dos arrozaes, e comtudo a molestia que o tem ás bordas da sepultura, é comtudo identica á que arrebatou aquellas duas vidas preciosas!

Poderá ainda negar-se que a Patria e a Dynastia de Bragança tem inimigos jurados, que procuram aniquilal-a? Pensemo como quizerem, que nós estamos convencidos de que existe uma conspiração nefanda, que a todo o custo e por todos os meios, quer arrebatat de nossos braços tão queridos Principes!

Qual o fim?!... Ignorâmo-lo, ou melhor, não diremos o que a tal respeito pensamos.

O sr. Infante D. Augusto, segundo as mesmas noticias, supposto continúe livre de perigo, ácha-se em um estado bem lastimoso, e poucas ou nenhuma esperanças offerece de um completo restabelecimento.

Que nos resta? Sua Magestade El-Rei o sr. D. Luiz.

Qual é porém o estado de sua saude?

Ainda essas noticias nol-o dão como passando encommodado!...

Oh fatalidade!

Deus que é Poderoso pôde em seus altos designios ter determinado todas essas molestias, e verdade, e grandes são os nossos crimes e perversidade para que Elle nos castigue por essa fôrma; mas se muitos são os máus, tambem entre elles devem existir alguns justos, a quem o Eterno não fulminaria, envolvendo-os nas calamidades e desgraças que a falta de nossos Principes nos acarretaria, porque Elle é Pae de misericordia e bondade, e porisso temos viva fé que as desgraças que nos têm affligido e que nos ameaçam, não é obra do Omnipotente, e sim da inaudita perversidade dos homens, e, talvez... quem sabe? d'essa... cousa a que alguns chamam *alta politica*!

Estamos pobres, é verdade: não temos tido um governo que bem comprehendesse sua alta missão, e promovesse com boa fé e sinceridade collocar-nos a par d'essas nações, hoje

poderosas, mas a quem já demos as leis, e para o que não nos faltam muitos elementos: só temos tido, salvas honrosas e mui limitadas excepções, governos de facção, que a nada mais tem olhado do que aos seus interesses pessoas e aos de sua clientela, esquecendo os da patria, a quem só deviam dedicar-se e servir: só temos tido esses governos, que a par d'alguns melhoramentos materiaes, têm, e mesmo a sombra d'elles e talvez sem reflexão, cavado a nossa ruína; mas se homens ha que não sabem ou não querem comprehender os seus deveres, e fecham os olhos aos nossos males, deixando-nos soffrer, sem esperança d'enchugar nossas lagrimas, desapareçam de entre nós, porque no seio de quatro milhões de portuguezes, ainda não de encontrar-se verdadeiros patriotas (não d'esses que apregoam patriotismo em tudo e por tudo, sem d'elle possuirem a mais insignificante particula) que nos possam salvar do abysmo que ameaça engulir-nos.

Essa pobreza e esses erros governativos, ainda não nos fizeram perder os nossos brios nacionaes, e bastantes têm sido as provas que nos ultimos dias temos dado d'essa verdade, para que alguem julgue que, ainda mesmo que realizados fôssem seus tenebrosos planos, os portuguezes deixariam de ser portuguezes, mesmo á custa de seu sangue — do de seus filhos — e de tudo quanto lhes é caro, porque para conservarem sua nacionalidade, a nenhum sacrificio deixarão de sugeitar-se.

A voz do povo, que é a voz de Deus, já clama em altas vozes e nós fazemos córo com elle, para que o nosso jôven e esperanças soberano e familia real deixe immediatamente a capital, e venha estabelecer sua residencia na provincia: tem Coimbra e tem o Porto, cujos habitantes, subditos fieis, lhes dão toda a garantia de segurança pessoal; mas é necessario que Sua Magestade com o abandono da capital, abandone tambem despedindo do seu real serviço, os facultativos e todos os empregados do Paço, desde o primeiro até ao último: não faltam portuguezes dignos da escolha de Sua Magestade, e que com todo o zêlo e fidelidade lhe prestem os serviços de que carecer, sem que d'elles possa haver as suspeiças que, bem ou mal fundadas, pesam hoje sobre essa camarilha que cerca a real familia, e que já ha muito devia talvez ter sido obrigada a abandonar os Paços reaes.

Confiâmos que o Conselho de Estado, o Governo, e as Côrtes deliberarão neste sentido, e empregarão todos os meios humanamente possiveis para descobrir a verdadeira causa de tão lamentaveis desgraças e os criminosos, se os ha, applicando a estes logo os castigos correspondentes ao seu nefando crime, sem consideração alguma a estado, sexo, ou condição de cada um; porque só assim será desafiada uma nação inteira.

Deus salve a Patria e o Rei. R.

Rei e Artistas

A *.

Ha um anno ainda acordava Coimbra ao som dos repiques festivos e dos gritos de entusiasmo, que partiam de todos os angulos da cidade! Ha um anno ainda artistas e fidalgos, commerciantes e homens de letras, reuniam-se todos e abriam suas fileiras, d'onde sahiam vivas loucos de contentamento, para deixar passar o Rei, que em tão pouco espaço tinha sabido conquistar o amor de seu povo! Então a alegria via-se nos rostos de todos, porque no seu seio viam um homem, que sendo Monarcha, vinha só ao meio d'elles, e lhes agradecia com a cabeça descoberta e as lagrimas nos olhos as demonstrações sinceras da sua dedicação.

Porque hoje esse som plangente do dobre continuado dos sinos nos vêm repercutir nos ouvidos?! Porque essa coroa real coberta de crepe, porque esses tropheus envolvidos em lucto, porque esse sceptro partido sobre um sarcophago?!...

É porque o dia 11 de novembro amanheceu lugubre para todo o Portugal; é porque no dia 11 de novembro, a morte subiu os degraus do throno dos nossos Reis, e precipitou d'elle para debaixo da lousa sepulchral o sr. Rei D. Pedro v, e hoje a classe artistica de Coimbra toda reunida num abraço de irmãos, vae depôr sobre a eça do que na terra foi o seu amigo e protector, um óbolo de respeito e saudade; não são mentidas as suas lagrimas, e estas não as arranca a adulação.

É o espectáculo mais tocante, dos que ha muito temos presenciado, é o de que Coimbra foi hoje testemunha; homens, a quem as mais duras privações não fazem verter muitas vezes uma lagrima, homens, que comem todos os dias o pão amassado com o suor, que lhes gotteja das fronteiras, vergadas sob o peso do trabalho, hoje formados em alas, com a dor, que lhes vae na alma, reflectida nos rostos e nos pobres vestidos, caminham em silencio, com os olhos, que o servilismo não faz abaxar, virados tristemente para a terra, para o templo, aonde vão em breve dirigir suas supplicas ao Senhor pelo descanso eterno do que na terra foi Rei, e que hoje é de certo um dos seus eleitos; e quem ha ali que se não sinta repassado de dor, ao ver esses homens, para quem o trabalho é mais do que uma lei, é uma necessidade, e essas criancinhas vestidas de branco, symbolo de pureza, e de escomilha, symbolo de tristeza, reunidos para um fim tão sancto como nobre?! Qual é o coração verdadeiramente portuguez, que não estremece de saudade ao ver essa coroa de perpétuas, offerecida humilde, mas dictada por um sentimento verdadeiro, e destinada a ser um dos mais bellos adornos do tumulo de D. Pedro v?!

Abria o prestito uma das philarmonicas de artistas d'esta cidade, fechava-a a outra, ambas tocando marchas funebres; e atraz da última marchava a guarda de infantaria. Nas alas ia tudo quanto em Coimbra é artistas, e no fim d'ellas tinham concedido o logar de honra a quem de direito competia; caminhava ali o Administrador da Imprensa da Universidade, com os olhos afogados em lagrimas, e procurando abafar os soluços, que lhe rasgavam o peito; artista, não tinha querido deixar de acompanhar os seus irmãos pelo trabalho, de quem elle é mais que irmão, é amigo estremoso; era elle que conduzia o anjo, que sobre uma almofada de veludo preto levava essa coroa tão leve, porque era de flores. Na Sé o officio divino foi ouvido com todo o respeito, tocando durante elle, cada uma por sua vez, as duas philarmonicas.

Chorem artistas, são nobres as vossas lagrimas; o homem, que com a sua presença e o seu exemplo animava os vossos trabalhos, morreu, o amigo, que durante as epidemias, que devastaram Lisboa, ia sentar-se á cabeceira dos vossos irmãos agonisantes, refrescando-lhes os labios seccos pela febre, e animando-os com palavras de consolação, já não existe; a lapide fria do tumulo desceu sobre o Monarcha verdadeiramente constitucional, que tão bem tinha comprehendido a sua difficil missão, o Neto do heroe, que com a ponta da espada escreveu a nossa constituição, repousa já, entre a Mãe e a Esposa, em S. Vicente de Fóra. Foi-lhe a vida continuo martyrio, que Deus quiz recompensar, chamando-o a si.

Mas se o homem morreu, a sua memoria será eterna no coração dos portuguezes; e esses curtos seis annos, que elle se sentou no throno de Portugal, serão uma das páginas mais brilhantes da nossa já tão rica historia.

Honra pois aos artistas de Coimbra, que se não esqueceram de mostrar a todo o reino, que tinham sabido avaliar a perda immensa que todos soffremos.

E nós todos, que somos portuguezes, ajoelhemos em volta d'esse tumulo ainda meio aberto: se Pedro v, deixou de nos dirigir na terra, foi mais um protector, que ganhámos juncto da throno de Deus.

Coimbra, 16 de Dezembro de 1861.

Um Estudante.

O Rei de Portugal D. Pedro V

(Traduzido do *Journal des Débats*.)

(Continuado do n.º 12)

Não era, comtudo, uma alma desalentada. Certamente todos se recordam dos admiraveis exemplos de firmeza e dedicação que, apenas de idade de vinte annos, elle soube dar a todos quando foi preciso consolar e tranquilisar as populações aterradas pela explosão da febre amarella. Seja-nos nesta occasião permitido referir uma anecdota, que me foi contada em Lisboa, e que faz comprehender os sentimentos de que o povo estava animado para com o seu Rei. O joven Principe concebeu a suspeita de que no meio de uma mortalidade tão consideravel podia acontecer que se desesperasse demasiado cedo dos moribundos, e formára tenção de visitar não só os enfermos, mas até os mortos. Certo dia, chega ao leito de um soldado, um corneteiro de infantaria, sobre o qual os enfermeiros acabavam de estender o seu capote militar, para dizerem com isto que elle cessára de viver. O Rei acha o corpo ainda quente; inclina-se, ouve o coração que ainda palpita fracamente; exclama que o homem não está morto, e pergunta o que se poderia fazer para o salvar. Os medicos aconselham uma fricção. O Rei manda immediatamente buscar o medicamento designado, e, arregaçando as mangas do casaco, applica com as suas proprias mãos uma vigorosa fricção ao doente. Pouco a pouco o paciente dá signaes de si; ainda não tem consciencia bem clara de seu estado, mas pronuncia algumas palavras como para perguntar o que lhe querem. «É o Rei que quer saber como estás.—Estou bem doente.—Não tanto como julgas; d'aqui a quinze dias estarás restabelecido, e no dia em que sahires do hospital recommendo-te que vás receber as minhas ordens ao Paço.» O soldado foi salvo, e desde então a admiração popular ficou convencida de que o Rei tinha feito um milagre. Quem parecesse duvidar que um Principe tão caritativo e tão bravo tivesse podido fazer um milagre, expor-se-hia a offender estes corações simples e reconhecidos.

O que provou ainda melhor que não era, apesar de tudo quanto tinha soffrido, uma alma desalentada, é o gosto extremo que elle mostrava pelos negocios, as nobres paixões que agitavam o seu coração. Era liberal e patriota ardente. Lord Macaulay, depois de ter passado uma noite inteira a conversar com D. Pedro, dizia a um amigo nesso: «Não imaginava que um homem tão moço podesse ser tão instruido, nem um Rei tão liberal.» Não me pertence tractar de confirmar pelas minhas apreciações pessoas o juizo feito pelo illustre historiador; mas se eu podesse referir tudo o que El-Rei D. Pedro quiz ter a benevolencia de dizer-me no abandono de conversações sempre amaveis e sempre interessantes, a quantos outros não inspiraria eu os sentimentos de respeito e de dedicação que, para aquelles que o conheceram, é impossivel deixar de conservar á sua querida e encantadora memoria? Devo, porém, limitar-me, e não citarei entre todos senão dois exemplos, mas elles serão sufficientes para mostrar a profundez de seus sentimentos liberaes, e a elevação verdadeiramente real de seu patriotismo.

Passeando na galeria em que D. Pedro dava audiencia, disse-me elle um dia: «Os acontecimentos que se seguiram á revolução de fevereiro vingaram hem o rei Luiz Philippe dos povos e dos reis; mas isto não deve ser de grande satisfação para os amigos dos princípios constitucionaes e da liberdade, porque foi á custa da liberdade que esta vingança se cumpriu. O credito das ideias liberaes soffreu grandemente na estima das nações e dos soberanos. O cansaço, a desconfiança, o desgosto apoderaram-se dos espiritos, e, não vos enganais, ainda ahi dominam. Invadiram até os paizes que parecem ter escapado á influencia das vossas agitações: aqui mesmo, sinto eu essa influencia. Os debates das côrtes, as discussões de nossos jornaes podem illudir-vos pela sua vivacidade; mas, acreditaes-o bem, o que demais difficil tenho a fazer, é ensinar a massa do povo a servir-se das liberdades que lhe concedem as nossas leis.»

Uma outra vez, fallando do que se chama o partido iberico, dizia ainda D. Pedro: «Julgam que estas vistas lisongeiavam a minha ambição e que eu as favoreço. Tendes entre os vossos amigos pessoas que assim o crêem, mas enganam-se. Além das razões de conveniencia, de politica e de honra que devem conter-me, ha ainda considerações a que eu devo attender, com quanto os outros possam esquecel-as. Os extravagantes, e mesmo aqui os ha que afagam estas chimeras, não reflectem que se a casa de Bragança subisse algum dia ao throno da Peninsula, Portugal não seria necessariamente então mais do que uma provincia hespanhola, a nossa nacionalidade seria absorvida e desappareceria. Ora eu, que sou o primeiro dos portuguezes, o primeiro d'um povo que tem um logar honroso na historia da especie humana, não seria mais do que um mandatario infiel se patrocinasse similhantes projectos. Esta gente, além d'isso, causa-nos grande desgosto, porque contraria muitas cousas uteis que poderiam fazer-se para o bem commum dos dois povos: o desinvolvimento das communicações internacionaes, a aproximação dos interesses materiaes, a unidade dos pesos e medidas e das moedas, a associação das alfandegas, etc., etc.»; e então entrou a fallar sobre o seu assumpto favorito, a exposição dos projectos e das esperanças que a sua imaginação não cessava de formar pensando na prosperidade do seu querido paiz.

«Pedro, dizia El-Rei D. Fernando seu pae, Pedro não sabe ainda o que vale, e eu tão pouco o sei; mas parece-me que não haverá

homem de bem que d'elle se approxime e o conheça, que não se interessa vivamente por elle. Quando mesmo não fôsse o Rei, ninguém poderia deixar de ficar impressionado da pureza exemplar de sua vida, de sua applicação ao estudo, de sua tam firme confiança em tudo o que é bem, do ardor d'essa imaginação que fermenta e da sinceridade de todas essas illusões que persistem a despeito dos desenganos e dos revezes, que já tem soffrido. É como uma arvore nova e desconhecida que, vinda da outra extremidade do mundo, havia de ter soffrido, para chegar até nós, muitas vicissitudes e tempestades, eil-a aqui agora que começa a brotar os seus primeiros renovos e as suas primeiras flores, mas não se sabe ainda que fructos dará. Espero, contudo, não me illudir com a affeição paternal, quando creio que a colheita será bella e boa.

Não aprouve a providencia deixar amadurecer esta colheita, que effectivamente era promettedora, porque até já tinha produzido resultados que honram a memoria do joven Rei. Durante todo o seu reinado, Portugal gosou, sem a mais pequena interrupção, d'um socêgo e d'uma tranquillidade que já não conhecia havia meio seculo; a prosperidade geral desinvolveu-se grandemente com a instrução pública, a agricultura, o commercio, a industria e a marinha, esse antigo instrumento da gloria nacional. As graves desintelligencias que subsistiam desde tanto tempo entre Portugal e a Sancta Sé foram apaziguadas, conciliadas; as finanças, que tantos annos de agitações tinham reduzido a um estado deploravel, foram sensivelmente melhoradas; a questão dos caminhos de ferro foi resolvida; as pautas das alfandegas foram reformadas numa sentida liberal, e se é verdade que ainda resta muito a fazer, a tal respeito, não se pôde tambem negar que o Rei D. Pedro se não tenha applicado com ardor a fazer o que de bom se tem feito. A lei eleitoral, a repartição do imposto foram reformadas sob a inspiração dos sentimentos generosos que o animavam. Assim, quando se pensa que elle apenas tinha vinte e quatro annos, quando se pensa no pouco tempo que durou o seu reinado, não se podem desconhecer os titulos solidos que soubera adquirir ao reconhecimento dos seus e á consideração da Europa. Se ha, pois, um voto que devem formar aquelles que têm um interesse sincero pela prosperidade do novo reinado, é que o Rei D. Luiz continue as tradições e as virtudes d'aquelle a quem não só estava ligado pelos laços de sangue, mas ainda de quem era, um honra sua, o confidente mais intimo e o amigo mais caro.

XAVIER RAYMOND.

(Transcripto do Commercio do Porto.)

Hespanha e Portugal

(Continuado do numero 11)

Na historia de ambos os povos ha uma circumstancia que explica esta situação respectiva. A guerra da independencia contra Napoleão I, influu em sentido mais contrario em Portugal do que em Hespanha. Aqui rejuvenesceu a nação, e imprimiu-lhe um caracter impulsivo, com que ainda se move. Alli submetteu-a a Inglaterra, afogou a sua prosperidade, esterilizou seu commercio e industria, e fel-a cahir numa syncope de que agora torna a si com grande trabalho e esforço.

Desde 1802 ha em Hespanha a consciencia da nossa existencia, como nação, que apesar de seu nobre orgulho e de sua portuzega passada, não têm com igual vigor os portuzegues. Seus homens conspicuos de todos os partidos

acham-se abismados em um desalento muito mais profundo do que aquelle que opprime os hespanhoes. Os liberaes, como Garrett, dizem: *fomos e já não somos*; os absolutistas e legitimistas, como o sr. Palha, confessam que a nação dorme um somno de morte desde Alcaer-Quibir até hoje, somno de que não despertará, senão para se separar da Hespanha.

Desde então até agora
Nesse somno que a devora
Tornou de novo a cahir.

Não tomamos na genuina expressão da palavra estes lamentos patrióticos: comprehendendo-se exaggerações do patriotismo, lastimando-se porém, as exaggerações, e os ais têm algum fundamento. A última efflorescencia litteraria de Portugal, que começa em Garrett, e produz logo Mendes Leal, Latino Coelho, João de Lemos, Rebello da Silva e outros engenhos de primeira ordem, parece-se, sem dúvida, com uma ressurreição, com um remocamento do espirito publico nacional; mas não tem, por desgraça, todos os seus caracteres. O patriotismo exclusivo afoga, e não consente o perfeito desinvolvimento d'esse espirito publico. O pensamento nacional, se tem de renascer em Portugal e Hespanha, é sob a forma do *iberismo*, porém o *iberismo* paciente, sereno e firme, que quer ir com pausa e socêgo até á unidade, por seus passos e grãos naturaes, como unico meio de recobrar, nas circumstancias presentes do mundo, a força e preponderancia politica perdidas, como unico meio que ambos os povos da Iberia possuem para não serem povos insignificantes, e tornarem a ter uma grande missão na historia.

D'esta historia é como comprehendemos o *iberismo*. Não é uma necessidade, e pôde ser uma conveniencia. Não se requer a união para se viver: Portugal viveu bem, com riqueza e prosperidade materiaes, e pôde viver do mesmo modo sem nós; pôde chegar a ser uma nação mais industrial, mais rica, mais abastada do que a Belgica; porém Portugal, sem nós, não pôde tornar a ser uma grande nação, e Portugal aspira a sê-lo. Portugal não pôde renegar do seu passado.

Nós estabelecemos um argumento precisamente contrario ao do sr. Gullon. Este é *iberico*, por que não estima tanto como nós o extraordinario e sublime das historias portuzegas: nós somos *ibericos* ainda appellando para o futuro, para a realisacão de nossas ideias, porque admiramos essas historias. Se Portugal as não tivera, seus escriptores e pensadores teriam outro fito mais burguez, mais humilde, menos heroico: limitar-se-hiam a ser invejosos, sem terem ambição. Estas queixas de *fomos, e já não somos*; não sahiriam de labios portuzegues; nem mereceria tanta dor haver em 1851 algumas fábricas menos do que em 1807. Aquella prosperidade pôde renovar-se facilmente, porém Portugal não pôde ficar satisfeito com ella. A condicção, a indole, o instincto, as tradições de todo o portuzegoz o movem e arrastam a propositos e fins mais elevados. Nenhum portuzegoz, de mão sobre o coração, o poderá negar. Isto, pois, e não a necessidade de viver, para a qual não precisamos de nós, é o que mais tarde ou mais cedo os ha de levar todos ao *iberismo*. Não será a ideia de que valem pouco, não será o sentimento de prostracão e de humildade, mas sim o orgulho nacional e seus devaneios ambiciosos, e as saudades do passado poderio, o que ha de impedil-os a serem *ibericos*, não se resignando só a serem prosperos e ricos, como a Belgica ou a Suissa.

No seculo XVIII, quasi desde o momento da

separação de Hespanha, estiveram os portuzegues ricos e prosperos, relativamente á sua pequenez de população e territorio, e comparando-os com as demais nações da Europa. Sem embargo nem Portugal nem os portuzegues estão satisfeitos com aquella epocha, como o não estaria um grande principe, que, perdida a sua coroa, adquirisse dinheiro e bem-estar, consagrando-se apenas ás prosaicas occupações do lavrador, do mercador ou do fabricante. O throno, o sceptro, a dominação passada o atormentariam de continuo com a sua recordação, e até embargariam o espirito, impedindo-o de que se occupasse com fructo de suas novas e plebeias funcções.

Os portuzegues desejam ainda, e têm fatalmente que continuar a desejar ser uma grande nação. Sob este ponto de vista, e desta situação de animo, é que reprovam com espresma o que na generalidade nem desprezo nem reprovação merece. Como o illustrado escriptor Lopes de Mendonça, chamam á sua historia, desde 1640 até ha pouco, um *longo pesadelo de duzentos annos*, condemnam D. João IV, porque vendeu á Inglaterra as possessões da India e a cidade de Tangar, declaram D. Pedro II, um pachá de Inglaterra; escarnecem de D. João V, apesar de fundar o patriarcbado, pagando a *pêso de ouro a insaciavel cubica do papa*, e apesar de ter edificado *Mafra, grande monumento material sem pensamento*. Escorial sem São Quintino; e apenas concedem que Portugal seguisse a corrente civilisadora da Europa, no tempo do despotico, ainda que admiravel e intelligente, marquez de Pombal.

(Continua)

PORTUGAL!

Tenho orgulho de ser filho
D'este nobre Portugal!

É tão lindo, e é tão fertil,
A nossa terra natal!
Por ventura ha outro reino
Como é este Portugal?!
É nas armas esforçado,
É nas letras illustrado,
Este berço patrio meu!
Nos jardins brotam mil flores...
Nas campinas mil primores...
Não tem par este aureo ceu!...
Nossos montes são tão bellos...
Não ha 'nelles aridez!
Ninguem vive tão feliz,
Como vive o portuzegoz!
Das aves ledo trinar
O vem á cama acordar
Nas manhans de primavera
Vem o astro magestoso
O dia tornar formoso,
— Com'em p'raiso vivêra!
Temos rios murmurantes,
Que já deram grande brado!
Lá está o do Mondego
Pelo Camões decantado!
Temos villas mui formosas,
Cidades mui magestosas,
Praças, castellos sem par!
Temos jardins surpr'hendentes,
Temos memorias luzentes,
Que jámais se hão de apagar!
Nosso reino é muito rico...
Nenhum outro é mais feliz!
Ha 'nelle mor abundancia
Que em qualquer outro paiz!
França, Hespanha, Inglaterra
Bem dizem a nossa terra,
Nossa terra sem igual!
Todos que vêm visital-a,
Não se fartam de gabal-a!
Como és bello, ó Portugal!..

És a patria dos Affonsos,
Dos Albuquerque, do Gama!
Dos Cabraes, dos Magalhães,
Que ganharam tanta fama!
Em batalhas foste ousado
E sempre victoriado!
Que elogios te votaram!...
Na d'Ourique, Santarem,
Aljubarrota, e mar além,
Que teus feitos augmentaram!

Portugal! não tenhas pejo
Do mappa de outras nações!...
Não têm ellas, como tu,
Ganhado tantas acções!...
Com trabalhos... com fadigas...
Nunca d'este enfraquecidas
As forças dos braços teus!
Sempre altivo... sempre forte
Prosequiste o teu norte,
Conquistando mil tropheus!

Ainda hoje, podes crer,
Todos te guardam respeito!
Sempre guerreiro audaz
É forte o teu fraco peito!...
Oh! não tenhas não! receio
D'essas nações... pois eu creio
No teu antigo valor!...
Se uma guerra começar,
Tuas armas hão de causar
Ao mundo inteiro o terror!

As espadas ferrugentas
Ha annos embainhadas,
Cortam mais que mil outras
As guerras acostumadas!
Portugal! ávantel... ávantel!...
Toma coragem bastante...
Vamos todos combater!...
Não vacilles... e verás,
Que no marico campo irás
Fulgentes louros colher!

Podes confiar nos teus...
Impelle p'ra longe os fados!
Somos humanos na paz
E na guerra encarniçados!
Crê, sim... nos portuguezes
Qu'elles já por tantas vezes
Têm mostrado valentia!
Não queiras ser infeliz!
Não queiras ver no paiz
Vegetar a tyrannia!

Portugal! teu marcio ardor
Não definha na indolencia!
Desprende do peito a voz,
Dá um brado á INDEPENDENCIA!
Alerta... á guerra corramos!
Com os nossos feitos vamos
A lusa historia augmentar!
Combata o rico e o pobre,
Combata tambem o nobre...
Pelo nosso patrio lar!

Não é o silvo das balas,
Que nos faz esmorecer!...
Na guerra somos leões!...
A ninguem lembra o morrer!
Só tememos com verdade
Perder nossa liberdade,
Que tanto nos custou já!...
Pegue n'arma cada filho,
Sigamos o mesmo trilho
Á batalha!... iremos lá!...

Portuguezes denodados
De fogo o peito enchei!
É por nós que combatemos,
Combatemos pelo Rei!...
Quando rufar o tambor!

Preparar!... valor... valor
Não teremos um rival!
Soldados!... mais uma vez
Diremos com altivez:
— Viva o nosso Portugal! —

Braga 1.º de Dezembro de 1861.
Augusto Cohen.

CURIOSIDADES HISTORICAS

A proposito do sentimento que em todo o paiz se manifestou, pela morte do sr. D. Pedro v, o *Jornal do Commercio*, publicou as seguintes curiosidades historicas:

«O que os chronistas referem que se fez no fallecimento do principe D. Affonso, filho de el-rei D. João II, é realmente para pasmar.

É sabido o triste destino d'esse principe, chamado a junctar na sua cabeça as corôas de Portugal, Castella e Leão.

Contava apenas 16 annos o principe D. Affonso, e achava-se casado com a princesa D. Izabel, filha dos reis de Castella; apesar de tão verdes annos, diz Garcia de Rezende que parecia no corpo, na barba, no saber, no sizo e no socêgo, homem de 25 annos.

O mesmo chronista na sua *Miscellanea*, lhe dedica estas estrophes:

Era de dezeseis annos
e casado de oito mezes;
perfeito entre os mundanos,
mui quisto de castelhanos,
descanço dos portuguezes:
Uma triste terça feira,
correndo numa carreira,
com um cavallo cahiu,
nunca fallou nem buliu:
e morreu d'esta maneira.

Por sua gran formosura
foi no mundo nomeado;
angelica creatura
nunca foi tal desventura,
nem principe tão amado:
Em Castella e Portugal
foi tão sentido seu mal
tão chorado em toda a Hespanha
que foi tristeza tamanha
que se não viu outra igual.

Em uma terça feira, 12 de Julho do anno de 1491, correndo o principe D. Affonso, a cavallo pela praia do Tejo, na villa de Santarem, na mesma occasião em que o rei seu pae nadava, succedeu que o cavallo cahiu com elle, e tão desastrada foi a queda, que logo ficou sem falla e sem sentidos. Levaram o principe para a primeira casa que acharam, que foi a d'um pobre pescador.

(Continúa)

O nosso collega do *Commercio de Coimbra*, publicou o seguinte em Supplemento:

Lisboa, 26 do corrente ás 12 horas e 35 minutos da tarde.

D. João vive ainda mas agonisante. As suspeitas de envenenamento tomaram vulto, sem todavia haverem provas.

Isto tem dado motivo a motins, que felizmente foram pacificados. O conde da Ponte foi insultado e ferido na cabeça.

Os palacios do conde de Thomar e Marquez de Vallada, foram apedrejados. Estando o ministerio em conselho, no ministerio da fazenda foi o edificio invadido pelo povo, mas nada houve de lamentar. O Rei, a pedido do povo, foi para o paço de Caxias.

Lisboa, 26 do corrente á 1 e 44 minutos da tarde.

O govêrno declarou nas camaras ter a força precisa para manter a ordem pública. A camara dos srs. deputados votou unanimemente o mais franco apoio ao govêrno para as circumstancias que os successos reclamarem.

Grandes forças de cavallaria percorrem as ruas para impedir motins. Não se espera a sua repetição.

PASMATORIO

—No dia 22 do corrente teve logar a récita de abertura do novo theatro de D. Luiz I. O drama — *O Dia da Redempção*, cuja scena foi passada em Coimbra, em 1640, agradou, e foi geralmente bem desempenhado. Algumas figuras, porém, andaram *frias*, devido talvez a defeitos do drama; merecem todavia especial menção os srs. Matta, Jacintho, Perdigão, Motta, Paula e Silva, Almeida e José Francisco.

A comedia foi bem desempenhada; mas poucos expectadores comprehenderam o enredo. Para a inauguração d'um theatro, como o de D. Luiz I, devia escolher-se uma comedia de bastante chiste, e de maior acção.

Centenares de madamas da mais elevada aristocracia concorreram ao espectáculo. A plateia estava cheia, a mais não poder ser, de espectadores. Calcula-se que o número de pessoas alli reunidas seria de mil e duzentas.

As vistas, assim como o panno de bocca, foram pintadas pelo habil artista, o sr. Antonio Gonsalves Neves, que mais esta vez mostrou a sua rara habilidade e talento. Foi mais uma corôa ganha pelo accreditado artista.

A direcção do theatro é digna dos maiores louvores pelo seu zêlo e assiduidade no desempenho dos deveres de que se achava encarregada; e a sociedade muito deve aos srs. Dr. João Antonio de Sousa Doria, Paulo José da Silva Neves, Domingos Antonio de Freitas e José Julio Cesar.

—Em Coimbra abriu-se um abaixo assignado, no qual se pede a sua magestade el-rei o sr. D. Luiz I, haja por bem demittir o Barão de Moreira, de consul geral portuguez no imperio do Brazil. A representação já conta algumas centenares de assignaturas, e espera-se que o seu número seja ainda muito mais superior.

E de crer que os habitantes de Coimbra, que tiverem em consideração e desejarem o bem-estar e socêgo de nossos irmãos, residentes naquelle imperio, não deixarão, por certo, de concorrer com a sua assignatura para uma obra de que muita honra e credito resultará para a nação portugueza.

—Consta que o Barão de Moreira recebêra ordem do nosso govêrno para entregar o consulado portuguez no Brazil, e partir immediatamente para Lisboa. Se é verdadeira esta noticia, felicitâmos os nossos irmãos, no imperio brasileiro.

A última hora.—São medonhas as últimas noticias da capital. Não é possível salvar-se o sr. D. João. O povo está em alvoroço, e a tropa em armas. Têm havido môrras aos traidores. A patria está em perigo. Deus nos acuda.

PORTUGAL INDEPENDENTE

JORNAL ANTI-IBERICO, LITTERARIO E NOTICIOSO
DEDICADO Á MEMORIA DE EL-REI O SENHOR D. PEDRO V

E AOS PORTUGUEZES RESIDENTES NO PAIZ E NO BRAZIL

REDACTOR — Augusto José Gonsalves Fino

PUBLICA-SE AOS SABADOS

Assigna-se e paga-se este jornal: em Coimbra, na Imprensa da Universidade; nas Provincias, em casa dos Srs. Directores de Correios; no Brazil, em casa do Sr. José Julio Lopes Gonsalves, Rio de Ostras. Preços por trimestre, ou 12 numeros: em Coimbra 400 réis; nas Provincias 460 réis; no Brazil (moeda forte) 700 réis;— número avulso 400 réis. — Toda a correspondencia, franca de porte, será dirigida ao Redactor do *Portugal Independente*, Coimbra. — Escriptos não publicados, não serão restituídos.

EXPEDIENTE

Supplicámos aos srs. Assignantes em debito, o favor de, sem perda de tempo, mandar satisfazer a importancia do 1.º trimestre, em valles do correio. A Recacção espera merecer a devida attenção.



Falleceu no dia 27 de dezembro de 1861, pelas 8 horas da noite, o sr. Infante D. João Maria Fernando Pedro de Alcantara Miguel Rafael Gabriel Leopoldo Carlos Antonio Gregorio Francisco de Assis Borja Gonzaga Felix, duque de Bragança, de Beja, e Saxe-Coburgo-Gotha, coronel do regimento de lanceiros número 1, condestavel do reino, grão cruz e alferes das ordens de Christo, Sanct'Iago, San Bento d'Aviz e grão-cruz da Conceição. Nasceu no Paço das Necessidades aos 16 de Março de 1842.

A familia real portugueza

No artigo principal do número passado, dissemos nós que a familia real portugueza verga sob o peso de uma influencia occulta, e que a Dynastia de Bragança tem inimigos jurados que procuram aniquilal-a; e supposto tenhamos visto já publicadas algumas noticias sobre a autopsia feita ao cadaver do fallecido Infante D. João, da qual resultou um voto unanime dos facultativos, de que sua alteza fôra victima d'uma febre typhoide do mais pessimo caracter ainda as suspeitas do povo, e nem as nossas, se acham completamente desvanecidas, em quanto ás verdadeiras causas que produziram aquelle e os anteriores fallecimentos das pessoas reaes, que todos deplorámos.

Nesse artigo não asseverámos a causa determinada d'essas desgraças, ou indicámos, nem indicaremos, individuos que as promovesse, porque nos repugna a ideia de haver um homem portuguez ou estrangeiro que se prestasse a ser instrumento de crimes tão atrozes, e para castigar os quaes, não achámos em qual-quer codigo penas sufficientes nem que; houvesse interesse remoto ou proximo que fizesse gerar o pensamento sequer de tão inaudita perversidade, fôssem quaes fôssem as conveniencias ou razões que porventura lhe quizessem associar. No entanto essa série de fatalidades que em tão poucos dias têm feito derramar tantas lagrimas aos portuguezes, obriga e auctorisa ainda a desconfiança de todos; e essa desconfiança tem augmentado desde que houve conhecimento da noticia que em seguida transcrevemos, e que foi encontrada no *Panorama*, n.º 50 de 14 de abril de 1858, pag. 120, com o titulo de — *Agua Tofana*.

Nessa noticia se refere a mortandade que no seculo xvii, converteu a Italia em um vasto cemiterio, produzida pelo envenenamento: ahi se declara que o veneno era de tal qualidade que os chimicos nunca poderam assentar qual a sua verdadeira composição, porque elle produzia os seus effeitos, sem deixar indicios por onde podêsse conhecer-se.

É o que receámos tenha succedido aos nossos principes fallecidos, propinando-se-lhes um veneno identico ao tal *maná de S. Nicolau*; e como actualmente se está procedendo á análise chimica dos intestinos dos illustres finados, talvez façamos um bom serviço, dando publicidade áquella noticia, para que a commissão nomeada para o indicado fim, possa mais completamente desvanecer as apprehensões publicas, quando porventura não encontre indicio algum que leve a acreditar na existencia do grand crime que geralmente se suspeita.

Agua Tofana

No seculo xvii, a Italia parecia estar convertida em um amplo cemiterio: familias inteiras cahiam na sepultura, sem que se podêsse dar com a causa de tamanha mortandade: tudo estava coberto de lucto; e só orphãos e viúvas se viam. Durante cincoenta annos todos os esforços das auctoridades, para achar a raiz do mal, foram baldados. Emfim esta obra das trévas veio á luz do dia. Toda esta gente tinha morrido envenenada.

O veneno, que tão desapiedadamente se administrava, era certa agua inventada por uma velha, chamada Tofani, a qual ella vendia em frasquinhos, e a que dava o nome de *maná de S. Nicolau*, porque d'um lado os vidros tinham pintada a imagem d'este sancto.

Havia *negociado* neste genero de industria durante meio seculo, quando foi descoberta.

Confessou que só por sua parte tinha ajudado a envenenar 600 pessoas; e em consequencia dos seus depoimentos muita gente de todas as qualidades se achou involvida no seu crime, e grande número de pessoas soffreram a pena última.

Toda a Italia andava revolta; muitos tiveram de fugir, e várias pessoas nobres soffreram garrote na prisão. Pareceu que era principalmente usado pelas mulheres para matarem os maridos.

A tal agua tofana, nome que tomou da sua inventora, era de tal casta que seis pingos bastavam para causar a morte; mas o seu effeito era muito lento, e por isso não causava suspeitas. O liquido era claro como a agua da fonte, e os chimicos nunca poderam assentar em qual era a sua verdadeira composição.

Numa especie de pastoral que o Papa publicou em consequencia d'aquelle caso, diz-se,

que era agua forte destillada e arsenico crystallizado. O segredo d'esse veneno passou para França, onde a marqueza de Brinvilliers se aproveitou d'elle para matar seu pae e irmãos, além d'outras pessoas que se serviram d'elle contra os seus inimigos: neste paiz breve se pôz termo ao mal, queimando-se vivos todos os que se achavam culpados de tão horrivel crime.

Em seguida reproduzimos o artigo, que o nosso collega da *Independencia* publicou no seu número de 28 de dezembro findo, e para o qual chamámos a attenção de nossos leitores.

Ha envenenadores?

Morreu o infante D. Fernando. Morreu D. Pedro v. Esteve quasi morto o infante D. Augusto. Está cadaver o infante D. João. E todos estes fataes acontecimentos se deram em menos de dois mezes. Os boletins dos medicos régios apresentam pouca clareza, e parece deduzir-se d'elles que a medicina palaciana mal atinára com a causa da doença d'um, e da morte d'outros.

É fundado nestes factos que o povo clama que mão traidora propinou grandes doses de veneno á familia real: veneno subtil, como o dos Borgias, que matava dentro de certo tempo, e cujo antidoto só elles conheciam. As turbas desvairam-se, e levadas pelo sentimento esquecem-se da razão. Imaginam e vingam-se.

Mas de quem se vingam? Se houve veneno, quem o propinou? Aqui se desencontram as respostas, e cada qual fundamenta opiniões que podem ser verdadeiras, mas que tambem podem ser um tecido de enganos. A facção regeneratoria, o lazzarismo, um notavel membro do partido historico, e um subdito hespanhol têm sido accusados pela voz publica de propinadores de veneno. Ao acharem-se tão pouco semelhantes entre si taes opiniões, deve-se ficar vendo que nenhuma d'ellas é digna de ser seguida.

Parece-nos que a imprensa deve registrar esses diversos pareceres e indicar os erros que encerram ou a verdade que contêm; é por isso que vamos fazer algumas reflexões sobre alguns boatos que tem ultimamente circulado.

Mais d'uma pessoa tem proferido o nome do marquez de Loulé como o d'aquelle que tentou contra a vida da familia real. Dão como fundamentos — que todos os titulos d'elle é dos seus antepassados tem sido obtidos por traições; que no tempo da juncta do Porto o marquez tentára acclamar rei seu filho, e que para esse fim presidira a uma loja secreta; que, finalmente, tentára casar uma filha sua com o senhor D. Pedro v; mas que obtendo uma recusa, logo destinára matar quem o não queria para mui proximo parente.

Quasi que recuámos ao escrever o que ahí fica; mas parece-nos que, por menos fundados que sejam estes boatos, é necessario mostrar a sua irracionalidade.

Não temos diante de nós os pergaminhos do marquez de Loulé, mas o que sabemos dos seus antepassados diverge muito do que dizem os censores d'elle.

Leiam o seguinte documento:

«Attendendo á qualidade, merecimento e mais circumstancias que concorrem na pessoa do conde de Valle de Reis, Nuno de Mendonça, e querendo dar-lhe uma prova da minha real saudade pelo marquez de Loulé, seu pae, meu leal e infeliz creado: hei por bem fazer-lhe mercê do titulo de marquez de Loulé, e dos bens da corôa e ordens que possuía o mesmo marquez de Loulé, seu fallecido pae. Palacio de Salvaterra de Magos, em 29 de Fevereiro de 1824. Com rúbrica de el-rei o senhor D. João VI.»

Outros documentos, datados de 25 e 26 de agosto de 1824, provam a consideração em que o senhor D. João VI tinha o marquez de Loulé.

Em 18 de Setembro de 1777, lia-se 'numa portaria da senhora D. Maria I:

«A rainha nossa senhora, tendo consideração a lhe representar o conde de Valle de Reis, Lourenço Philippe de Mendonça e Moura, não haverem até agora tido remuneração alguma os serviços do conde seu pae Nuno Manuel de Mendonça, obrados por espaço de 30 annos e 6 mezes em coronel dos privilegiados e em deputado da juncta dos tres estados, com distincção e recommendavel merecimento, o grande zêlo da real fazenda, como tambem os proprios serviços do mesmo conde Lourenço Philippe de Mendonça Moura, obrados por 51 annos, no militar... no exercicio de vedor da casa da augustissima senhora D. Marianna Victoria, desde o anno de 1744 até ao de 1765, em que foi estribeiro-mór da mesma senhora, e cujo officio tem servido até ao presente na côrte e em todas as jornadas; com o zêlo, distincção e lusimento, que são notorios, e no logar de deputado da juncta dos tres estados desde 25 de abril de 1749 até ao presente; attendendo sua magestade ao bem que o sobredito conde Lourenço Philippe de Mendonça a tem servido, e aos serviços de seu pae, o conde Nuno Manuel de Mendonça, em remuneração d'uns e outros serviços, ha por bem fazer mercê ao mesmo conde de uma vida em todos os bens da corôa, e ordens que actualmente possui, etc., etc. Palacio de Queluz, em 16 de Setembro de 1777.»

Em 9 de Julho de 1799 a senhora D. Maria I, conferia o titulo de marquez de Loulé áquelle mesmo a quem já tinha dado outras honras.

Em 12 de Janeiro de 1833 o senhor marquez de Loulé era nomeado ministro do senhor D. Pedro IV.

Estes documentos rebatem os que fallam das infamias practicadas pelos ascendentes do marquez de Loulé.

Dir-nos-hão que D. Philippe III conferiu a um dos antepassados do marquez de Loulé o titulo de conde de Valle de Reis. É verdade. Esse titulo tem a data de 16 de Agosto de 1628. Não sabemos que motivos levaram um dos usurpadores a dar tal honra; mas que valem os antepassados? Que democratas sois vós que pondeis a honra e a deshonra na parentella? Ide perguntar a d'Alembert e Franklin, a Dorfling, e a Hanhemann quem eram seus paes?

Podeis argumentar-nos com que as qualidades paternaes continuam a transmittir-se; supponhamos que sim; pois ahí vos appresentámos documentos que provam que ha mais

de um seculo os antepassados do marquez de Loulé prestam serviços aos reis de Portugal. As qualidades d'ha pouco devem transmittir-se mais facilmente do que as de ha muito.

Vamos aos outros argumentos.

Pessoas que privavam com os membros da juncta, e que muito de perto sabiam dos negocios politicos d'então, ignoram completamente a existencia de tal loja secreta, e de taes pretensões do marquez de Loulé. Haveria ahí exaltados, como os ha sempre, que se lembrassem do filho do marquez de Loulé; mas s. exc.^a era estranho a isso. Até o principal promotor da revolução de 9 de outubro dizia que o marquez de Loulé sempre se mostrára completamente dedicado pela familia real.

Quer pertençam ao partido cartista, quer ao partido regenerador os que attribuem taes desejos ao senhor marquez de Loulé, dever-se-iam lembrar do que succedeu logo depois da revolta de abril de 1851. Um marechal bem conhecido, e o chefe d'uma fracção conservadora, sabem muito bem todos os segredos d'essa revolta; e elles podem dizer quão grandes eram os desejos que os chamados amigos da senhora D. Maria II, tinham de que sua magestade abdicasse para que houvesse uma regencia. Então um heroe portuguez, um homem venerando que figurára na primeira plana dos acontecimentos da juncta, foi instado para se pôr á frente d'uma nova revolta em que se pedisse a abdicção. E foi um outro membro da juncta, que nobremente destruiu os ardis dos que se diziam defensores do throno da senhora D. Maria II. O conde das Antas houve-se então com todo o brio e pundonor.

Falta-nos fallar do último fundamento das suspeitas contra o marquez de Loulé.

Lembrámos aos que nos lerem, que admittir tal fundamento é infamar a propria memoria de D. Pedro Quinto, que escolhia para conselheiro e amigo, quem não sabia ser pae; é violar o sacrario da familia, e involver no lodo das paixões politicas um dos mais sanctos ornamentos do coração humano.

Não se pense que defendemos o marquez de Loulé por amizade propria, ou por outro qualquer motivo, que não seja a de mostrar como podem ser infundadas todas as suspeitas. O que ahí deixámos dicto bem sabemos que não demonstra a innocencia do presidente de ministros, do mesmo modo que é impossivel demonstrar a innocencia de outro qualquer: quem pôde adivinhar o que vae no pensamento de cada um? Mas o que quizemos foi provar como havia êrro em contar certos factos da vida do marquez de Loulé. Venham inqueritos, venham commissões investigadoras, venha tudo quanto possa esclarecer; mas, primeiro que tudo, sejamos prudentes, e dêmos provas da nossa illustração. Matar, ferir e apedrejar sem primeiramente demonstrar o crime, não o deve fazer um povo civilisado. Castigar por suspeitas, fazem-no os despotas; não o praticam homens livres.

Tambem a reacção é accusada de envenenadora; são-n'o igualmente os ibericos, e os regeneradores; mas não ha por ora fundamentos para dizer que este ou aquelle propinou veneno. Tudo o que ha são suspeitas. Indaguem e desenganem o povo, que tem direito a ser esclarecido.

Haja d'um lado a prudencia, haja do outro a diligencia.

Acêrca da infausta morte do sr. Infante D. João diz o *Commercio do Porto* o seguinte:

«Ainda se não achavam cumpridos os decretos da Providencia. Ainda a nação Portu-

gueza tinha de soffrer mais uma angustiada provação!

Mais um filho querido foi arrancado pela morte ao amor paterno e fraternal! Mais um portuguez illustre, predilecto de todos os portuguezes, baixou ao tumulo!

O Senhor Infante D. João, duque de Beja, condestavel do reino, e coronel de lanceiros, é morto!

É morto e quando?! Quando ainda estão tépidos os restos mortaes do Senhor D. Pedro V, e do Senhor D. Fernando; quando ainda se não enchugaram as lagrimas d'uma nação inteira; quando um pae extremo ainda se persuade ouvir os ais do Pedro e do seu Fernando; e quando um estimadissimo irmão ainda se não convenceu de que era rei!

É muito soffrer!

Quem deixará de condoer-se d'este desgraçado paiz? Para quem será indifferente esta singularidade nos acontecimentos tristes, que hão de offerecer aos vindouros uma página sensível na historia portugueza?

O serenissimo infante D. João Maria Fernando de Alcantara Miguel Raphael Gabriel Leopoldo Carlos Antonio Gregorio Francisco de Assis Borja Gonzaga Felix de Bragança Bourbon havia nascido a 16 de Março de 1842.

Era Sua Alteza o individuo da familia real em quem sobressahiam mais as feições da casa de Bragança. De educação esmerada, como a que receberam seus augustos irmãos, a bondade via-se-lhe desenhada no semblante. Afavel para todos, era carinhoso para com o povo.

Na última visita que Sua Alteza fez ao Porto acompanhando o Senhor D. Pedro V, visita que não pôde ser recordada sem a mais veementemente saudade, o Senhor D. João sorria-se para as alas do povo que demoravam pelas ruas do trânsito real. O povo revia-se em Sua Alteza, e ao presencer o ar cavalheiresco e agradável do illustre mancebo, dizia:—como é lindo.

Quando Sua Magestade o Senhor D. Pedro V, o muito amado, foi com seu augusto irmão visitar a Alfandega d'esta cidade, ao sahir a porta da repartição para entrar no coche que se achava na rua dos Inglezes, começou a chover. Um homem do povo de humilde posição abriu o seu guarda chuva e cobriu com elle o sr. Infante D. João, Sua Alteza accitou carinhoso o serviço do bom homem, que acompanhou o Infante até o coche, arrebatado de prazer. Sua Alteza entrou para o coche e bondosamente agradeceu o serviço prestado.

É por acções d'estas que os filhos da Senhora D. Maria II e do Senhor D. Fernando grangeam as geraes sympathias do povo. É por essa razão que o coração do povo se despedaça ao considerar as irreparaveis perdas que têm soffrido com a morte das pessoas reaes.

Nos salões era Sua Alteza um estimavel cavalheiro de singela affabilidade e ameno tracto. A todos encantava. Todos o choram hoje.

Sua Alteza era coronel de lanceiros. Os soldados morriam pelo seu commandante. Ainda ha pouco gritavam no auge da desesperação que queriam vê-lo. Hoje terão de acompanhá-lo cadaver a S. Vicente de Fóra! Pobres soldados! Se a dor não fôsse geral, só a vossa a despertaria em todos...

Desejariamos continuar... não podemos... A fatalidade que vemos perseguir a familia real e o nosso paiz preenche-nos de tal sentimento, que a expressão nos foge e a penna nos cahe das mãos...

Damos publicidade aos seguintes documentos, que o illm.º sr. Olympio nos enviou, com os quaes se demonstra que s. s.ª cumpriu a missão de que foi encarregado pelos artistas de Coimbra; satisfazendo-se tambem por este meio os desejos expressados no officio dirigido a s. s.ª, pela mesa da sociedade dos artistas lisbonenses.

Ill.º Sr. Presidente da Sociedade dos Artistas Lisbonenses.

Foi-me incumbida uma honrosa missão, ainda que bem pungente, para o complemento da qual vou sollicitar o concurso da nossa sociedade.

Os Artistas de Coimbra sahiram no dia 16 do corrente dos paços do concelho, em respeitoso prestito, dirigindo-se á Sé Cathedral, onde ouviram uma missa pelo eterno descanso de El-Rei o Senhor D. Pedro v, a quem a nossa classe tanto deve.

No prestito figuraram diversos emblemas funebres, entre os quaes a corôa e ramos, que vos envio, e junctamente o pergaminho que commemora aquelle luctuoso acto.

Concederam-me a honra de os collocar sobre a eça real; e hoje foram-me entregues com toda a solemnidade, pedindo-se-me que obtenha dos funcionarios da nossa sociedade o distincto favor de os depositarem sobre o ataúde do Monarcha popular.

Espero, pois que annuireis a este nosso pedido, dignando-vos de communicar a satisfação do mesmo ao

Vosso antigo consocio e amigo,
Olympio Nicolau Ruy Fernandes.

Ill.º Sr.

Juncto achará V. S.ª o Auto de collocação e deposito de uns ramos e uma corôa, que os Artistas de Coimbra resolveram se pozessêm sobre o regio feretro de Sua Magestade o Senhor D. Pedro v, de sempre chorada memoria.

São muitos os emblemas que alli se acham, em testemunho da máguã por tão fatal perda; mas são poucos para o que merecia o Rei virtuoso e popular por excellencia.

No entanto, o que é verdade é que a dôr d'este povo, por tal evento, é muita, muitissima, inexplicavel, — e isso se traduz na tristeza de todos os rostos.

Cumpriu-se, pois, o que V. S.ª exigiu; e a Mesa d'esta Sociedade tem a ponderar que foi menos do que o desejado o número dos concorrentes a tal acto, mas mais do que o esperado, em attenção ao pouco tempo para convites e mesmo a ser um dia semanal.

À Mesa d'esta Sociedade, summamente grata e peñhorada pela prova de consideração que pelos seus collegas artistas de Coimbra acaba de lhe ser dada, resta significar o seu contentamento por uma acção que tão evidentemente demonstra o quanto alli se preza o principio social e de união, e é da existencia d'estes sentimentos, que dominam todos os nossos consocios, que eu rogo a V. S.ª se sirva fazer sciente essa util e respeitavel corporação.

Deus guarde a V. S.ª Mesa da Sociedade dos Artistas Lisbonenses, 24 de Dezembro de 1861.

Ill.º Sr. Olympio Nicolau Ruy Fernandes.

José Caetano Themudo Junior

1.º Secretario.

Auto de collocação e depósito, effectuados pela Sociedade dos Artistas Lisbonenses, a pedido dos Artistas de Coimbra, de uns ramos e uma corôa de perpétuas e saudades, sobre o

regio ataúde do Senhor D. Pedro v, de sempre chorada memoria.

Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos sessenta e um, ás doze horas do dia vinte e um de Dezembro do mesmo anno, na igreja de São Vicente de Fóra e Jazigo Real, onde vim eu José Caetano Themudo Junior, primeiro Secretario da Mesa da Sociedade dos Artistas de Coimbra, abaixo assignados, em companhia dos funcionarios e mais Socios da mesma Sociedade, tambem abaixo assignados, todos em deputação nomeados para o fim de se depositar sobre o ataúde de El-Rei o Senhor D. Pedro v, uns ramos e uma corôa de perpétuas e saudades, cuja collocação os Artistas de Coimbra rogaram esta Sociedade em seu nome fizesse, em testemunho dos seus sentimentos de amor e saudade pelo Rei virtuoso e popular, —ahi então se levou a effeito tal acto, collocando e depositando o Senhor Presidente da Mesa d'esta Sociedade aquelles emblemas sobre o feretro do mesmo Augusto Monarcha. Em fé do que, e para constar onde convier, lavrei em duplicado este Auto, que vaé assignado por todos os socios e mais pessoas presentes. Era ut supra.

O Presidente, *João Manuel Gonçalves* — O vice-presidente, *Francisco José Barroso e Araujo* — O 1.º secretario, *José Caetano Themudo Junior* — O 2.º secretario, *João Wager Russell Junior* — O vice-secretario, *Augusto Severino de Castro* — O presidente da direcção, *João Antonio de Campos* — O director, *Augusto Cesar de Carvalho* — Sub-director, *André Vicente dos Sanctos* — Sub-director, *Francisco Ludgero Marques* — A convite da Sociedade dos Artistas, o vice-presidente do Centro Promotor, *Francisco Vieira da Silva* — O socio do mesmo Centro, *José Maria Antonio Nogueira* — Por convite da Sociedade dos Artistas Lisbonenses, *Pedro Wenceslau de Brito Aranha*, da associação typographica lisbonense e jornalista — Os socios da Sociedade dos Artistas Lisbonenses, *Antonio Joaquim de Oliveira* — *Luiz da Silva Athaide e Mello* — *Antonio Ignacio de Jesus e Silveira* — *Julio Cesar Pereira de Mello* — Pelos alumnos presentes do collegio da Sociedade dos Artistas Lisbonenses, o professor *João Wager Russell Junior*.

Está conforme. Lisboa, 21 de Dezembro de 1862. — *José Caetano Themudo Junior*, 1.º secretario da Mesa.

Abaixo publicamos a representação que, pelos habitantes de Coimbra, vaé ser enviada a S. M. o senhor D. Luiz i, na qual pedem a demissão do Barão de Moreira de Consul Geral no imperio do Brazil.

Senhor. — Os abaixo assignados, cidadãos de Coimbra, justamente impressionados pelas queixas dirigidas por tantos compatriotas seus, residentes no Rio de Janeiro, contra o Consul portuguez naquella capital, Barão de Moreira, e sentidos porque ainda se não fizesse justiça demittindo d'aquelle lugar o mesmo Consul para alliviar tantos milhares de filhos d'este paiz da pressão e prepotencia contra elles exercida, não podem deixar de corresponder ao brado que no Porto se começou a levantar, pedindo a Vossa Magestade a graça de depor aquelle Consul do lugar que tão indignamente está exercendo.

A par das desgraças, que de ordinario impellem os nossos concidadãos a deixarem a sua patria, para irem mendigar em terras tão longinhas o pão do sustento, deixando familias, amigos e vizinhos, é duro que ainda ahi vão soffrer a perseguição e os maus tractos

d'aquelle que o governo de Vossa Magestade lá colloca para os proteger.

Quando não fôssem attendiveis só por si as queixas dos nossos compatriotas, residentes na capital do Brazil, os documentos já publicados na folha official do governo, são bastantes para levarem os abaixo assignados á plena convicção, de que sollicitando de Vossa Magestade a demissão do Barão de Moreira, pedem um acto de eterna justiça, e de humanidade, a que Vossa Magestade de certo responderá, pelos virtuosos impulsos do seu bom coração, e pelo seu amor para com os subditos, que têm a felicidade de possuir a Vossa Magestade como Monarcha,

Os abaixo assignados confiam pois em que Vossa Magestade lhes deferirá.

E R. M.

Dissemos no nosso n.º 12, que hoje comegariamos a dar publicidade aos nomes dos senhores Assignantes, que tão dignamente têm satisfeito a importancia do 1.º trimestre; e vamos cumprir esse dever.

Foram os senhores — Carlos Duarte Villariño, Monte-mór o Velho; Manuel Artimidero Duarte, Almeida; João José Vaz, Pinhel; José Caetano Pereira do Paço, idem; Padre Egydio Antonio Mexedo, idem; Antonio de Noronha Castello Branco Avilez, idem; Dr. Pedro Balthasar de Campos, idem; José Antonio de Campos Henriques, idem; Fernando Maria Pereira Machado, Sandomil; José Maria Nunes de Andrade, Almeida; Antonio da Costa Chaves de Figueiredo, Tondella; Julio José Gonsalves, Porto; José da Silva Sanctos, Leiria; Eduardo Candido Fortunato, Pombal; Costa & Monteiro, S. João da Madeira; Justino da Costa Monteiro, Vizeu; Directores do Correio de Braga, Avó, Albergaria, Figueira, Miranda do Corvo, Penella, Gouveia, Castello-Branco e Alvaizere; Caetano Fernandes Gaspar, Figueira.

Após o pranto e o lucto, vieram as alegrias, mas alegrias que só duraram um dia, para logo darem lugar a novos e acervos pesares. Sobre Portugal peza uma tremenda desgraça. A morte estende seus vãos sobre os paços de nossos reis. A dôr que alli entrara, crava cada vez mais fundo seus espinhos.

Ainda não estavam bem fechados dous tumulos sobre os cadaveres d'um principe e d'um rei, e que outro convalescia d'uma terrivel enfermidade, já outro membro da familia real, o sr. infante D. João, cahia gravemente fulminado pela doença, que acaba de o roubar á vida!

Esta noticia, derramando a maior consternação em todo o paiz, produziu ao mesmo tempo as mais sérias e terriveis apprehensões. A anciedade não pôde ser maior, nem as suspeitas mais vehementes. É uma provação extrema, e da qual só a prudencia pôde paralisar os tristes effeitos. Convém que o povo seja cauteloso, e que escute primeiro a razão, do que as vozes d'aquelles que só dirigem pela paixão.

É grande o amor do povo á familia reinante; mas maior deve ser a sua cordura n'esta conjunctura angustiosa em que nos achamos. Se uma desgraça immensa nos fere, é preciso evitar, que pelo arrebatamento da nossa dôr, tão justa e tão funda, não vamos provocar outras calamidades, que possam tornar-se ainda em maiores desventuras, não só para a patria, mas para a propria dynastia que nos rege.

(A Independencia)

CURIOSIDADES HISTORICAS

(Continuado do n.º 13)

Informado o rei do lastimoso successo, immediatamente foi vêr o filho, e, divulgado o caso, logo se fez uma *mui grande e devota procissão com toda a cleresia e reliquias, indo todos descalços e alguns nus* implorando a vida do principe; mas na quarta feira seguinte o infeliz mancebo expirou.

O rei D. João sahiu do aposento onde se finára o filho, que era todo o seu enlevo, porque não tinha outro, e porque era o herdeiro do seu grande nome, e, voltando-se para os que alli se achavam, disse-lhes: — «Ahi vos fica o principe meu filho.»

Diz então o chronista:

«E com isto se levantou entre todos um muito grande e muito triste e desaventurado pranto, dando todos em si muitas bofetadas, depenando muitas e mui honradas barbas e cabellos; e as mulheres desfazendo com as suas mãos a formosura de seus rostos, que lhes corriam em sangue, cousa tão espantosa e triste que se não viu nem cuidou.»

E do lucto que por este successo houve, falla assim o chronista:

«El-rei, por tamanha perda, e tamanho nojo, se tosquiou. E a princesa tosqueou os seus presados cabellos, e se vestiu toda de almafega (lan grossa) e a cabeça coberta de negro vaso. E na côrte e em todo o reino não ficou senhor, nem pessoa principal, nem homem conhecido que não se tosqueasse... E a gente pobre que não tinha com que comprar burel, que valia a 300 réis a vara, muitos tempos andou com os vestidos virados do avesso... e porque se não achava tanto burel, os lavradores e gente baixa, vendiam as cobertas de suas camas a preço de pannos finos, e os homens se vestiam de saccos e cobertas de bestas.»

Foi o cadaver do desditoso principe levado para o convento da Batalha, e ahi, diz o chronista:

«O prégador allegou tantas e taes razões para choro e tristeza, que muitos homens de muita auctoridade, muito saber, muito siso, áquella hora parecia que o não tinham; vendo-lhes muito cruamente dar na eça tamanhas cabeçadas que parecia que quebravam as cabeças: depenando todos as suas barbas e cabellos, dando em si muitas bofetadas, assim homens como mulheres e velhos e moços, coisa tão espantosa e de tanta dôr e tristesa que não se viu, e durou tanto que os não podiam fazer callar.»

Garcia Resende, na sua *Miscellanea*, depois de referir a triste retirada da princesa D. Isabel para Castella, apoz o fallecimento do principe D. Affonso accrescenta esta copla:

Vimos Portugal, Castella
quatro vezes ajunctados
por casamentos liados;
principe e natural d'ella
que herdava todos os reinados:

todos vimos fallecer
em breve tempo morrer
e nenhum durou tres annos:
portuguezes e castelhanos
não os quer Deus junctos ver.

As quatro vezes que Portugal e Castella se liaram por casamentos, para se ajunctarem, foram:

1.º No tempo de el-rei D. Affonso v, o qual foi jurado rei de Castella e de Leão, em 1471, pelo direito da rainha D. Joanna, filha de Henrique iv de Castella, e da rainha D. Joanna de Portugal, depois chamada a excellente senhora, com quem casou, não tendo consumado todavia o matrimonio por opposição de Fernando e Isabel de Aragão. D'aqui se originou uma guerra desastrosa para Portugal.

2.º No tempo de D. João ii, pelo casamento do principe D. Affonso, herdeiro da corôa com a princesa D. Isabel, primogenita de Castella.

3.º No tempo de el-rei D. Manuel pelo seu casamento com a princeza D. Isabel, viuva do principe D. Affonso, herdeiro da corôa de Castella, pela morte do principe D. João.

4.º No tempo do mesmo rei D. Manuel, sendo jurado herdeiro da corôa de Castella, o principe D. Miguel da Paz, que morreu menino.

De todas estas quatro vezes, pareceu que Portugal e Castella se junctariam, mas a união jámais veio a realisar-se parecendo que uma fôrça superior não queria vêr os dois povos sob um só sceptro.

Da usurpação não se falla porque Garcia de Resende é anterior a esse facto, e porque essa foi violenta e não por alliança régia ou bom accôrdo dos dois povos.

PASMATORIO

— Alguns artistas d'esta cidade, preoccupados com a adulteração das noticias, censuram mas injustamente, os seus collegas, que, em commissão, foram ao sr. governador civil, perguntar pela saude da familia real, em nome da classe operaria. Foi esta uma resolução que muito ennobrece os artistas da terceira cidade do reino.

Tendo-se, porém, espalhado que aquella commissão havia declarado que a sua classe estava deliberada a lançar mão das armas, excitou contra ella o ânimo dos artistas que não tinham sido consultados, e por isso nos cumpre declarar que tal boato é inteiramente falso.

— O ex.º sr. Francisco Gomes d'Almeida Branquinho, que com tanta honra e dignidade exerceu em Coimbra o cargo de secretario geral, acaba de ser nomeado governador civil do districto de Vizeu. Uma tão acertada escôlha honra o ministro que a fez. Damos os nossos sinceros e cordeaes parabens ao illustre agraciado, e felicitamos os habitantes d'aquelle districto por terem por chefe uma auctoridade que possui as qualidades precisas para o bom desempenho da missão de que se acha revestida.

— Consta que a rainha Victoria, d'Inglaterra, projecta abdicar a corôa, e recolher-se á vida privada.

— Diz-se que o sr. D. Pedro v, deixára um livro, intitulado — *o livro negro* — onde declara tudo o que havia assignado contra a sua convicção; o que havia soffrido, e o que lhe haviam feito! Pobre rei!...

— As feridas que o sr. Conde da Ponte ultimamente recebeu, em Lisboa, não são de gravidade.

— Segundo se lê' numa correspondencia de Pariz dirigida á *Independencia Belga*, o imperador Napoleão mandou fazer o retrato, de corpo inteiro, do fallecido Rei de Portugal o senhor D. Pedro v, para o museu de Versailles.

— No theatro de D. Luiz I, está em ensaios o drama em um acto e dois quadros, intitulado — *Oppressão e Liberdade*, original portuguez do nosso patricio, o sr. Eduardo Coelho. Está bem escripto, é de grande acção, e ha de excitar maior entusiasmo do que o — *Dia da Redempção*.

A comedia é — *A chavena de chá*, em um acto. É linda e apparatusa, e por certo que ha de agradar geralmente.

— No dia 31 de dezembro findo, mandaram alguns artistas de Coimbra celebrar uma missa por alma do sr. infante D. João. Assistiram todas as auctoridades, muito povo; e durante ella tocaram as philarmonicas Conimbricense e Boa-União. Houve tambem uma salva real de vinte e um tiros.

— A imprensa portugueza soffreu uma grande perda, na pessoa do seu decano, José de Souza Bandeira, proprietario e redactor do *Braz Tizana*. Era um veterano da liberdade, que nunca abandonou o seu posto de honra, quando se tractava de defender a liberdade do pensamento.

Martyr da liberdade d'este paiz, sabia bem e por experiencia, o que ella custára, e apesar de velho tinha sempre brios de moço para a defender.

— Em Lisboa procedeu-se á autopsia do cadaver do sr. Infante D. João, e não se achou o mais leve indicio de envenenamento. Os facultativos assim o declararam.

— Recebemos e agradecemos a remessa do novo jornal quinzenal, noticioso e litterario, que, com o titulo de *Ensaaios litterarios*, se publica em Coimbra, redigido por A. Coelho e A. P. d'Almeida. Desejamos ao nosso collega um futuro auspicioso, e que a sua vida seja prolongada. Amen.

— Ignoramos o motivo porque foi suspêndida a posse do nova Camara Municipal d'esta cidade, que havia de servir no biennio de 1862 a 1863. Esperamos, pois, que a auctoridade respectiva esclareça o público do que houver a tal respeito.

— Amanhan, domingo, terá lugar uma récita, no theatro — *União de Artistas*, na rua da Esperança. Sobem á scena as seguintes comedias: *Por ter compaixão*, — *Um namorado exemplar* — *As duas bengalas* e o *Perdão d'Acto*, cada uma em um acto. Entrada ás sete e meia horas da tarde.

— O sr. Infante D. Augusto tem peiorado; e consta que poucas esperanças ha de salvar tão preciosa existencia. Cartas particulares vindas de Lisboa nos dão tão fatal noticia.

— O funeral do sr. Infante D. João fica reservado para quando opportunamente fôr designado; o real cadaver acha-se depositado na igreja parochial de Sancta Maria de Belem, até o conduzirem para o jazigo de S. Vicente de Fóra.

— O sr. Duque de Palmella mandou offerrecer de Paris, onde s. ex.ª se acha, a sua bella quinta e palacio do Lumiar a El-Rei e ao sr. Infante.

À ultima hora

Sabemos que foi expedida uma portaria do sr. Marquez de Loulé, ao sr. Governador Civil, agradecendo em termos os mais lisongeiros, em nome de El-Rei, aos artistas de Coimbra o cuidado que têm mostrado pela saude da familia real. É um honroso documento aquelle, que muito eleva a nobre classe operaria da terceira cidade do reino.

PORTUGAL INDEPENDENTE

JORNAL ANTI-IBERICO, LITTERARIO E NOTICIOSO

DEDICADO Á MEMORIA DE EL-REI O SENHOR D. PEDRO V

PELOS ARTISTAS DE COIMBRA

REDACTOR — Augusto José Gonsalves Fino

PUBLICA-SE AOS SABADOS

Assigna-se e paga-se este jornal: em Coimbra, na Imprensa da Universidade; nas Provincias, em casa dos Srs. Directores de Correios; no Brazil, em casa do Sr. José Julio Lopes Gonsalves, Rio de Ostras. Preços por trimestre, ou 12 numeros: em Coimbra 400 réis; nas Provincias 460 réis; no Brazil (moeda forte) 700 réis; — número avulso 400 réis. — Toda a correspondencia, franca de porte, será dirigida ao Redactor do *Portugal Independente*, Coimbra. — Escriptos não publicados, não serão restituídos.

EXPEDIENTE

Supplicámos aos srs. Assignantes em debito o favor de, sem perda de tempo, mandar satisfazer a importancia do 1.º trimestre, em vales do correio. A Redacção espera merecer a devida attenção. A importancia será dirigida ao Administrador do *Portugal Independente*, Coimbra.

Aos artistas de Coimbra

A Redacção d'este Jornal, por deferencia á classe operária de Coimbra, que por occasião do fallecimento de Sua Magestade o sr. D. Pedro V, e de seus augustos irmãos, os srs. Infantes D. João e D. Fernando, deu as mais exuberantes provas de amor e lealdade para com a familia real portugueza, o que de certo muito honra e eleva os membros de tão nobre classe, tornando-a por isso credora da consideração e estima pública; resolveu: que este jornal fôsse dedicado, em nome dos artistas de Coimbra, á memoria de sua magestade el-rei o sr. D. Pedro V, e que as suas columnas fôsem cedidas aos operarios que por este meio quizerem aqui advogar a sua causa e interesses, e pugnar pelo bem-estar da classe artistica não só de Coimbra, como do paiz em geral.

O *Clamor Militar* publicou o seguinte artigo, que sentimos não poder reproduzir na sua íntegra, por não ser compativel com as proporções e com a índole d'este jornal.

Independencia nacional

Não é com um solemne *Te-Deum*, nem com outras demonstrações de regosijo publico que se firma a independencia d'um povo, zeloso de seus fóros, de sua liberdade e de suas prerogativas nacionaes. Como nação independente de Castella, ha sete seculos que Portugal tem uma grandiosa e gloriosa página na historia das nações do mundo, e mal poderia hoje unir-se á Hespanha sem abdicar as glorias de suas grandezas passadas, sem insultar os manes de seus predecessores, que tanto fizeram pela grandeza do nome portuguez e pelos fóros das liberdades patrias. D. Affonso Henriques, D. João I, e D. João IV, levantar-se-hiam de seus tumulos para com suas mãos, que outrora empunharam as espadas contra o dominio dos estrangeiros, lançarem a maldição sobre uma raça, que elles chamariam degenerada.

O povo portuguez de certo jámais poderá insultar os manes d'estes vultos gloriosos, que sobresahem nas paginas da nossa historia; o somno eterno em que esses grandes campeões das liberdades patrias, estão jazendo ha se-

culos, jámais será perturbado pelos clamores do povo portuguez em ovações á união ibérica. O povo ouvirá sempre com repugnancia pronunciar a palavra — Iberia; e considerará sempre como insulto á sua dignidade de homens livres, qualquer ideia de junção á Hespanha, por mais revestida que seja das pomposas grandezas do progresso, e da importancia politica no mundo.

O povo portuguez preferirá sempre uma vida e existencia modestas como povo livre, a uma vida de ephemeras grandezas no meio da Europa, atrelado, como escravo, ao carro de triumpho de Hespanha.

Mas o povo ha de succumbir no meio de sua dedicacão á causa da independencia nacional, se o paiz não estiver preparado para a sustentar. Assim lhe succedeu em 1807, e no tempo dos Philippes, e não foi sem esforços sobre humanos, sacrificios immensos, e desgraças lamentaveis que a nação portugueza reivindicou tanto numa como noutra época, a sua independencia, os seus fóros e o seu nome.

Traidores, houve-os sempre, e quando o patriotismo era o primeiro sentimento dos portuguezes, os havia, e poderá duvidar-se que hoje, numa época em que se especula com as desgraças da nação, em que os homens sob a capa de probidade, honestidade e patriotismo, só visam a seus interesses e grandeza pessoal, expondo o paiz a insultos dos estrangeiros, deixando o exército tocar o eumulo de todas as desgraças, arruinando nossas colonias, deixando perder nossa marinha, abandonando as fortunas e interesses de portuguezes aos cuidados d'um consul convicto de ladrão, trazendo-se calculadamente o espirito publico só distraido para estradas, muitas das quaes nos põem á mercê dos hespanhoes; poderá duvidar-se, como iamoz dizendo, que hoje hajam traidores á patria, em muito maior número, que em outros tempos, e que esses traidores sejam aquelles mesmos que mais se inculcam de patriotas e de honrados?

Que parece haver uma mão occulta que está preparando grandes e calamitosos successos para Portugal, tudo o indica, tudo o faz suspeitar.

Não se deixe o povo levar pelo apregoado patriotismo de certos homens, que mais calamidades e desgraças tem trazido a Portugal, embuçados na capa do patriotismo e da honestidade; não se deixe arrastar por vans palavras e seduzir por hypocritas abnegações de riqueza; desconfie d'esses homens que até hoje têm especulado com as suas desgraças, que no meio d'ellas têm sabido enfeitar-se de pomposos nomes, e obtido lucrativas posições, não para servir a nação, mas para se saciarem do oiro do povo, vertido nos cofres do estado para satisfazer sua voracidade, ficando o paiz pobre de melhoramentos e reformas.

Veja-se o estado do exército, chegado a um

ponto tal, que já serve de infame especulação para se obter dinheiro; não ha soldados, não ha armamentos, não ha provisões de guerra, não ha exército numa palavra; mas os cofres publicos enchem-se de sommas avultadas, provenientes das remissões do serviço militar, e nas fileiras cada vez mingua mais os soldados; o Porto já não tem soldados para o pequeno serviço da guarnição da cidade, a capital está só com a guarda municipal, porque todos os corpos que lá estão não têm mil praças; as provincias estão da mesma sorte; as nossas praças de guerra desabam; tudo em fim está militarmente preparado para soffrermos o jugo, quando julgarem ser tempo de o lançar.

É necessario que o povo abra os olhos para este estado lamentavel do exército e se compenetre bem da ideia de que a independencia da nação repousa essencialmente sobre a força do exército e seu arranjo. Sem uma força capaz de embaraçar qualquer tentativa, que sobre nós se possa fazer, acordaremos uma manha com as quinas riscadas das bandeiras, que se levantam nas nossas praças, e Portugal pertencendo só á historia. Consumado uma vez o facto, a Europa olhará para nós com os mesmos olhos de piedade, que hoje volve para a Polonia, para a Hungria, para Veneza e para Rónia; mas não nos tirará da cerviz o jugo, que uma vez nos tenha sido lançado, como agora o não tira aquelles povos governados por estranhos.

Não nos deixemos illudir por essas ideias, que parece adrede por ahi se espalham — de que o equilibrio europeu sustenta a nossa independencia — esse equilibrio europeu sustenta-se bem sem a nossa nacionalidade; assim como se sustenta sem os tractados de 1815, que tinham feito da Italia uma manta de retalhos e banido *in perpetuum* do throno de França a dynastia napoleonica.

Antes d'estes factos se consummarem aos olhos da Europa, impossivel a sua successão, quem diria que em França se havia de assentar no throno de S. Luiz um Luiz Napoleão, Francisco II deixar o throno vago a Victor Manuel, os duques de Toscana, Parma e Modena, perder igualmente seus estados, a Austria ceder do Milanez á Sardenha e o filho do desthronado de Novara ser rei da Italia?

Quem se ousaria a tal proferir em presença do equilibrio europeu, que se dizia perdido no momento em que taes acontecimentos se realisassem?

Pois o equilibrio europeu não se perdeu no meio de tão espantosos successos, e perder-se-ha por uma pequena tira de terra de reino passar a provincia?

Quem ha ahi tão ingenuo, tão crente na sinceridade da politica, que não se arrecee de vêr a nossa nacionalidade perdida, porque os estranhos sympathisam com a nossa causa? deixemol-a uma vez perder e esperemos

então que a Europa nos venha dar a mão; a Europa que não a estende á Polónia, á Hungria, a Veneza, e a Roma!!

Quem se importou com o insulto que sofremos quando á força entregámos a barca Carlos Jorge? Não o presenciou a Europa inteira? Não lavou d'ahi as mãos a nossa *fiel e amiga* Inglaterra?

Que o povo se não deixe assim desarmar, como estamos presenciando; que o povo imponha aos seus delegados em côrtes a imperiosa obrigação de, mais que tudo, velarem pela segurança e independência da patria, exigindo dos governos melhoras as condições do exército e elevando a altura de nossas necessidades políticas.

É necessario que o exército se melhore, e que deixe assim de ser um instrumento d'os governos dissiparem sommas immensas, sem o paiz se ver guarnecido de força. O ministerio da guerra é e tem sido o maior cúmplice nesta desgraça do exército; é d'esta repartição que tão despejadamente promove todas as miserias de que está sendo victima o exército, que a administração militar tem soffrido os maiores males.

Observe attentamente o paiz o que se está passando nas altas regiões da politica, e diganos depois se não está em risco a nossa nacionalidade.

Pedimos venia ao nosso collega da *Independencia* para transcrevermos o seguinte artigo, que publicou no seu número de 5 do corrente.

Com o titulo — *Ha envenenadores?* escrevemos no ultimo número um artigo, que terminámos assim:

«Tambem a reacção é accusada de envenenadora; são-nô egualmente os ibericos e os regeneradores; mas não ha por ora fundamento para dizer que este ou aquelle propinou veneno. Tudo o que ha são suspeitas. Indaguem e desenganem o povo, que tem direito a ser esclarecido.»

Disseramol-o assim porque estavamos d'isso mesmo convencidos. Parece-nos indecoroso aproveitar uma occasião de lagrimas para semear odios e distanciar uns dos outros os membros da familia portugueza. Pareceu-nos que partilhar na dor era diverso de praticar nefandos crimes; que deplorar a morte de principes não era assassinar condes; que ser povo cheio d'amor não era ser povo cheio de loucura. Corydon amava, e a demencia o tomou; o povo deve ter mais juizo do que Corydon, se quiser constituir uma nação livre e independente. A civilisação é a melhor fiadora da independência. As loucuras intestinas são a morte da mais robusta nacionalidade. Não ha constituição que resista á continuada orgia, ou que se não defina na inacção.

Ouvimos clamores tão desencontrados, que logo lhes demos pouca fé. Depois, fallava-se d'assassinatos, e não se diziam bem os fins do assassinato. Conheciamos que mais d'uma suspeita se podia formar; porém a suspeita só pôde ordenar a precaução, e não basear a certeza.

Defendemos o marquez de Loulé, porque nos pareceu muito util não desauthorisar o governo, e porque estavamos e estamos convencidos da sua completa innocencia. Se a população realisasse seus intentos, a ordem pública seria gravissimamente alterada: e tanto mais quanto as suas iras se dirigissem aos poderes públicos. Que queriam os revoltosos? A queda do ministerio? Mas por que, e para

que? Se era por causa da reacção, outros são os meios para a destruir.

Ha a representação ás camaras e ao rei, ha os *meetings* feitos com ordem, e por muito tempo. Costume-se o povo a ter vida liberal, vida constitucional, e verá como é verdadeiramente respeitado. A sua soberania fica estabelecida e acatada, quando for a soberania da liberdade razoavel; será escarnecida em quanto quizer ser a soberania da desordem, do incendio, do machado, e do assassinato.

Deplorámos tanto o proceder da população, como alguns excessos da força armada. Era desnecessaria tanta pranchada, e tanto ferimento, e tanto espectáculo bellicoso. O governo tinha força bastante e sobejá para fazer respeitar todas as garantias individuaes. Deixasse o povo reunir-se onde lhe approvesse, mas seguisse-o e vigiasse-o. Apenas exorbitasse, corrigisse-o; mas em antes, não o cohibisse do que estava no direito d'elle.

A revolta findou. Foi um espectáculo horroroso. O povo olvidou-se da sua dignidade, e manchou-se com um proceder atroz.

Mas agora que resta fazer, senão extinguir a causa de novas revoltas? Se o ministerio tinha força para suffocar revoltas, tinha-a tambem para propor medidas rasgadamente liberaes, em vez de se cobrir de receios, e decretar sem tenções de executar. A questão religiosa vive ainda com todo o vigor. É um volcão que é preciso extinguir. É uma fonte de discordias, que cumpre seccar. Se o governo tem força para tanto, ponha mãos á obra. Se não tem, deixe a outros mais habeis tão elevada missão.

Não adulámos o povo, nem o poder. Dizemos a verdade, tal qual a entendemos.

Sabemos que o habil e acreditado pharmaceutico d'esta cidade, o sr. José Pereira da Cunha Souto Maior, enviou aos seus collegas d'aqui a seguinte carta, cujo fim 'nella se acha declarado. Depois de haverem prometido que concorreriam, bem poucos pharmaceuticos foram presentes, e tão poucos, que nada poderam decidir, por ser a minoria. O honroso convite do sr. Pereira, como nossos leitores verão, era para a celebração d'um acto, com o qual a classe dos pharmaceuticos provasse a estima e consideração, que tributava ao seu fallecido monarcha e infantes. Mas infelizmente nada pôde realizar-se!

Parece incrível, mas é certo, que, quando todas as classes sociaes têm dado provas não equivocas de amor e lealdade á familia real portugueza, os Pharmaceuticos de Coimbra, com raras excepções, não quizessem annuir a um pedido do seu collega, que só deseja ver ennobrecida e elevada a classe a que se preza de pertencer.

Honra, pois, ao sr. José Pereira da Cunha Souto Maior, pelos nobres e patrioticos sentimentos de que se acha possuido.

Eis a carta:

Ill.^{mo} Sr. — Sendo plausivel, a exemplo dos nossos collegas da heroica cidade do Porto, que os Pharmaceuticos d'esta cidade dêem um público testemunho do alto apreço, em que têm as distinctas qualidades e excelsas virtudes, que adornavam os nossos nunca assás chorados principes, el-rei o sr. D. Pedro v, e seus augustos irmãos, os srs. D. João e D. Fernando; vae, por este meio, o abaixo assignado, pharmaceutico d'esta cidade, convidar a v. s.^a para uma reunião, que deverá ter lugar ámanhan, 3 do corrente, pelas 3 horas e meia da tarde, na aula do Dispensatorio Pharmaceutico da Universidade, a fim de que, 'nessa reunião de Pharmaceuticos se delibere sobre a natureza do testemunho público, que

esta classe quer dar em memoria dos augustos fallecidos principes. — Deus guarde a v. s.^a — Coimbra, 2 de Janeiro de 1862. — Ill.^{mo} Sr. — O pharmaceutico, José Pereira da Cunha Souto Maior.

O nosso presado thio e amigo; o sr. dr. Matheus de Sousa Fino, que se achava collocado em 3.^a classe, foi promovido, precedendo consulta do supremo tribunal de justiça, e nomeado para o lugar de Juiz de Direito da comarca da Louzan, de 2.^a classe, por decreto de 21 de dezembro último.

Dirigimos publicamente a s. s.^a os nossos sinceros e cordeaes parabens; e felicitámos os povos da comarca da Louzan pelo magistrado zeloso, recto e imparcial, que vão ter.



Á MEMORIA

DO

REI D. PEDRO V

Sancta ergo, et salubris est cogitatio, pro defunctis exorare.

MACHAB., L. II, c. XII, 46.

Sahirá uma vara do tronco de Jessé, e uma flor brotará da sua raiz. (*Isaias*, c. XI, 1.)

E descansará sobre ella o espirito do Senhor: espirito de sabedoria e de entendimento, espirito de conselho e de fortaleza, espirito de sciencia e de piedade. (*Isaias*, c. XI, 2.)

E enche-la-ha o espirito do temor do Senhor: não julgará segundo a vista dos olhos, nem julgará pelo fundamento d'um ouvi dizer. (*Isaias*, c. XI, 2.)

Mas julgará os pobres com justiça, e arguirá com equidade em defeza dos mansos da terra: e ferirá a terra com a vara da sua bocca, e matará o impio com o assôpro de seus labios. (*Isaias*, c. XI, 4.)

E a justiça será o cinto de seus lombos: e a fé o talabarte dos seus rins. (*Isaias*, c. XI, 5.)

Agora pois, ó Senhor Deus, tu me fizeste reinar a mim, teu servo, em lugar de David, meu pae: mas eu sou um menino pequenino, que não sei por onde hei de sair, nem por onde hei de entrar. (*Reis*, L. III, c. III, 7.)

Dá pois a teu servo um coração docil, para poder julgar o teu povo, e discernir entre o bem e o mal. Porque quem poderá julgar a este povo, a este teu povo tão vasto? (*Reis*, c. III, L. III, 9.)

Agradou pois ao Senhor esta oração de Salomão. (*Reis*, L. III, c. III, 10.)

Melhor é a sabedoria do que a força, e mais val o homem prudente do que o corajoso. (*Sabedoria, c. VI, 1.*)

Por ella me farei illustre entre o povo, e moço como sou serei honrado dos anciãos. (*Sabedoria, c. VIII, 10.*)

Por ella governarei os povos, e as nações me serão submissas. (*Sabedoria, c. VIII, 14.*)

Ó Deus, tu nos repelliste, e tu nos destruíste: tu te iraste contra nós, e tu te compadeceste de nós. (*Psalmos de David, LIX, 1.*)

Tu fizeste ver ao teu povo cousas duras: tu nos deste a beber um vinho de compunção. (*Psalmos de David, LIX, 3.*)

Assim havia entre todos mortos sem número, e feridos todos da mesma morte. Nem eram suficientes os vivos para os sepultar, porque o que havia de mais illustre nas familias era exterminado num momento. (*Sabedoria, c. XVIII, 12.*)

A orelha que me ouvia chamava-me bem-aventurado; e o olho que me via dava testemunho de mim; porque eu tinha livrado o pobre que gritava, e o orphão que não tinha quem o soccorresse. (*Job, c. XXIX, 11, 12.*)

A benção do que estava a perecer vinha sobre mim; e consolei o coração da viuva. (*Job, c. XXIX, 13.*)

Habitará o mancebo com a donzella sua esposa... e o teu Deus folgará contigo. (*Isaias, c. LXII, 5.*)

A mulher virtuosa é uma boa sorte. É a sorte dos que temem a Deus, e que tocará em partilha a um homem pelas suas boas acções. (*Ecclesiastico, c. XXVI, 3.*)

A mulher sancta e que tem pudor é uma graça que excede toda a outra graça. (*Ecclesiastico, XXVI, 19.*)

Abriu a sua mão para o necessitado, e estendeu os seus braços para o pobre. (*Proverbios, c. XXXI, 20.*)

Daê-lhe do fructo das suas mãos: e as suas obras o louvem na assembleia dos juizes. (*Proverbios, c. XXXI, 31.*)

Oh! como é bella a raça casta, quando está ligada com o esplendor da virtude! Immortal é a sua memoria, porque é honrada não só perante Deus mas tambem perante os homens. (*Sabedoria, c. LV, 1.*)

Como o justo agradou a Deus foi por elle amado: e Deus o tirou do meio dos peccadores com quem viveu. (*Sabedoria, c. IV, 10.*)

Por isso que a sua alma era agradável a Deus, é que se apressou a tiral-o do meio das iniquidades. Os povos vêem este procedimento sem o comprehender, e não lhes vem ao pensamento:

Que a graça de Deus e a sua misericordia são para os seus sanctos e as suas considerações para os seus escolhidos. (*Sabedoria, c. IV, 14 e 15.*)

E lhe foi dado o vestir-se de finissimo linho, resplandecente e branco. Este linho fino são as virtudes dos sanctos. (*Apocalypse, c. XIX, 8.*)

Viveu longa vida em pouco tempo. (*Sabedoria, c. IV, 13.*)

Piè Jesu, Domine,
Dona ei requiem sempiternam

JULES LE SIRE. JULES THIEURY.

Abaixo publicamos o discurso recitado pelo sr. Amaral Tavares, por occasião das pompas exequias que a Sociedade Portuguesa de Beneficencia *Dezeseis de Setembro*, mandou celebrar na Bahia, no dia 11 de dezembro findo, pelo descanso eterno de S. M. o sr. D. Pedro v.

«Senhores.—É um filho de outro hemispherio, é um individuo de outro povo, é um membro de outra associação, que vem tambem ajoelhar juncto ao tumulo, em que se reclina o monarcha portuguez.

«Ha certas occasiões, em que parece que um só ente de razão domina tudo: em que, como que voltando-se aos tempos primitivos, quando uma unica familia povoava a terra, todos pensam do mesmo modo, todos os labios articulam as mesmas palavras, todos os corações pulsam impellidos pelo mesmo sentimento.

«É assim, que brazileiros e portuguezes neste momento lamentam unisonos o infausto acontecimento, que enlucta a corôa lusitana; e é assim, que, delegado por uma associação egualmente nobre, venho reunir-me á Sociedade *Dezeseis de Setembro* neste culto ás cinzas de seu real protector.

«Senhores, como homens, como philosophos, vejamos neste triste successo a marcha invariavel e uniforme da natureza; lamentemos essa existencia cortada em flor; mas resignemo-nos porque Deus o mandou: O que porém nos deve confranger o coração é assistir ao despedaçamento de tantas esperanças depositas por um povo inteiro na pessoa do moço rei; é ver como desaparece da terra, onde se tornará uma necessidade para sua nação, o principe illustrado, que logo em um dos seus primeiros actos mostrou o vigor de um grande coração, a dignidade de grande patriota.

«Senhores, Pedro v, não era um dynasta da casa de Bragança; não era um descendente do mestre de Aviz; não se originava de Affonso Henriques: elle fundava a sua monarchia, elle era o primeiro rei da sua dynastia — a dynastia dos reis constitucionaes.

«Nascido em meio das convulsões politicas, seus vagidos de infante uniram-se ás lagrimas do povo, e com as primeiras noções da vida, aprendeu as primeiras necessidades da sua nação. Com a propria experiencia, triste experiencia em tão verdes annos! conheceu quanto abalam os thronos, as paixões desenfreadas dos partidos; viu baterem-se na praça pública por mesquinhas questões tantos bravos que não desdiziam de Egas Moniz ou Fuas

Roupinho; viu desaparecerem da terra envolvidos nos desmoronamentos revolucionarios tantos cidadãos, que tanto podiam concorrer para o engrandecimento da patria!

«Moço ainda, elle tinha a illustração dos projectos, e aquella triste experiencia.

«Batêra a hora. Subindo ao throno, empunhando o sceptro, desenrolou a carta constitucional e fez d'ella o seu programma de governo.

«Chorae-o, portuguezes!

«Não, porque finou-se um homem; mas porque 'nesse homem os mais bellos germens se desinvolviam: mas porque 'nesse homem, 'nesse rei — de tão poucos annos tinha Portugal a fiança de sua grandeza futura.

«Chorae-o, portuguezes!

«Foi elle o primeiro rei que nasceu com a constituição de vossa patria: foi elle o primeiro rei que quiz governar o povo pelo povo: foi elle o primeiro e talvez que por muito tempo seja o unico rei liberal da Europa.

«Chorae-o, portuguezes!

«Seus olhos já não vêem, seus ouvidos já não ouvem, sua mão já não pôde firmar os decretos das condecorações: podeis choral-o sem reboço: a calúmnia não dirá que vossas lagrimas são mentidas, que vossas lamentações são uma impostura.

«Chorae-o, portuguezes!

«Porque muito 'nelle perdeste; porque muito já lhe devia Portugal e muito tinha que lhe dever.

«Chorae esse filho da liberdade, esse propugnador estrenuo dos adiantamentos do seu povo; chorae-o pelo que foi e pelo que havia de ser.

«Sede cortezãos de nova espécie; cortezãos da morte, muito embora!

«E quando lhe fechardes o sepulchro, não escrevae em cima — Pedro v, o muito amado; não escrevais — Pedro v, o infeliz; porque essas palavras nada dirão d'elle á posteridade, não esclarecerão sua memoria; escrevei Pedro v, o constitucional.»

CORRESPONDENCIA

Sr. Redactor.—Consta-nos que ha perto de um anno, Joaquim Ribeiro, natural do Corvo concelho de Miranda, d'este districto de Coimbra, ministrou numa chavena de café, onde lançou pó de dormideiras, a Francisco Gomes do mesmo logar, do que resultou ficar completamente alienado, e sem esperanças de voltar ao seu estado normal.

O competente processo foi instaurado, e pronunciado o dicto Joaquim Ribeiro, que em seguida foi tambem suspenso do exercicio de suas funcções na qualidade de professor de ensino primario 'naquella freguezia! Apesar de tudo, obteve o poder prestar fiança para não ir á prisão; mas o sr. Delegado substituto da comarca da Louzan, vendo que tal crime não admittia fiança de qualidade alguma, levou o processo para a Relação do Porto, onde ainda se acha pendente.

O criminoso, no entanto, passeia impune-mente, apresentando-se, segundo dizem, no lugar, muitas vezes armado, e com ar ameaçador.

Ignoramos o estado em que se acha semelhante processo, qual o andamento que se lhe tem dado, e quando será o dia em que o réo tenha de ser julgado.

É de esperar que o sr. Juiz de Direito, ultimamente transferido para a Louzan, não deixará de prestar a attenção devida sobre este negocio.

PORTUGAL

Só nos falta haver motivo
Que nos falle ao coração:
É tentar-nos com revezes
Se querem vêr Portuguezes!

PALMEIRIM.

I

Portugal altivo outr'ora
Temido por seu poder,
O grande gigante agora
Cansado, mas de vencer,
De quem as sonhadas glorias
São outras tantas victorias,
Solta um brado, ergue a cerviz
Curvada, não d'humilhante,
Do seu vencer incessante
De glorias que o mundo diz.

Eil-o ahí de frente erguida,
Porque morto elle não é;
Os que o crêem já sem vida
Hão-de encontral-o de pé!
De pé o velho soldado
De seus filhos rodeado,
Que por seus filhos chamou:
E elles ouvindo o brado
Cada qual mais apressado
Juncto do pae se acercou.

Que ao vél-os todos cerrados,
Tão junctos, todos alli;
Ao vél-os tão dedicados
O veterano sorri:
Revolvendo lá na mente
O que assim pôde tal gente
O que ella fez e fará!
Relembrando antigas eras,
Montes Claros, Albuéras,
Que jámais se olvidará.

II

•Meus filhos, que alguém esqueça
Direitos... não é de crer;
Que assim tão vil se invilêça
Da sua fôrça e poder,
Que esqueça velhos respeitos,
Todo o valor d'estes peitos:
Repite ainda outra vez,
Não creio que d'outras eras
Se esqueçam lições severas
Do meu povo, o Portuguez!

Mas se algum alucinado
Por ambição cega e van,
Quizer pôr os pés, ousado,
Como os pôz em Tetuan,
Sóbre este sólo e bandeira,
Que é da nossa Padroeira
A virgem da Conceição!
Se alguém nosso abatimento
Julgar ser aviltamento...
Sem honra!... sem coração!...

Por que saibam se elle bate,
Então, meus filhos, então...!
A minha voz ao combate
Em tórno d'este pendão,
Das sacras quinas d'Ouriquel!
Nem um só vivo ahí fique,
Nem um de vós nem um só...!
Antes que nosso estandarte,
Vencedor em tanta parte,
Possa sujar-se no pó!

Embora rôto succumba,
Succumba, mas com valor;
Muito embora, antes a tumba
Do que um viver por favor!
Demonstrar ao mundo vamos,
Que na Europa não deixámos
De encher o nosso logar:
Mostremos que nem por sanhas,
Nem com risos, nem com manhas,
Nos podem avassallar.

De inimigo o ferro ousado
Vós, meus filhos, não temaes,
Logo heis de vel-o quebrado
Ao transpor nossos umbraes;
Não deveis ser esquecidos
Que, da Virgem protegidos,
Sancta a causa, heis de vencer,
Avivae antigos brilhos
A este brado meus filhos,
Eia! Ás armas! Combater!

Um traidor!... oh! não o espero;
Mas se ahí algum houver,
No que até nem pensar quero,
Se entre nós elle apparecer,
E como vilão vendido,
Queira arrojarse atrevido
A cuspir neste pendão!...
Por Deus! que antes da peleja,
Maldicto! o primeiro seja
Que vá morder esse chão!»

III

E os filhos, qual mais attento,
Perante o seu Portugal
Juraram neste momento
Correr da guerra ao signal;
Mostrar constancia perenne
Chegada a hora solemne
D'ouvir ás armas bradar.
E todos mais estreitados
Uns com outros abraçados,
Lá se escutam a clamar.

Viva o Rei e a liberdade
Da nossa terra natal!
Viva a lusa heroicidade,
Viva o nosso Portugal!
Viva a nossa independencia!
Como Nação a existencia
D'esta terra que Deus fez
Cada um de nós defendendo,
Se não vence, cáe morrendo
Porém sempre Portuguez!»

E. C. Beltrão.

PASMATORIO

— Agora é que se vai sabendo melhor —
que o sr. D. Pedro V, de saudosissima memoria, fôra no throno, a verdadeira providencia dos desvalidos.

Entre os muitos factos, que a sua exemplar modestia cobria do mais impenetravel segredo, conta-se o seguinte:

Pouco antes de acamar da doença, que o levou ao tumulo, achava-se elle, conversando com um mancebo, na occasião em que entrava um dos seus ministros, que fez reparo no que assim fallava a sós com o rei.

Dias depois S. M. fallou ao ministro em favor d'um bacharel, que acabava de formar-se, e carecia d'emprego.

O rei acamou, e morreu.

Alguns dias depois do fatal acontecimento, appresentou-se um mancebo ao ministro, que o reconheceu pelo mesmo que vira conversando com o rei.

O mancebo contou, banhado em lagrimas, que não tendo meios para se formar recorrêra á munificencia do sr. D. Pedro V, que lhe estabeleceu uma mesada, mediante a qual pôde fazer e concluir a sua formatura em direito. Que já depois de formado S. M. lhe dava 4 libras por mez; e que era o desejo de não ser tão pesado ao seu real protector, que o levára ao Paço, no dia em que alli o vira o ministro, a pedir a protecção de S. M. para obter um emprego. O joven bacharel concluiu invocando a boa memoria d'aquelle

a quem tudo devêra, para interessar o ministro em seu favor; e crêmos que o deveria conseguir.

— No Porto já começaram os bailes de mascarar. Se se descuidam talvez que os principiassem pelo S. Miguel. Tem pressa os taes senhores!

— A começar de 7 do corrente, estão a concurso por espaço de 60 dias, as cadeiras de ensino primario de Antuzede, Arazêde, Cadafaz e Mouronho, todas no districto de Coimbra.

— No lugar competente do nosso numero de hoje, publicámos o annuncio da 2.ª recita ordinaria no theatro de D. Luiz 1, que deve ter logar hoje. Já dissemos que o espectáculo ha de agradar, não só pela escolha do drama e da comedia, mas tambem porque os actores se acham bem ensaiados; devido tudo aos esforços do sr. Philippe do Qental, que da melhor vontade se prestou ao honroso convite, que lhe foi feito pela illustre Direcção, e aos puros desejos, que os socios dramaticos mostram pelo engrandecimento e credito do theatro. É de esperar que a concorrência seja extraordinaria.

— Sabemos que o sr. José Francisco da Cruz enviou do seu estabelecimento treze qualidades de bolacha, para a exposição de Londres, e que são superiores a outras fabricadas no nosso paiz.

O nosso amigo tem empregado o mais decidido zelo e esforços em elevar o seu estabelecimento, na Couraça de Lisboa, ao maior aperfeiçoamento possível, não se poupando a fadigas e a sacrificios para conseguir, como tem conseguido, os melhores resultados.

Tambem sabemos que o mesmo senhor, vai montar uma fabrica de massas, ao que já deu principio. É digno dos mais bem tecidos elogios o sr. José Francisco da Cruz, por tomar tanto a peito o engrandecimento da nossa industria fabril.

— Amanhan, 12, terá logar uma recita no theatro *União de Artistas*, na rua da Esperança; subindo á scena as seguintes comedias: *Por ter compaixão* — *Um namorado exemplar* — *O Perdão d'Acto*, e a scena comica — *A última victima do Hermann*.

ESPECTACULOS**THEATRO DE D. LUIZ I**

2.ª RECITA ORDINARIA

Sabbado, 11 de Janeiro de 1862

OPPRESSÃO E LIBERDADE

Drama original portuguez em um acto e dois quadros de Eduardo Coelho.

UMA CHAVENA DE CHÁ

Comedia em um acto de J. C. Sanctos.

PREÇOS

1.ª e 2.ª ordem	2\$500	
3.ª dicta	2\$000	
4.ª dicta	1\$500	
Plateia	500 Galeria	240

Entrada ás 7 horas e meia.

Os bilhetes acham-se á venda no theatro no dia da recita — do meio dia ás 5 horas.

O Secretário da Direcção,

José Maria Galeão.

PORTUGAL INDEPENDENTE

JORNAL ANTI-IBERICO, LITTERARIO E NOTICIOSO

DEDICADO À MEMORIA DE EL-REI O SENHOR D. PEDRO V
PELOS ARTISTAS DE COIMBRA

REDACTOR — Augusto José Gonsalves Fino

PUBLICA-SE AOS SABADOS

Assigna-se e paga-se este jornal: em Coimbra, na Imprensa da Universidade; nas Provincias, em casa dos Srs. Directores de Correios; no Brazil, em casa do Sr. José Julio Lopes Gonsalves, Rio de Ostras. Preços por trimestre, ou 12 números: em Coimbra 400 réis; nas Provincias 460 réis; no Brazil (moeda forte) 700 réis;— número avulso 400 réis. — Toda a correspondencia, franca de porte, será dirigida ao Redactor do *Portugal Independente*, Coimbra. — Escriptos não publicados, não serão restituídos.

EXPEDIENTE

Supplicamos aos srs. Assignantes em debito o favor de, sem perda de tempo, mandarem satisfazer a importancia do 1.º e 2.º trimestre, em vales do correio. A Redacção espera merecer a devida attenção. A importancia será dirigida ao Administrador do *Portugal Independente*, Coimbra.

O nosso collega do *Bracharense* publicou o seguinte artigo, a quem pedimos venia para o transcrever:

Para dissuadir o povo das suspeitas de envenenamento nas pessoas da familia reinante mandou o governo reunir uma commissão de doutores, que analysassem os contentos das cavidades cadavericas das tres pessoas reaes fallecidas, e deu a maior publicidade ás autopsias. Mas isto, se pôde servir para mostrar a boa fé do governo, nada pôde contra os receios e probabilidades da propinação de veneno.

As suspeitas fundam-se na incoherencia dos boletins a respeito da marcha da enfermidade das duas primeiras victimas, na rapidez com que correram os periodos da doença a principio desconhecida, na impossibilidade de ser affectado pelos miasmas dos arrozaes do Alentejo o Infante D. João, que lá não tinha ido, e em alguns symptomas que appareceram no Sr. D. Luiz e no seu medico Bernardino, depois de fumarem certos charutos.

Além d'isto, causa gravissima suspeita o não ter apparecido a molestia senão nos membros da linha reinante, contagiar-se ao Infante D. João e não aos criados, fidalgos, nem outras pessoas de palacio, e parecer-se com a que levou ao tumulo o principe Alberto, marido da rainha de Inglaterra, onde estiveram pouco antes o já fallecido Infante D. João e o Sr. D. Luiz, e onde tambem houveram as mesmas suspeitas apesar de ser a molestia do principe caracterizada como typho, logo ao principio.

A autopsia pôde revelar a lesão dos órgãos; mas não a ligação entre essa lesão e a sua causa. Uma ulceração intestinal, ou estomacal, pôde ser causada pelos venenos corrosivos, pelas febres typhosas, pelas inflamações agudas, e pela passagem de corpos estranhos angulosos, ponteagudos ou cortantes, rebeldes á acção do estomago, sem que possa conhecer-se ou discernir-se, sem auxilio de outros meios, qual a causa promotora d'ella.

A analyse chimica é um d'esses meios auxiliares do medico na investigação da causa; mas que pôde a analyse chimica em tal caso? Se as ulcerações e mais lesões organicas tiverem sido causadas pelos venenos mineraes,

propinados em grande dose, pôde a analyse demonstral-o; mas já não succederá assim se o envenenamento for lento e produzir lesões ulteriores, porque neste caso os contentos das cavidades já não darão indicio do veneno no tempo da morte, pois que os órgãos o terão expellido.

A analyse chimica pôde ainda menos no caso de veneno vegetal. A atropina, e os seus preparados, podem causar a destruição da vida, sem que a analyse possa revelar a existencia d'este veneno, que é activissimo, e por isso lhe deram o nome de *morte*. No mesmo caso estão outros venenos acidos, que pela acção e reacção dos órgãos são decompostos, e a analyse só pôde encontrar nos contentos das cavidades os elementos de que se compunham, sem poder por isso só concluir qual a natureza da substancia toxica ingerida.

Se dos venenos vegetaes passarmos aos animaes veremos que a analyse é impotente para os revelar. Morre um animal mordido pela vibora, ou por outra serpente, ou insecto venenoso, e nos liquidos contidos no cadaver não apparece o veneno, por que foi absorvido e produziu a morte pela alteração causada no sangue, nos outros liquidos animaes, e nos solidos. A sciencia não possui por ora meios de analyse para revelar nos solidos e liquidos cadavericos a existencia de taes venenos, apenas possui algumas historias d'esses envenenamentos para se guiar na apreciação dos symptomas durante a vida.

Que valor se pôde dar portanto ás autopsias e analyses dos reaes cadaveres e seus contentos? Apenas poderão certificar-nos da existencia ou não existencia actual de venenos mineraes.

Não censuramos a medida; pelo contrario julgamos de absoluta necessidade que se empreguem todos os meios possiveis para indagação da verdade, e satisfação da anciedade pública. Mas depois de bem acabadas e minuciosas autopsias, depois de repetidas analyses de prova e contraprova, ficam subsistindo as mesmas suspeitas de envenenamento, porque a sciencia está ainda muito atrazada para estas investigações, e o que por enquanto pôde fazer é colligir factos para um dia, pela comparação e combinação d'elles, poder chegar á verdade.

Pela nossa parte somos povo nesta questão. Suspeitamos como o povo.

Theatro de D. Luiz I

Como annunciámos no nosso antecedente numero, teve logar no dia 11 do corrente a segunda recita ordinaria no theatro de D. Luiz I.

Subiram á scena o drama em um acto e dois quadros do sr. Eduardo Coelho, intitulado — *Oppressão e Liberdade*, e a comedia

em um acto, do sr. J. C. dos Sanctos, — *Uma chavena de chá*.

No drama, a sr.ª D. Julia Amelia de Faria e Pinho, primeira dama, e que desempenhou o papel de Leonor, foi muito applaudida, principalmente na entrada que fez no momento em que o incendio começava a devorar a habitação de seu supposto pae, André Moraes Sarmento, e quando veio, depois de quatro annos de ausencia, visitar o seu infeliz amante, que se achava preso nas cadeias de Evora. A insigne Actriz deu um formal desmentido a todas essas pessoas que duvidavam do seu já tão conhecido merito dramatico, e que tem por vicio o dizer mal do que na realidade é bom e agradável. O conceito que temos formado a respeito da sr.ª D. Julia, é que possui a necessaria intelligencia, conhecimentos e practica para bem desempenhar os papeis que, no seu caracter, lhe houverem de ser distribuidos, e que ha de continuar a merecer as ovações que lhe são devidas; no que se provará que em Coimbra se não desconhece a arte dramatica, e que se sabe avaliar o merecimento do actor.

O sr. José Maria Galião, no papel de Corregedor, pae de Leonor, comprehendeu perfeitamente o seu caracter e a sua posição, e apesar de representar um traidor á patria, foi muito victoriado e chamado algumas vezes ao proscenio.

O sr. José d'Almeida Motta, no papel de carcereiro, duvidamos que haja quem o exceda. Apesar do seu estado de saude o não permittir, o sr. Motta desempenhou o papel que lhe foi distribuido com toda a proficiencia; e na última entrada do primeiro quadro, os applausos dos espectadores passaram a delirio; pois que repetidas vezes o sr. Motta não poude fallar com o estrondo das palmas e bravos.

O sr. Adriano Affonso da Matta, no papel de Anselmo, trilhou o palco com os preceitos da arte, e comprehendeu e desempenhou com toda a intelligencia a parte de que se encarregou, sendo entusiasticamente applaudido pelos espectadores, que mais uma vez admiraram a rara habilidade do sr. Matta.

O sr. Francisco Marques Perdigão, no papel de Luiz do Povo, cremos que se houve como um patriota, que apesar de ser auctoridade castelhana, pugnava com ardencia e coragem pela independencia de Portugal. O valor e sangue frio com que soltou alguns brados em favor da patria, motivaram em todos os espectadores estrondosas palmas e repetidos bravos. O sr. Perdigão ganhou mais uma coroa de verdes louros na arena dramatica.

O sr. Antonio Ferraz, no papel de alcaide, tambem o desempenhou com intelligencia, e recebeu applausos.

O sr. José Francisco dos Sanctos, no papel de Franciscano, andou com a coragem necessaria a um ecclesiastico, que debaixo da capa da hypocrisia, obedecia ás auctoridades cas-

telhanas, mas que não esquecia os seus deveres como portuguez leal; aconselhando o povo a ser moderado para se não precipitar, mas que levantasse o brado de independencia nacional.

Em fim todos os personagens do drama foram phreneticamente applaudidos e chamados ao proscenio.

As vistas foram — sala do Corregedor de Evora, que foi reduzida a cinzas no fim do acto; a prisão onde se achava Anselmo; e a praça de Evora. E estavam todas tão bem acabadas; era o seu merito artistico de tanto valor, que os espectadores não poderam deixar de repetidas vezes chamar ao proscenio, o habil pintor, o sr. Antonio Gonsalves Neves.

Na comedia — o sr. Jacintho, no papel de Barão, andou com regularidade, e foi applaudido.

O sr. José Francisco dos Sanctos, no papel de criado, podia andar com mais desembaraço; todavia agradou.

A sr.^a D. Julia Amelia, no papel de Baroneza, recebeu muitos applausos, e desempenhou com gosto e intelligencia.

O sr. Domingos Antonio Simões, no papel de Duarte Tinoco (um criado de v. ex.^o) é impossivel que seja excedido, e custa-nos mesmo a crer que possa ser imitado. Desde que entrou em scena até concluida a comedia, o nosso amigo, a cada palavra que soltava, a cada gesto que fazia, excitava sempre geraes applausos. Tal é o merito dramatico do sr. Domingos Antonio Simões.

Eis ahi, pois, uma anályse franca e sincera do espectáculo que teve logar no theatro de D. Luiz I. Tudo quanto apparecer publicado ao contrário do que temos dicto, é inteiramente falso: não merece credito algum. E se alguém tiver a ousadia de dizer publicamente que as figuras não desempenharam como deviam, os seus papeis, fica desde já convidado a escolher o papel que melhor lhe convier, e ir ao menos recital-o no mesmo theatro. Mas desgraçadamente esses escrevinhadores que são *useiros e veseiros* em dizer mal de materias de que nada entendem, se lhes entregarem um papel, simples que seja, solettram as palavras primeiro que as leiam, e nunca chegam a comprehendel-o. O mundo compõe-se assim, e o que val é que já ninguem dá credito a tanta *consciencia corrompida*, como por ahi se vê a cada canto.

Algumas acções menos polidas que se praticaram na plateia, como, por exemplo, haver um espectador que tocava num assobio quando eram applaudidos os actores, e cujo nome hoje não publicamos, o que faremos todavia, se continuar, assim como os d'outros *trocistas* que deshonram a classe a que pertencem, nos levam a pedir á illustre Direcção que tome as mais energicas providencias para que se não continuem a repetir taes actos.

É de absoluta necessidade que a Direcção nomeie seis individuos de consideração para policiar o theatro em noites de récita, e que estabeleça um artigo, em que determine, que todo o espectador que na sala se não portar com decencia e educação devida, seja mandado sahír do theatro, e o seu nome publicado em todos os jornaes de Coimbra, indicando-o ao público como incapaz de ter entrada em qualquer reunião. É assim como se castigam os turbulentos, e se dão lições de civilidade.

Não devemos, nem podemos deixar de aqui tecer os maiores elogios aos srs. Paulo José da Silva Neves e José Julio Cesar, membros da Direcção, pelo zelo e assiduidade que empregaram no que lhes estava encarregado, para que a segunda récita tivesse logar no dia 11 do corrente; não se poupando a grandes sacrificios, com especialidade o primeiro se-

nhor, que durante alguns dias anteriores ao do espectáculo, esteve continuamente no theatro, trabalhando em tudo o que se achava ao seu alcance, a fim de que não houvesse a menor falta.

Pedimos venia ao nosso collega o *Transtagano* para transcrever o seguinte artigo:

Evora e os seus artistas

Longe de irmos susceptibilisar qualquer classe, não podemos com tudo deixar de estranhar que se tracte tão de leve, tão imerecidamente a maior classe urbana da vetusta cidade de Evora. E é assim. Desdenham os artistas de pretenderem buscar os fins que seriam susceptiveis de alcançar, se porventura tivessem quem d'elles curasse com mais afan.

Existe uma sociedade artistica; e acertará ella com os interesses moraes e materiaes de cada classe de artistas?!

Tememos avançar uma ruim proposição, dizendo que não; porém, não temeremos dizer, que procurando sanar os males, tambem nada tem produzido para bem. Concedamos que tenha creado doze bons artistas 'nestes quasi cinco annos; mas, dizei-nos, que progressos têm feito os vossos socios, novos e velhos, já em artes, já em officios? Tendes, por acaso, creado premios para fazer nascer a emulação?! Não, não fizeste nada 'neste sentido; todavia, ha genios artisticos entre vós, e pareceis desprezal-os!

A sociedade artistica eborense, sem quereremos offender melindres, parece mais uma sociedade commercial, do que outra cousa.

No art. 1.^o dizem os seus estatutos: «A associação poderá trazer a juro de lei os seus fundos disponiveis, preferindo os socios em egualdade de circumstancias.»

Muito bem! Então tinheis a certeza de encontrar fundos? E para isso, que era preciso? A concorrência de artistas. Mas, se vós devieis fazer por ter quantos mais, tanto melhor; para que não desteis mais garantias, puramente artisticas, aos socios?

Attendam bem; não queremos ferir os interesses da sociedade; queriamos, porém, que dessem maior latitude ao seu titulo 1.^o, e que 'nelle consignassem os premios; que creassem officinas dirigidas por habéis peritos, etc. Conheçemos que não houve fim mais sancto e justo do que o da fundação d'esta sociedade; precisa porém de réformas, e essas meditadas por espiritos desinteressados. Fizeram já alguma cousa fundando a sociedade, mas não esmoreçam; continuem aperfeiçoando.

De artistas sabemos nós, que possuem merito incontestavel, e vivem aliás 'numa soffrivel posição; outros, de merito igual e superior, jazem na miseria! Serão scenas d'este mundo?! Admittimos que sim. Mas, poderão remediar-se quanto seja possivel? Napoleão III que vos responda; ou os seus factos, que são irrespondiveis. Tem elle attendido a tudo quanto é arte, officio e sciencia? Tem; e porque? Porque vê, que sem artistas não ha nações, não ha consummidores, e não pôde haver progresso! Por tanto, é de extrema precisão, que mesmo aquellos, que não são artistas qualificados nas estatisticas, e fórmulas do antigo regimen, se convençam que os devem estimular.

A troca, e a livre permutação em commercio e artes é que produzem sempre maior riqueza, e a do maior número: e não aquella, que se limita a meia duzia de individuos. Referimo-nos ao monopolio.

A maior classe, e a mais rica é a dos lavradores: porém que mandam elles fazer aos

artistas? E os commerciantes? Quasi nada; ou então, obras de pouco valor! E querem ter muitos interesses? Querem; porque é ideia innata em todos os homens. As vezes, vendo as circumstancias dos artistas, lá lhes dizem, que façam esta ou aquella obra, mas a podêr de barata. E a isto é que chamam ajudar as artes e os officios.

Evora, capital transtagana, é aonde mais abundam as classes operárias, ligando-se-lhes pouca importancia; contudo, ainda progredem alguma cousa, é força dizel-o.

Vede como são considerados todos os homens, que vivem de trabalho mechanicó; vede como é considerada e retribuida a mais util classe — a artistica — como já dissemos?

Evora, que dá consideração a tanta nullidade; que retribue a tanta ociosidade, só para o trabalho olha indifferente, não lhe dando consideração. Perdoem as perorações.

Quererá Evora ser antiga em tudo? Quererá só continuar a ser murmuradora silenciosa; quererá só dar pasto a maledicencia, e não pretenderá sahír do involuço em que se envolveu?!

«Fulano é este, é aquelle; não trabalha, não concerta, nem arranja nada!» É verdade!

E vós, senhores, que criticaes assim, apostamos que o deixaes morrer de inercia! Ahi para as bandas da rua do Aviz, existe... não, vegeta um bom artista, que, acabrunhado por mil desgostos, se vae finando! Ora, respondei-nos: se vós o não tivessesdesprezado, não lhe terieis dado uma lição mais util? Supponmos que nós, no principio da vida, errámos; e quem é que não erra?! Haverá alguém exempto de culpa? que o diga!

Porém, se este artista assim vive, tambem outros, como alfaiates, serralheiros, carpinteiros, padecem de identicos males.

A vida toda é repassada de prazeres e dores; aquelle que teve a felicidade de encontrar quem o educasse e lhe ensinasse o melhor, é de certo o mais feliz! Nem todos podemos gozar de tal prazer, e por isso, vendo os vicios e crimes, uns abraçam estes, outros aquelles! E serão elles culpados? Não, não foram. Foi a má educação; foi a estrada por onde encetaram a vida.

É, pois, á sociedade, em geral, que cumpre conduzir os seus membros: e ás associações que compete ajudal-os a desviarem-se do mal, insinuando bons principios e contribuindo para que o estygma os não fira desapiedadamente.

Que proveito tiram do descredito dos artistas da mesma classe? Com criticas insulsas é que se corrigem os costumes; ou é com uma moderada critica que se ensina e se aconselha?

Renegamos de tudo o que chamam critica de alpendre, que não ensina nem salva ninguém, e só afoga o individuo no lodaçal imundo, sem mais ter remedio!

Os conselhos salutaes e salvadores do nosso Redemptor para nada serviram até hoje: a humanidade tem caminhado 'numa estrada opposta áquella que lhe traçou o Divino Mestre. Com as associações, com os bons conselhos dos homens independentes e com a emulação bem entendida, é que a sociedade, artistas e operarios, todos, 'neste mundo podem crescer, desinvolver-se e aperfeiçoar-se.

A critica, *má lingua*, e na alta sociedade, *fazer espirito*, para ninguém serve de proveito. A critica que ensina, que educa, que salva, que levanta o artista da miseria, que o faz ter emulação; essa é que, no nosso fraco entender, corrige os defeitos; e aperfeiçoa os individuos; tornando-os cidadãos uteis á humanidade e á sociedade de que fazem parte.

No titulo 1.^o dos estatutos da Sociedade

Artística Eborense, se consignam importantes pensamentos philantropicos; e, como nos referimos só ao seu artigo 1.º, é força declarar neste logar, que não tivemos a intenção de lhe aconselhar senão a reforma, apresentando novamente outros estatutos, onde se mostre mais amor pela classe artistica, e mais claramente se exprima o principio que serve para associar artistas e outras classes de obreiros.

No seio da paz é que as sciencias e as artes prosperam; felizmente estamos gozando d'ella. Tendes tempo para tractar dos vossos, dos nossos melhoramentos, regulando por outra fórma os interesses da sociedade.

Não finalisaremos sem que façamos uma reflexão sem lisôja, que escrevendo este artigo, só tivemos em vista que os artistas e todas as mais classes attendam aos seus interesses recíprocos, a fim de que Evora aumente em riqueza e bellezas artisticas.

Exequias

No dia 30 do corrente, com vespersas no dia 29, na Sé Cathedral d'esta cidade, haverão pomposas exequias, mandadas celebrar pela academia, para suffragar a alma do virtuoso, excelso e magnanimo monarcha portuguez, o sr. D. Pedro v, de sempre chorada memoria.

No magestoso templo da Cathedral já começaram os trabalhos d'armação; será toda forrada de preto, e no corpo da igreja se levantará a elegante eça de Nossa Senhora da Boa-Morte, que será toda coberta de crepe.

Eis o que um nosso amigo nos diz a respeito d'essa resolução academica:

Sr. Redactor.—Mui digno dos maiores encomios é sem dúvida o nobre pensamento, que domina os academicos da nossa universidade, querendo manifestar seu sentimento pela inesperada morte do Senhor D. Pedro v, e gratidão á sua saudosa memoria.

Seja esta generosa inspiração pronunciada por solemnes e sumptuosas exequias, mas tambem devia ser attestada aos vindouros por um duradouro monumento, que se não for de marmore ou bronze fôsse uma primorosa pintura allusiva aos dedicados offerentes, e representando o idolatrado monarcha, de quem ficam memorias soberanas.—Este é o pensar de

Um seu dedicado assignante.

No domingo, 12 do corrente, teve lugar nos Paços d'este concelho, com toda a pompa e magnificencia, a cerimonia da distribuição das medalhas, conferidas pela Real Sociedade Humanitaria do Porto, aos individuos que, nas enchentes do rio Mondego em 1861, praticaram actos de valor e coragem, salvando algumas vidas com riscos das suas.

A esta cerimonia concorreram todas as autoridades, militares e muitas outras pessoas de consideração e de todas as classes da sociedade.

As medalhas foram distribuidas pelo ex.º sr. Governador Civil, que por esta occasião recitou uma extensa allucução, a que não podemos dar publicidade pelas dimensões do nosso jornal.

Durante o acto, a philarmonica Boa-União esteve executando algumas peças de musica, o que bastante concorreu para o tornar mais brilhante.

Os agraciados foram os seguintes srs.:

José Antonio Ribeiro Paulo e Manuel Grillo, medalha de 2.ª classe. João Simões Serio, Antonio dos Sanctos Donato, Antonio Gomes Tinouco, Antonio de Padua Lobo e Alfredo de Moura, medalha da 3.ª classe—são todos d'esta cidade, exceptuando Manuel Grillo, que é do Padrão.

Continuação dos nomes dos dignissimos srs. Assignantes d'este jornal, que têm satisfeito a importancia do 1.º trimestre:

Os srs. Manuel Marques Braga, Maçans de D. Maria. José Metello Corte-Real, Pinhel. João Antonio de Sequeira Seixas, idem. José Maria de Macedo Caldeira, idem. José Antonio dos Sanctos, idem. Dr. Francisco Maria de Carvalho, Lamego. Padre José Justino Pereira d'Andrade, Sabugosa. Directores dos correios de Trancoso, S. Miguel d'Outeiro, Satão, Covilhan e Nellas. Dr. Thomaz Antonio Ribeiro, S. Miguel d'Outeiro. João Fernandes Gaspar, Figueira da Fóz. Joaquim Maria dos Sanctos, idem. José dos Sanctos Fera, idem. Carlos da Costa Guia, idem. Gil Pereira Gonsalves, Verride. José Augusto Pereira Gonsalves, Espinhel. Abel Maria de Mello Brandão, Figueira da Fóz. João d'Oliveira Pinto, Verride. Francisco Maria da Cruz Rebello, Montemor-o-Velho. Manuel Soares Pinto, Figueiró dos Vinhos. Maximiano da Silva Monteiro, Lamego. Dr. Giraldo Joaquim Maria da Costa, Figueiró dos Vinhos. Luiz Pires Monteiro Bandeira, Espinhel. Dr. Antonio Joaquim da Silva, Celorico da Beira. Francisco Antonio Lopes Navarro d'Andrade, idem.

(Continúa)

VARIÉDADES

O capuz do Duque de Bragança

D. Theodosio

El-Rei D. João, o terceiro, mandou a seu sobrinho D. Theodosio Duque de Bragança, para cumprimentar e acompanhar a infanta de Hespanha D. Joanna, filha do imperador Carlos v, que vinha a Portugal para casar com o principe D. João, seu filho, devendo o duque receber a infanta entre Elvas e Badajoz.

Os fidalgos e mais pessoas que haviam de acompanhar o duque, fizeram taes despesas com o vestuario e arranjos para aquella jornada, que o duque ficou espantado com a relação que das mesmas lhe fez um seu confidante, e projectou logo mostrar-lhes a sua desaprovación.

No dia da partida apresentou-se effectivamente ao duque, um rico e luzido acompanhamento. Tudo eram galas e riqueza. O duque, montou a cavallo trajando simplesmente um capuz, trajo muito usado naquelles tempos, feito de panno pardo muito grosseiro, porém o fôrro era todo de tela finissima semeada de diamantes: quando os seus companheiros o viram, ficaram corridos, e muitos desejariam não terem sido convidados para tal jornada, porém era tarde, e o duque estava em caminho.

Os fidalgos castelhanos chegaram á raia, com a princeza, muito antes do duque de Bragança; porém, encontrando alli parte do luzido acompanhamento do duque, julgando que algum dos cavalleiros era D. Theodosio, não se fartavam de perguntar e pedir que alguém lhes indicasse qual dos cavalleiros era, mas tendo-lhes respondido que nenhum dos que estavam presentes era o duque, diziam elles cheios de curiosidade—*Valga-me Dios, adonde vienne el duque?* Finalmente chegou D. Theodosio com o seu capuz de panno pardo; os castelhanos quando o viram não lhe prestaram a maior attenção convencidos de que, um homem tão grosseiramente vestido não seria o duque de Bragança, tão conhecido em Hespanha, pelo seu bom e apurado gosto. Os portuguezes estavam apoquentados pela ideia de se terem apresentado mais ricos do que o seu chefe, e muito mais o estavam aquellos que sabiam o motivo ou o desconfiavam: mas

sendo perguntados pelos de Castella, elles lhe indicaram, o homem de capuz pardo, dizendo—*alli tiendes el duque!* então grande foi o espanto dos castelhanos (talvez porque ignorassem o nosso dictado, o hábito não faz o monje), parecia-lhes incrível que um homem tão grosseiramente vestido fôsse D. Theodosio, mas este que os entendeu, dirigindo-se á princeza para lhe beijar a mão, levantou uma das abas do capuz sobre o hombro de modo, que ficou descoberto o fôrro, e como o sol lhe batésse, resplandecia de tal modo, que cegava quantos punham os olhos nelle, os castelhanos que o não tinham perdido da vista um momento, sendo de prompto forçados a voltar o rosto, cheios de cholera, diziam—*Valga el diabo el hombre, que viene ahorrado del sol!*

PASMATORIO

— Parece incrível, mas é certo, que a camara municipal da terceira cidade do reino, consentisse que um dos empregados da policia se apresentasse no domingo 12 do corrente, a receber a medalha que lhe foi conferida pela Real Sociedade Humanitaria do Porto, com o fardamento todo sujo, sebento e remendado!... É um facto altamente escandaloso, mas que não podemos deixar de registrar.

— Já se está ensaiando no theatro de D. Luiz i, a comedia-drama em tres actos, do sr. J. C. dos Sanctos—*O segredo d'uma familia*. O espectáculo terá logar no dia 25 do corrente. São muito procurados os bilhetes.

— Tendo por ahi andado por essas ruas muitos cães damnados, não nos consta que sejam dadas as providencias para impedir que elles causem alguns prejuizos. É preciso mais vigilancia. Lançam ás vezes as taes *bolas* a cães de estimação, e que não fazem mal a pessoa alguma, e não se importam que um cão damnado percorra toda a cidade com risco de pregar a sua *dentada!*... Por mais que nos esforcemos por indireitar o mundo, mais elle se inclina.

— Consta-nos que ha grande empenho em se annullar as últimas eleições da camara municipal d'esta cidade. Ignoramos os motivos. Ficaremos d'atalaia.

— Vão brevemente começar os ensaios no theatro da Graça.

— Numa das últimas sessões da camara dos srs. deputados, o ex.º sr. José de Moraes Pinto d'Almeida chamou a attenção do sr. Ministro das Obras Públicas para o paredão construido pela empresa do caminho de ferro, proximo á ponte de ferro que se anda lançando sobre o Mondego, para baixo do porto da Pedra.

O respectivo ministro respondeu convenientemente.

— O nosso patricio, o sr. José Felix Machado, canta a sua primeira missa no domingo, 19 do corrente, na capella da Misericordia d'esta cidade.

— Consta-nos que o nosso thio e amigo, o sr. Matheus de Sousa Fino, não accéita a transferencia para Juiz de Direito da comarca da Lousan.

— O sr. dr. Antonio Maria da Cruz, nosso patricio, foi ultimamente nomeado para o partido de medicina de Obidos, pela respectiva camara municipal. O nosso amigo esteve alguns annos no partido das Cinco Villas, onde soube grangear a estima e consideração de todos aquelles povos, tractando sempre com a maior affabilidade e desinteresse as pessoas que viviam na indigencia.

— Felicitâmos, pois, os habitantes da Villa de Obidos pela acertada escolha que a camara

municipal soube fazer; e dirigimos os nossos sinceros parabens ao sr. Antonio Maria da Cruz, por ver assim coroados os seus trabalhos litterarios.

— Consta que o nosso ministro em Pariz, instou com o sr. Arcebispo d'aquella capital, para que não concedesse a licença pedida pelos srs. Julio Thieury e Julio Le Sire, para celebrarem as exequias pelo descanso eterno de S. M. El-Rei o Sr. D. Pedro v.

— As ultimas noticias chegadas de Lisboa, da enfermidade do sr. Infante D. Augusto continuam a ser bem pouco satisfactorias.

— Amanha haverá uma récita no theatro *União de Artistas*, na rua da Esperança, em beneficio do actor Ferreira, que se acha nesta cidade. Sobem á scena as seguintes comedias: *Um namorado exemplar* — *O Perdão d'Acto* — as scenas comicas — *Os effeitos do vinho novo*, executada a capricho pelo insigne artista, o sr. João Epiphânio Bastos, que tanto tem desinvolido o seu talento dramatico, e a *Luizinha, a leiteira*.

— Brevemente começaremos a publicar a *Historia das mulheres celebres da Revolução Françeza*. É uma obra rica de estylo, bastante interessante, e cremos que ha de chamar a attenção das pessoas que gostam de saber até que ponto pôde chegar o valor e o merecimento d'aquellas a quem chamamos — *fracas*.

— O anno de 1861 foi fatal para a realza. Durante o seu decurso, que nos recordemos, verificou-se o fallecimento das seguintes pessoas reaes: do rei da Prussia, do conde de Montemolin, pertendente á coroa de Hespanha; da condessa de Montemolin, sua espôsa e princeza napolitana; de D. Fernando de Bourbon, irmão do conde de Montemolin; do conde de Syracuse, thio de Francisco II de Napoles; da infanta D. Conceição, filha da rainha de Hespanha; do imperador da China, da rainha de Madagascar; do Sr. D. Pedro v, e de seus dois augustos irmãos D. Fernando e D. João, e finalmente do principe Alberto, espôso da rainha de Inglaterra.

Cumprê notar que no mesmo anno foi destronado Francisco II de Napoles, e que se verificaram duas tentativas de regicidio, uma contra o rei da Prussia, em Baden, e outra contra o rei da Grecia, em Athenas.

PUBLICAÇÕES LITERARIAS

ARCHIVO JURIDICO

Principiou a distribuição dos n.º 4 e 5, da 2.ª serie d'este jornal de legislação. O n.º 4 contém a — Lei do Registro. O 5.º — Regulamento e tabellas da Lei do Sello. Os n.º transactos contém o 1.º a — Lei da Desamortisação. O 2.º a — Lei do Sello. E o 3.º a — Lei de Transmissão.

Aviso aos srs. Assignantes das Provincias

Com o n.º 5 d'esta serie, ficam concluidas as assignaturas dos srs. Assignantes que tinham pago até ao n.º 6 da 1.ª serie. O indice dos n.º 4 e 5 da 1.ª, ser-lhe-ha remetido logo que se publique o n.º 6 da 2.ª; sendo-lhe este enviado, com o indice, se suas s.ª mandarem reformarem ás suas assignaturas; que para as provincias continuam a receber-se com as condições da 1.ª serie; porém segundo a nova ordem d'esta publicação — resolvemos receber assignaturas, por series, ou 12 n.º — custando cada serie 1\$440 réis, sendo o *Archivo* enviado franco de porte aos srs. Assignantes.

Não se tomam assignaturas para as provincias, sem previo pagamento, que pôde ser em dinheiro, valles do correio ou em estampilhas.

Aos srs. Assignantes que não reformarem a sua assignatura, será enviado o indice — que lhes falta dos n.º 3 e 5 da 1.ª serie, e quando se publicar o da 2.ª tambem lh'o remetteremos, franco de porte, ainda mesmo que não reformem.

A empresa do *Archivo Juridico* agradece a todos os srs. juriconsultos, empregados da justiça, do fôro e outras pessoas a coadjuvação que têm prestado a esta publicação, e com especialidade aos seus collegas da imprensa periodica; não só pela publicação dos annuncios, mas tambem pela generosidade e delicadeza de a obsequiarem com as suas folhas que têm recebido com a maior regularidade possível.

Assigna-se em Coimbra na loja do sr. José de Mesquita.

NOVA TABUADA

EXACTA E CURIOSA

COM O NOVO

SYSTEMA METRICO-DECIMAL

DE PESOS E MEDIDAS

TABELLAS DE REDUCÇÃO

E

EXERCICIOS E PROBLEMAS PARA INTELLIGENCIA DO MESMO SYSTEMA

POR

J. S. Bandeira

Approvada pelo Conselho Geral de Instrução Pública.

3.ª EDIÇÃO

CORRECTA E REFORMADA

Vende-se na loja de livros da Imprensa da Universidade. Preço 50 réis.

O DIA 4.º DE DEZEMBRO DE 1640

OU

Memoria historica dos successos de Portugal, desde a morte de El-Rei D. Sebastião, até á feliz aclamação de D. João IV

POR

ANTONIO FRANCISCO MOREIRA DE SA.

Vende-se em Coimbra, na Imprensa da Universidade, e em Lisboa, Porto e nas mais terras do costume.

Preço 100 réis.

ANNOS EM COIMBRA

POR

A. A. F. de Albuquerque

Este interessante livro destina-se a narrar uma parte da historia das antiguidades e monumentos de Coimbra; descrever os typos das diversas classes conimbricenses, entre as quaes avulta o lente, o estudante, o artista, o commerciante, a dama, a tricana, o aldeão, etc.; apontar as bellezas de Coimbra, com a maior e mais precisa exactidão.

PREÇO DE CADA EXEMPLAR

Para os srs. assignantes 300 rs. Avulso 400 rs.

Assigna-se e vende-se em todas as lojas de livros de Coimbra, e na Imprensa Litteraria.

Para fóra já se remetem exemplares pagos adiantados.

REINADO

ULTIMOS MOMENTOS

DE D. PEDRO V

POR JOSÉ MARIA DE ANDRADE FERREIRA

Segunda edição, correcta e accrescentada com uma carta do proprio punho do Rei finado, e mais documentos importantes.

Vende-se na loja de livros da Imprensa da Universidade.

ARCHIVO PITTORESCO

PRINCIPAL REDACTOR—SR. SILVA TULLIO

REDACTORES—Castro, Irmão & C.ª

Publicou-se o n.º 43 do 4.º volume.

NOBILIARCHIA CONIMBRICENSE

BOSQUEJO HISTORICO

DA NOBREZA DE COIMBRA

POR

Antonio Maria Seabra d'Albuquerque

AGRADECIMENTOS

A Redacção d'este jornal, summamente penhorada pelos innumeraveis obsequios que tem recebido de todas as pessoas que se hão dignado auxiliar esta publicação, já com seus valiosos escriptos, já por concorrerem com suas assignaturas, a todos tributa por este meio o mais profundo reconhecimento, e se confessa summamente agradecida. E de novo roga o favor de a continuarem a proteger, para que dignamente possa obter os fins a que se propoz, e tirar os resultados que espera.


A Redacção.

Hayendo ido por diversas vezes á villa de Tentugal, tenho sempre sido tractado pelas pessoas minhas amigas com toda a consideração; amizade e reconhecimento, com especialidade na última visita que alli fiz. As finezas que recebi do meu presado amigo, o sr. J. A. e sua excellente familia, durante todo o tempo que alli permaneci, não podem, nem devem esquecer-se, e faltaria por certo a um dos mais sagrados deveres de gratidão e estima, se por ventura não testemunhasse por este meio o profundo reconhecimento de que me encontro possuido.

Tambem não posso, nem é possível deixar de confessar que fui altamente obsequiado pelo sr. E., sua estremosa consorte e sympathicos e candidos filhinhos; principalmente no dia e noite dos Reis Magos. É impossível descrever o jubilo, o prazer e satisfação que reinava em tão luzida sociedade, naquella magnifica casa; sente-se, mas não se pôde explicar. Foi um dia, foi uma noite, que sempre d'ella me recordarei com saudade!

M.

ANNUNCIOS

 Vende-se um Dogcart com arreios em muito bom uso; nesta redacção se diz quem é seu dono.

PORTUGAL INDEPENDENTE

JORNAL ANTI-IBERICO, LITTERARIO E NOTICIOSO
DEDICADO Á MEMORIA DE EL-REI O SENHOR D. PEDRO V
PELOS ARTISTAS DE COIMBRA

REDACTOR — Augusto José Gonsalves Fino

PUBLICA-SE ÁS SEXTAS FEIRAS

Assigna-se e paga-se este jornal: em Coimbra, na Imprensa da Universidade; nas Provincias, em casa dos Srs. Directores de Correios; no Brazil, em casa do Sr. José Julio Lopes Gonsalves, Rio de Ostras. Preços por trimestre, ou 12 numeros: em Coimbra 400 réis; nas Provincias 460 réis; no Brazil (moeda forte) 700 réis;— número atulso 400 réis. — Toda a correspondencia, franca de porte, será dirigida ao Redactor do *Portugal Independente*, Coimbra. — Escriptos não publicados, não serão restituídos.

EXPEDIENTE

Supplicámos aos srs. Assignantes em debito o favor de, sem perda de tempo, mandarem satisfazer a importancia do 1.º e 2.º trimestre, em vales do correio. A Redacção espera merecer a devida attenção. A importancia será dirigida ao Administrador do *Portugal Independente*, Coimbra.

Camara Municipal

Consta que por um alvará do ex.º sr. governador civil, se ordenou que a actual vereação continuasse a dirigir os negocios do municipio, porque a camara ultimamente eleita, não tomava posse por em quanto.

Diz-se que se empregam os maiores esforços para annullar a última eleição da camara municipal d'esta cidade, que ha de servir no biennio de 1862 a 1863; damos a isto todo o credito, porque se esses desejos não existissem, por certo que a nova camara já teria entrado no exercicio de suas funcções.

Não sabemos quaes os fundamentos que ha para se não dar por válida uma eleição, que em todos os circulos correu com a maior regularidade, não tendo apparecido protesto algum.

Dá-se como motivo que alguns dos vereadores eleitos não pagam o censo que a lei marca, e que por isso não estão no caso de servir, mas este caso já se deu em outras occasiões, e os eleitos serviram os cargos para que foram escolhidos pelo povo.

Consta-nos tambem que em quasi todas as novas vereações do districto se deram as mesmas circumstancias, e ellas tomaram posse e estão já no exercicio de suas funcções, menos a de Coimbra.

Não discutimos politica porque o não podemos, e mesmo porque a nossa politica é viver com todas as pessoas, sem distincção de classe; não nos importando que á testa dos negocios do municipio esteja Paulo, Martinho ou Sanchinho: para nós é isso indifferente; desejavamos que se concedesse ao povo a escolha de quem lhe parecesse apto para estes e outros cargos.

Em quanto 'nestes e 'noutros negocios entrar a tal senhora a que chamam — *politica*, não pôde haver ordem, nem socêgo, nem boa administração; ha de sempre haver o que estamos vendo.

Sentimos só que a indole do nosso jornal nos não permita sermos mais explicitos, porque de certo elucidariamos muitos mysterios...

A Rainha Sancta Isabel

Nasceu ella em Hespanha no anno de 1271, filha de D. Pedro III, de Aragão e de D. Constança de Napoles, neta de D. Violanta, filha

de André II, da Hungria, girava-lhe nas veias sangue nobre.

Era tão formosa que, quando apenas contava onze annos, já a fama das suas perfeições começava a correr o mundo, dizem os chronicistas do seculo XII; e foi esse o motivo por que tres dos mais afamados reinantes d'então disputavam a sua posse, e a pediram em casamento para os herdeiros de seus thronos. Desejavam possuir a bella princeza a França, a Inglaterra e a Grecia, mas estava ella destinada para ser espôsa de um rei portuguez.

Foi a rainha Sancta Isabel um constante modêlo de virtudes, não havendo um só acto da sua vida que deixasse de ser um exemplo.

El-rei D. Diniz era pouco regular no seu proceder, mas a Sancta Rainha chamava para juncto de si os filhos bastardos do espôso, acarinhava-os, protegia-os e facultava ás victimas os meios physicos e moraes de sahirem do mau caminho. Se a guerra civil se ateava entre el-rei D. Diniz e seu filho, a sancta rainha dos portuguezes não parava em quanto se não mettesse entre as lanças dos dois exercitos, a fim de evitar uma guerra parricida; se a peste assolava o reino, ahi a tinham os portuguezes liberal, caridosa, correndo a levar soccorro aos logares onde o contagio mais damninho se mostrava.

O primeiro hospital que houve em Portugal foi fundado e dotado por ella, mas, além d'este fundou e dotou muitos outros e alguns conventos, concluindo um hospital para engeitados.

Tanto que el-rei seu marido expirou, a rainha de Portugal, a filha, a mãe, a neta de reis, querendo mostrar o nada das vaidades do mundo (diz o sr. A. X. Rodrigues Cordeiro), «cencerrou-se no seu aposento, chamou as suas camareiras, despojou-se dos seus vestidos, entregou os cabellos a uma thesoura, envergou o hábito de Sancta Clara, cingiu-se com um cordão, e entre lagrimas de todas e d'ella, que as sanctas tambem choram, fez um protesto, não de professar porque era sua intenção não se privar das suas rendas, e exercer a caridade, mas de assim continuar vestida o resto da vida.»

Morreu em Estremoz, onde cincoenta e cinco annos antes D. Diniz havia assignado a procuração para o seu casamento. Acha-se em Coimbra em um rico mausoleu de prata em que a collocára D. Pedro II.

O 1.º de Dezembro.

Sabemos que o sr. Antonio Joaquim da Silva, de Celorico da Beira, que não ha muito tempo exerceu o cargo de administrador do concelho de Goes com toda a honra, dignidade, inteireza e circumspecção, se propõe requerer um logar de delegado do procurador regio.

Durante que o sr. Silva esteve como auctoridade administrativa em Goes, todos os jor-

naes, sem distincção de côr politica, teceram a s. s.º os maiores elogios, e felicitaram o govêrno que fez tão acertada escolha.

O sr. Silva nunca se deixou levar por empenhos, e muito menos temeu ameaças; a justiça foi sempre administrada com imparcialidade e independencia; e jámais deu ouvidos a mexericos e intrigas, como sempre costuma haver, para se exercer influencia perante a auctoridade, ou vingança nos inimigos.

O sr. Silva, como homem, é um excellente cavalheiro, digno de toda a consideração; como auctoridade, foi e será sempre um fiel executor da lei, e em quem o govêrno pôde depôr inteira confiança, sem temor de quebra de dignidade.

Homens de tão elevadas qualidades e de san consciencia, como o sr. Silva, é que o govêrno devia escolher para os cargos publicos que envolvem responsabilidade; e porisso, concorrendo no nosso amigo todas as circumstancias precisas para o bom desempenho dos seus deveres, nós pedimos ao sr. ministro da justiça se digne tomar em consideração o que temos expellido, nomeando o sr. Antonio Joaquim da Silva para um dos logares de delegado do procurador regio.

COMMUNICADO

Não tenho a honra de ser pessoa íntima do sr. Francisco Pereira de Miranda, dignissimo delegado do thesoura d'este districto, todavia tenho obtido de s. s.º algumas audiencias particulares, nas quaes reconheci no sr. Miranda todos os dotes precisos a um cavalheiro aliás distincto.

As attenciosas maneiras com que fui recebido pelo sr. Miranda, captivaram-me a tal ponto, que, confirmando a opinião que de ha muito formava de s. s.º, me obriga a lançar mão da penna a fim de, por este meio, agradecer a s. s.º a delicadeza com que se dignou tractar-me.

Como empregado público, o sr. Miranda é zeloso e activo no cumprimento dos seus deveres; como homem, é um excellente cavalheiro, digno da estima dos seus numerosos amigos.

Ainda ha pouco, quando em todo o districto se recejava que houvesse confusão e barulho na occasião de se receberem os novos impostos, e com especialidade a contribuição industrial, o sr. Miranda, com aquella moderação que lhe é tão propria, obistou a que entre tantos contribuintes tivessem logar divergencias, de que poderiam resultar graves consequencias.

Os habitantes do districto devem estar satisfeitos com a acertada escolha do thesoura, mandando para seu delegado aqui, um homem, cujas nobres qualidades e boas intenções podem ser imitadas, mas não excedidas.

Receba, pois, tão exemplar fiscalizador da fazenda pública os protestos de estima e consideração que lhe tributam os povos do districto de Coimbra.

E v., sr. Redactor, muito me obsequieia, se por ventura dêr publicidade no seu accreditado jornal a estas mal traçadas linhas.

Um seu assignante.

CORRESPONDENCIA

Sr. Redactor.

Desde a primeira vez que li o seu limitado mas proveitoso jornal, suscitaram-me logo ideias de me fazer litterato, isto é, de fazer tambem uma poesia, o que a custo de muito pensar consegui, porém com o intento de que esta minha primeira produção chegasse a ver a luz do dia, mas se ella nasceu fadada para viver na escuridão, adeus poesias!... adeus poeta!...

Tancos, 14 de Janeiro de 1862.

SAUDADE

Offerecido ao meu amigo

F. J. DA SILVA

A debil planta que nasceu na plaga
Descorada e triste no hastil pendeu
Secou-lhe a seiva o furacão ruidoso,
Tão nova ainda, a infeliz morreu.

PINA

Minha lyra de lucto vestida
Traz-me um hymno saudoso e bem triste,
Vae depôl-o na campa gelada
Da donzella que já não existe.

Vae trocar-lhe por cantos funereos
Esses cantos d'outr'ora felizes,
Vae dizer-lhe que a dor e saudade
Tem no peito profundas raizes.

Vae contar-lhe a tristeza, os suspiros
Dês que vi seu amor fenecer;
Vae dizer-lhe na terra sósinho
Eu sem ella não posso viver.

Vae contar-lhe meus prantos amargos,
A saudade, os gemidos, o lucto,
Sôbre a campa cercada de goivos
Vae pagar-lhe teu negro tributo.

Parca cruel! impia
P'ra que tanta tyrannia
No teu braço eu vi alçada?
Para que roubas-te ao mundo
O que o jazigo iracundo
Encerra em pedra gelada?
A donzella que ha pouco ainda
Era na terra tão linda
'Nessa terra é hoje nada!...

Com ella morreu amor
Que outr'ora no seu verdor
Do meu peito era a vida,
Lá o vi, porém murchou
Quando a morte o avassalou
'Nesse leito eu vi pendida
Tenra flor que a impia sorte
Na aurora lhe deu a morte
Sem a ver na haste erguida.

Roubou-me na terra a flor,
Que ostentava seu vigor
No hastil em que pendeu,
Roubou-me na terra a vida
Pois lá a vi confundida
'Nesse amor que feneceu:
Nem uma esperança me deixou
Tudo! tudo me roubou,
Tudo com ella morreu.

Que m'importa a mim a vida,
Se essa esperança tão querida
Já de todo murchou,
Que importa? se esse amor,
Inda mal no seu verdor,
Morte cruel m'o roubou.

Quando apenas tenra flor
Da primavera no alvor
A desabrochar começou,
Morte negra! desabrida
Roubou-lhe para sempre a vida,
E no frio chão a calcou.

E lá jaz qual flor mimosa
A donzella tão formosa
Na gelada campa a dormir:
Dorme! dorme! que acabaste,
Já para sempre findaste
Teu tão curto existir.

Acabaram tuas doces fallas,
Acabaram para ti galas
'Neste mundo d'illusão,
Lá acabaram teus encantos,
Os teus amorosos prantos,
Tuas saudades d'então.

Que m'importa a mim a vida,
Se essa esperança tão querida
Em leda aurora murchou;
Que importa se esse amor,
Inda mal no seu verdor,
Já para sempre acabou.

Augusto da Silva.

Abaixo publicámos o parecer da respectiva comissão, acerca dos ultimos tumultos que tiveram lugar em Lisboa, que foi appresentado na camara dos srs. deputados:

Senhores.—A comissão especial encarregada de apreciar a questão que se suscitou na camara com relação aos deploraveis acontecimentos que occorreram na capital nos dias 25 e 26 de dezembro último, vem hoje apresentar-vos o seu parecer.

A comissão examinou o relatório enviado á camara pelo sr. ministro do reino, assim como os relatórios especiaes dos administradores dos diversos bairros, e obteve do govêrno todos os esclarecimentos e explicações concernentes a este assumpto, a fim de formular sóbre elle o seu juizo.

A comissão julga desnecessario narrar aqui essas condemnaveis occorrencias, assim como a serie de medidas que o govêrno tomou para restabelecer e assegurar a ordem pública, pois essa triste historia é hoje geralmente conhecida em todo o paiz; basta-lhe só rememorar que a immensa maioria da população da capital foi completamente estranha ao desvairamento de alguns homens illudidos ou insensatos, e que o govêrno conseguiu fazer respeitar as leis e manter a segurança dos cidadãos sem empregar excessos de violencia.

A dor profunda que affligia o povo pelas funestas e repetidas perdas que enluctaram o paiz, podia explicar até certo ponto algumas apprehensões infundadas, algumas ideias erroneas que circulavam em uma parte da população, e mesmo uma manifestação pública de sollicitude pela vida do novo chefe do estado; mas atacar a propriedade e a vida dos cidadãos, especular com um sentimento nobre para postergar as leis e pretender decidir nas praças amotinadas a queda ou a elevação dos ministerios, são factos altamente criminosos, que não só devem ser punidos pelas auctoridades, mas solemnemente estigmatizados pelos representantes do paiz.

A comissão, para emittir o seu juizo sóbre

este objecto, não julga necessario entrar em particularidades que o debate poderá esclarecer, por isso conclue que, em presença das explicações do govêrno, do conhecimento que todos temos dos factos e das circumstancias em que elles occorreram, a comissão julga que o govêrno, reprimindo os tumultos sediciosos, e assegurando a ordem pública, cumpriu com o seu dever e não desmereceu a confiança da camara.

Sala da comissão, 18 de janeiro de 1862.
— José Bernardo Braamcamp—José da Silva Mendes Leal Junior—Vicente Ferrer Netto Paiva—João Baptista da Silva Ferrão de Carvalho Mártens (com declarações e vencido em parte)—Joaquim Thomaz Lobo d'Avila, relator—Antonio Ayres de Gouveia, secretario.

VARIÉDADES

Um prégador, como ha muitos

No tempo de el-rei D. João IV, assistindo el-rei a um sermão na capella real, notou que o prégador em lugar de se occupar de materias proprias da sua profissão, esquecendo o lugar e a occasião, só tractou de politica, e dos negocios do Estado: el-rei ouviu-o com toda a paciencia e prudencia, porém findo que foi o sermão, mandou chamar o prégador, e teve com elle a seguinte conversa: — Meu padre, tive hoje occasião de avaliar o vosso saber, em relação aos negocios publicos, dizei-me meu padre: quantos cargos tendes occupado na vossa religião? Nenhum, senhor. Respondeu o prégador; então el-rei aproveitando a resposta, continuou. Pois: se até agora na vossa religião vos não achavam capaz de governardes uma comunidade, como vos achaes vós com talento e merecimento para querer governar o meu reino? O pobre prégador ficou tão confuso com este simples galanteio, e tão castigada a sua ignorancia com a gravidade de el-rei, que nada poudo responder, mas el-rei, condoendo-se do estado d'elle, disse-lhe com a maior affabilidade — ide meu padre, ide estudar novamente o sermão, e quando o souberdes, voltae ao pulpito da minha capella, que eu terei muito gôsto em vos ouvir, mas deixae-me governar o meu reino, como eu melhor o entender.

D. Brites de Vilhena

D. Brites de Vilhena, viuva de Manuel Telles, foi uma das heroínas portuguezas de ânimo mui varonil e constante, e era camareira mór da rainha D. Izabel, mulher d'el-rei D. Affonso V, genro do infante D. Pedro.

Na batalha em que ficou morto o infante, ficou bem assim Manuel Telles, e um dos dois filhos que o acompanhavam; fugindo porém o outro para Hespanha, foram-lhe confiscados os bens e incorporados nos da coroa; outra qualquer, que não fôra a heroína portugueza, succumbiria a tantas desgraças, porém não aconteceu assim, portou-se D. Brites de modo tal, que não só ninguém lhe viu verter uma lagrima, mas ainda aconselhou a rainha que mandasse fazer uma procissão de graças, pela mercê que Deus fizera a el-rei com o vencimento d'aquella batalha.

Teve lugar a solemnidade aconselhada por D. Brites de Vilhena, e quando a rainha entrou no palacio, voltando da procissão, logo se lhe apresentou a camareira toda vestida de gala a beijar-lhe a mão, e assim andou durante todo o tempo que viveu no Paço: el-rei conheceu tanto o seu merecimento e fidelidade que d'ahi em diante nunca deixou de se aconselhar com ella, e de governar segundo os conselhos que ella lhe dava, e passados alguns

annos, persuadido o rei de que obsequiava D. Brites, perdoando a seu filho que tinha fugido para Castella, sem consultar a mãe perdoou ao traidor, e mandou lhe fôsem restituídos todos os bens confiscados; porém D. Brites, que antes de ser mãe era portugueza, no dia em que lhe deram parte da graça que o rei fizera a seu filho, dirigindo-se ao rei e beijando-lhe a mão, lhe disse:— Senhor, é tempo de chorar a morte de meu marido, e de meu filho: dê-me vossa alteza licença para ir para minha casa; o rei ficou espantado de tanta fidelidade e coragem, e por mais diligências que empregou não pôde conseguir que D. Brites de Vilhena continuasse a ser camareira mór, e a residir no Paço.

L. P. B.

PASMATORIO

— Visto que já demos principio á publicação dos nomes dos srs. assignantes que se têm dignado satisfazer a importancia do primeiro trimestre do nosso jornal, tambem havemos de começar no n.º 20, a estampar os nomes de aquelles que até então não fazem a honra de satisfazer o que debitam, tanto do 1.º, como do 2.º trimestre. Pedimos desculpa, mas não podemos deixar de dar semelhante passo. Pois o que custa ir, á repartição do correio da localidade, mandar passar um vale e remetter-nol-o, ou entregar a quantia ao sr. director? Temos despesas obrigatorias, e por isso cumpre-nos satisfazer-as. Esperámos, pois, obter a attenção que nos é devida.

— Dizem por ahí que temos brevemente nova eleição de camara; a ser verdade, nós recomendamos aos dignos concidadãos que se não esqueçam do programma que, no *Commercio de Coimbra*, publicou o sr. Olympio Nicolau Ruy Fernandes, quando foi eleito para camara; entendemos pois que s. s.ª deve ser re-eleito, porque é um cavalheiro digno da maior confiança, e que ha de pugnar pelos interesses e bem-estar dos povos d'este municipio.

— No sabado 18 do corrente houve uma récita no theatro Academico, subindo á scena — *O homem d'ouro*, drama em tres actos, do sr. Mendes Leal, Junior; e — *Eu sou meu filho*, comedia em um acto. O desempenho foi regular; os actores que mais se distinguiram e que mais applausos receberam, foram os srs. Parente, Callado e Castro (dama). A concurrencia foi grande. Cumpre-nos aqui lembrar ao illustre *Conselho Dramatico*, que muito bem andaria se se dignasse remetter um bilhete de plateia a cada redacção dos jornaes de Coimbra, ou aquellas que julgasse mais dignas de semelhante honra. Em Lisboa e no Porto usa-se assim; mas em Coimbra (exceptuando o theatro de D. Luiz 1), não se faz o que se deve fazer.

— Em Braga começou a publicar-se um novo jornal, intitulado — *Commercio de Braga*.

— Eguamente saiu á luz, no Porto, o n.º 1 do *Seculo*, jornal que se publica aos sabados.

— Não queremos discussão. Mas parece-nos que o *chronista do Tira Teimas*, embirra solemnemente com a primeira dama do theatro de D. Luiz 1. Ora o collega não seja tão mau; falle desapaixonadamente, e dir-nos-ha depois, se ella é tão *ridicula*, como a pretende fazer aos olhos do publico. A primeira dama tem apenas a voz fraca, e nada mais. E que mais querem d'uma senhora que ha seis annos não trilha o palco? Bem sabemos, que ella não é uma Emilia das Neves, nem uma Ristori, mas é de grande merecimento. O futuro virá em abôno do que avançamos, e o sr. *chroniqueiro* saberá então avaliar o merito artistico da insigne actriz.

— Ainda não chegou a Lisboa o sr. Barão de Moreira, consul portuguez no Brazil. Custa-lhe bem a deixar aquelle imperio. «Elle que tem tanto apêgo ao logar, é porque alli ha grande borbulha.» É um rifão mui antigo e bem certo. O governo deve demittil-o sem perda de tempo; toda a nação o reclama.

— Dissemos no nosso numero passado, que nos constava que o nosso presado thio e amigo não havia acceitado a sua transferencia para juiz de direito da Louzan; mas hoje melhor informados, declarámos que se dignou acceitar, e que não tardará em ir tomar posse. Os louzanenses estão anciosos pela chegada de seu novo juiz.

— Não podemos deixar de pedir e instar com a illustrissima camara municipal que faça prohibir expressa e terminantemente que nas ruas da cidade e em plena hora do dia se matem porcos e se parta lenha na calçada. Confessemos que isto além de ser escandaloso, pôde trazer graves consequencias, que se devem evitar. Esperámos não ter de voltar ao assumpto, aliás seremos um pouco aspero na accusação que houvermos de fazer. Como por ahí se diz que a camara não tem força para fazer cumprir as suas determinações, não queiram fazer do dito verdadeiro, consentindo abusos taes como os que acabámos de censurar.

— Consta-nos que um 2.º sargento do 14, aqui estacionado, practicára alguns actos menos dignos na occasião em que commandava uma guarda. A ser verdade o que nos dizem, pedimos ao sr. capitão Libanio Evangelista dos Sanctos, se digne providenciar energicamente para que nos não vejamos na necessidade de voltar ao assumpto.

— Os srs. assignantes que começaram a sê-lo no 2.º trimestre, se desejarem possuir a collecção do 1.º, podem participal-o a esta redacção, enviando a quantia de 460 réis.

— Os srs. assignantes que não tenham recebido alguns dos numeros, avisem esta redacção a fim de se providenciar.

— Consta que sua sanctidade expediu uma circular a todos os bispos do orbe catholico, convidando-os a assistir a um concilio geral que deve ter logar em Roma, no proximo futuro mez d'abril.

— O periodico que se publicava no Porto, intitulado o *Luso*, mudou para — *Clamor Militar*.

— A *Independencia*, semanario do Porto, vae suspender a sua publicação em quanto não arranjar os precisos para que esta folha seja diaria; mas vae reaparecer breve.

— De todos os angulos do paiz estão sendo dirigidas ao governo, representações, pedindo a demissão do Barão de Moreira de consul geral no Brazil. E ainda esse homem será conservado por mais tempo em semelhante posição? Cremos que o governo ha de attender.

— O jornal que sahia em Leiria, com o titulo de *Districto de Leiria*, tornou de novo a publicar-se. Desejámos que a vida do collega seja prolongada.

— Em Wolnerhampton está-se fabricando uma fechadura sem chave que tem 244.140:625 combinações. Compõe-se de cinco cylindros, cada um dos quaes contém as vinte e cinco letras do alphabeto. Se não se descobre a palavra com que se fechou, é preciso tentar todas as combinações, o que exigiria um trabalho de annos. Na grande exposição de Londres apresentar-se-ha uma d'estas fechaduras em uma caixa de ferro, que conterà quinhentas libras esterlinas, as quaes poderá levar-as o afortunado mortal, que atine com a combinação com que foi fechada.

— Da *Opinião*: São interessantes os apontamentos que colligimos sobre as viagens que fez sua magestade el-rei D. Luiz 1, quando in-

fante, e das cartas régias, pelas quaes obteve as nomeações para os cargos que exerceu como official de marinha.

Foi nomeado:

Guarda marinha em 9 de outubro de 1846.
Segundo tenente em 19 de maio de 1851.
Capitão tenente em 29 de outubro de 1854.
Capitão de fragata em 24 de março de 1858.
Capitão de mar e guerra em 9 de março de 1858.

Nomeado commandante do brigue *Pedro Nunes*, em 12 de setembro de 1857.

Como commandante d'este navio fez as seguintes viagens.

Em 18 de janeiro de 1858 saiu a barra de Lisboa, para cruzar na costa, e entrou neste porto em 21 do mesmo mez.

Em 19 de março de 1858, para cruzar na costa de Gibraltar, e entrou em 16 de abril, do mesmo anno.

Foi nomeado commandante da corveta a vapor *Bartholomeu Dias*, em 12 de Junho de 1858, e como commandante d'este navio, fez as seguintes viagens:

Em 5 de outubro de 1858 á Madeira e Açores, e recolheu em 17 de novembro.

Em 10 de abril de 1859 á Inglaterra, e recolheu a 7 de maio.

Em 14 de maio de 1859 á Inglaterra, conduzindo a bôrdo do navio do seu commando sua alteza a senhora infanta D. Maria Anna, e recolheu a 14 de julho.

Em 14 de setembro de 1859 a Marrocos, d'onde recolheu a 21 do mesmo mez.

Em 1 de agosto de 1860 a Angola, recolhendo a 15 de outubro.

Em 15 de abril de 1861 á Madeira e Gibraltar, e recolheu em 13 de maio.

Em 3 de agosto de 1861 a Southampton, onde foi para acompanhar a esta cidade sua alteza o principe Leopoldo, e recolheu a este porto de Lisboa a 26 do mesmo mez.

Em 4 de setembro de 1861 á barra do Porto, esperar sua magestade el-rei o senhor D. Pedro v, e entrou de volta a este porto, em 5 do mesmo mez.

E, finalmente, em 18 de setembro de 1861 a Antuerpia, acompanhando a sua alteza a senhora Infanta D. Antonia, e seu augusto espôso, e regressando a Lisboa no dia 15 de novembro, a tomar posse do governo d'estes reinos como herdeiro do fallecido monarcha e seu augusto irmão o muito amado D. Pedro v.

— Perguntámos ao sr. delegado da sub-inspecção geral dos theatros no districto de Coimbra, se o theatro academico é ou não considerado publico, e se n'elle se pôde representar sem a licença que a lei manda?

— Ao illustre folhetinista do *Braz-Tizana*, muito agradecemos as maviosas expressões que nos dirigiu, e rogámos-lhe o favor de continuar a adornar as columnas do nosso jornal com os seus valiosos escriptos, que tão apreciaveis se tornam.

— Consta-nos que o sr. José Christina, da Pampilhosa, foi provido interinamente no lugar de amanuense da secretaria das obras do Mondego. Sentimos que um dos concurrentes ao mesmo lugar, que se achava mais habilitado, não fosse o escolhido.

— Falleceu o sr. Manuel da Silva Passos.

— Na segunda feira d'esta semana, na occasião em que se estava para dar principio á festividade de S. Sebastião, em Almelaguez, houveram alguns dictos entre o parcho da freguezia e um dos festeiros por causa do orador, dizem, de que resultou não ter logar a cerimonia religiosa. Pedimos, pois, a attenção do sr. governador do bispado.

— No hospital de Sanct'Iago, de Coruña (Hespanha) foi operada uma mulber, que em seguida deu á luz 17 creanças mortas!

— De hoje em diante começaremos a publicar o nosso jornal ás sextas feiras.

— Tem a provincia de Angola muitos productos com que os indigenas curam molestias, para que a medicina ainda não descobriu remedio.

São ellas, entre outras, a asma, a morfêa e a gotta-coral. Para a primeira temos nós visto applicar, com bom resultado, a pelle do jacaré torrada e reduzida a pó, tomando uma colher das de chá do dicto pó numa chavena de café todos os dias pela manhan em quanto dura o ataque.

— Tinha o padre J., cura d'uma das principaes freguezias de Italia, e fallecido ha pouco, uma bella matilha de cães, em que se distinguia um magnifico perdigueiro, que elle muito prezava: morto este, foi, por ordem de J., enterrado no cemiterio, apesar da grande opposição do povo. Sabedor do facto o abbade... manda chamar J., que se lhe apresentou depois de reforçada a bolça com cincoenta ducados.

— Fostes vós, indigno servo de Christo, que enterrastes em terreno sagrado o cadaver de um cão, lhe diz irritadissimo o abbade.

— Sim, sr. abbade, redargue J., mas se o houvesseis conhecido melhor, desculpar-me-heis... era tal a amizade que vos tributava que vos legou cincoenta ducados!

— Cumpri o testamento, e ide-vos em paz, redargue o abbade, risonho e abraçando o cura.

— Os jornaes de Lisboa noticiam o casamento da ex.^{ma} sr.^a D. Maria da Piedade Lencastre com o ex.^{mo} sr. José Maria Camara Mello. A noiva é filha do ex.^{mo} sr. D. Diogo Maria de Almeida Pereira Forjaz; e dizem aquelles jornaes que foram umas nupcias estrondosas, que tiveram logar no dia 19 de dezembro proximo passado, na igreja de S. Julião.

PUBLICAÇÕES LITERARIAS

ARCHIVO JURIDICO

Principiou a distribuição dos n.^{os} 4 e 5 da 2.^a serie d'este jornal de legislação. O n.^o 4 contém a — Lei do Registro. O 5.^o o — Regulamento e tabellas da Lei do Sello. Os n.^{os} transactos contém o 1.^o a — Lei da Desamortisação. O 2.^o a — Lei do Sello. E o 3.^o a — Lei de Transmissão.

Aviso aos srs. Assignantes das Provincias

Com o n.^o 5 d'esta serie ficam concluidas as assignaturas dos srs. Assignantes que tinham pago até ao n.^o 6 da 1.^a serie. O indice dos n.^{os} 4 e 5 da 1.^a, ser-lhe-ha remettido logo que se publique o n.^o 6 da 2.^a; sendo-lhe este enviado, com o indice, se suas s.^{as} mandarem reformar as suas assignaturas; que para as provincias continuam a receber-se com as condições da 1.^a serie; porém segundo a nova ordem d'esta publicação — resolvemos receber assignaturas, por series, ou 12 n.^{os} — custando cada serie 1\$440 réis, sendo o *Archivo* enviado franco de porte aos srs. Assignantes.

Não se tomam assignaturas para as provincias, sem previo pagamento, que póde ser em dinheiro, valles do correio ou em estampilhas.

Aos srs. Assignantes que não reformarem a sua assignatura, será enviado o indice — que lhes falta dos n.^{os} 4 e 5 da 1.^a serie, e quando se publicar o da 2.^a também lh'o remetteremos, franco de porte, ainda mesmo que não reformem.

A empreza do *Archivo Juridico* agradece a todos os srs. juriconsultos, empregados da justiça, do fóro e outras pessoas a coadjuvação que têm prestado a esta publicação, e com especialidade aos seus collegas da imprensa periodica; não só pela publicação dos annuncios, mas também pela generosidade e delicadeza de a obsequiarem com as suas folhas que têm recebido com a maior regularidade possivel.

O n.^o 6 do ARCHIVO JURIDICO que fica no prelo conterà a: *Legislação e Regulamento da Contribuição Pessoal.*

Deve ser publicada na 1.^a ou 2.^a semana de fevereiro.

O ARCHIVO JURIDICO publica todos os mezes um ou dois numeros da legislação, de mais interesse público — o seu preço é modico, por isso ao alcance não só de todos os empregados, que precisam estar ao facto da legislação, como também das classes particulares, negociantes, advogados, sollicitadores e outras pessoas empregadas no foro tanto civil como commercial ou criminal.

Assigna-se no Porto, rua do Bomjardim á esquina, ou defronte da *Viella da Neta*, e vende-se em Lisboa, na loja do sr. Lavado; Vianna, na do sr. André Joaquim Pereira, em Coimbra, na do sr. José de Mesquita; e em Braga, na do sr. Germano Joaquim Barreto, rua do Souto n.^o 21.

Na redacção d'este jornal também se recebem as assignaturas.

NOVA TABUADA

EXACTA E CURIOSA

COM O NOVO

SYSTEMA METRICO-DECIMAL

DE PESOS E MEDIDAS

TABELLAS DE REDUCÇÃO

E

EXERCICIOS E PROBLEMAS PARA INTELLIGENCIA DO MESMO SYSTEMA

POR

J. S. Bandeira

Approvada pelo Conselho Geral de Instrucção Pública.

3.^a EDIÇÃO

CORRECTA E REFORMADA

Vende-se na loja de livros da Imprensa da Universidade. Preço 50 réis.

O DIA 1.^o DE DEZEMBRO DE 1640

OU

Memoria historica dos successos de Portugal, desde a morte de El-Rei D. Sebastião, até á feliz aclamação de D. João IV

POR

ANTONIO FRANCISCO MOREIRA DE SA.

Vende-se em Coimbra, na Imprensa da Universidade, e em Lisboa, Porto e nas mais terras do costume.

Preço 100 réis.

ANNOS EM COIMBRA

POR

A. A. F. de Albuquerque

Este interessante livro destina-se a narrar uma parte da historia das antiguidades e monumentos de Coimbra; descrever os typos das diversas classes coimbricenses, entre as quaes avulta o lente, o estudante, o artista, o commerciante, a dama, a tricana, o aldeão, etc.; apontar as bellezas de Coimbra, com a maior e mais precisa exactidão.

ANNUNCIOS

ATTENÇÃO

1 A fábrica de fundição do Bicalho na cidade do Porto, continúa a encarregar-se de toda e qualquer encomenda para as obras do seu fabrico, em que cada vez mais disputa a perfeição e commodidade de preços.

O extraordinario consummo de todas as qualidades de noras de ferro, denominadas *estanca-rios*, das bombas de ferro para poços de qualquer altura, e dos fogões de fogo circular para cosinha são a prova mais importante de que os seus productos satisfazem á maior utilidade para os consumidores.

Fabrica obras de metal e cobre de qualquer feitio e sinos por afinacão, e como a sua fundição é diaria, póde satisfazer qualquer encomenda com muita brevidade, o seu gerente se encarrega de mandar conduzir as obras para onde sejam destinadas.

Porto, 26 de dezembro de 1861. — Luiz Ferreira de Sousa Cruz.

ESPECTACULOS

THEATRO DE D. LUIZ I

3.^a RÉCITA ORDINARIA

Sabbado, 25 de Janeiro de 1862

O SEGREDO D'UMA FAMILIA

Comedia-drama em tres actos, do sr. J. C. dos Sanctos.

DISTRACÇÕES D'UM MATHEMATICO

Comedia em um acto.

PREÇOS

Camarotes	1. ^a e 2. ^a ordem	2\$500
	3. ^a dicta	2\$000
	4. ^a dicta	1\$500
Plateia	500	Galeria 240

Entrada ás 7 horas e meia.

Os bilhetes acham-se á venda no theatro no dia da récita — do meio dia ás 5 horas.

O Secretario da Direcção

José Maria Galião.

Á ultima hora

São doze horas da manhan. Ainda não chegaram a esta cidade os correios do Porto, Vizeu, Figueira e Ceia. A enchente do Mondego inunda o bairro baixo. As obras do caminho de ferro estão-se tornando em ruinas.

IMPRESA DA UNIVERSIDADE

PORTUGAL INDEPENDENTE

JORNAL ANTI-IBERICO, LITTERARIO E NOTICIOSO
DEDICADO À MEMORIA DE EL-REI O SENHOR D. PEDRO V
PELOS ARTISTAS DE COIMBRA

REDACTOR — Augusto José Gonsalves Fino

PUBLICA-SE ÀS SEXTAS FEIRAS

Assigna-se e paga-se este jornal: em Coimbra, na Imprensa da Universidade; nas Províncias, em casa dos Srs. Directores de Correios; no Brazil, em casa do Sr. José Julio Lopes Gonsalves, Rio de Ostras. Preços por trimestre, ou 12 numeros: em Coimbra 400 réis; nas Províncias 460 réis; no Brazil (moeda forte) 700 réis; — número avulso 400 réis. — Toda a correspondencia, franca de porte, será dirigida ao Redactor do *Portugal Independente*, Coimbra. — Escriptos não publicados, não serão restituídos.

Hontem o Senhor D. PEDRO V abraçava os Estudantes de Coimbra!

Hoje os mesmos Estudantes, não podendo rociar de lagrimas o Augusto Cadaver, curvam a cabeça diante d'um catafalco, soluçando a prece christan!

A divida sagrada vae ser paga. Os Estudantes não olvidam os seus deveres!

A Comissão das Exequias offerece um programma aos Academicos, e a todas as Pessoas, que se dignarem assistir aos Officios funebres, que têm de ser celebrados por Alma do Primeiro Cidadão do Paiz!

A ordem, que sempre deve reinar em occasiões tão solennes, como sanctas, é o fim d'este

PROGRAMMA

Celebrar-se-hão na Sé Cathedral por alma do Senhor D. Pedro V os Actos Religiosos em 29 e 30 do corrente.

No dia 29, á hora de Vesperas, nas torres da Universidade, Cathedral, Sancta Cruz e demais Egrejas os sinos dobrarão a finados.

As 4 horas da tarde começarão os Officios funebres de Vesperas e Matinas.

No dia 30 a voz dos sinos anunciará que mais um dia de tristeza e dó vae principiar para nós.

São convidados a reunirem-se ás 9 horas da manhan na Universidade todos os Estudantes, para ahi receberem os Ex.^{mos} Conselheiros Reitor e Vice-Reitor e respectivos Corpos Docentes.

D'alli dirigir-se-hão em alas pela rua Larga, Loios, e Feira á Sé Cathedral para assistirem á celebração das Exequias.

Chegados que forem á Sé Cathedral, os Estudantes darão passagem pelo centro das alas aos Ex.^{mos} Reitor, Vice-Reitor e Corpos Docentes.

Occuparão os seus logares segundo as pragmaticas e precedencias do estylo os Ex.^{mos} Conselheiros Reitor e Vice-Reitor, Corpos Docentes, Auctoridades Ecclesiasticas, Administrativas, Judiciaes e Militares, Ill.^{mas} Camara Municipal, Direcções dos differentes Estabelecimentos, Associações Pias, Scientificas, Commerciaes e Artisticas, Irmandades e Confrarias, todas as Redacções, e mais convidados.

Os Estudantes têm logar designado, que occuparão com a regularidade precisa e ordem rigorosa, que elles sabem observar.

A Guarda de honra do catafalco será feita por Militares Academicos.

As 11 horas principiarão os Actos Religiosos, em que officiará o Ill.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Deão da Sé Cathedral: assistirão como Ministros e Acolytos Ecclesiasticos Academicos.

Recitará a Oração funebre o Ill.^{mo} Sr. Dr. Francisco dos Sanctos Donato.

Seguir-se-hão as absolvições do estylo, rezando a última o Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Arcebispo de Góa, Primaz do Oriente.

Terminados os Officios Religiosos, dar-se-hão as descargas do costume.

Coimbra, 25 de Janeiro de 1862.

Manuel Emygdio Garcia.

João Manuel Cardoso de Napoles.

José Antonio de Sanct'Anna Correia.

Manuel Paulino d'Oliveira.

José Augusto da Silva Mattos.

Antonio d'Ascensão.

Jeronymo Rodrigues Ramos.

Julio Cesar d'Almeida Rainha.

Antonio Bernardino Cerqueira Lobo.

José Correia de Loureiro.

A camara municipal

Por accordão do conselho d'este districto, em sessão de 27 do corrente mez, foi annullada a eleição da camara municipal d'esta cidade, a que se tinha procedido em 24 de novembro do anno passado; mas ainda ignoramos os verdadeiros motivos em que esse accordão se funda.

Foram necessarios tres mezes e tres dias para aquelle tribunal decidir um negocio, que desde ha muito devêra ter sido concluido; e certamente o teria, se não foram as tricas empregadas por alguns dos conselheiros, que aproveitaram uma tal occasião para fazerem politica, em proveito d'alguns dos cavalheiros eleitos, e opposição á auctoridade superior do districto e ao governo, no que, crêmos, andaram menos avisadamente.

Ainda que a escolha dos membros de uma municipalidade não seja inteiramente indifferente aos negocios politicos do districto e mesmo aos geraes do Estado, em consequencia d'algumas das attribuições que as leis lhes conferem, entendemos que tudo isso é menos do que a importancia que tal corpo tem, em relação aos negocios e interesses especiaes do municipio que representam; e era para esses interesses importantes, que nós queriamos que o tribunal do conselho de districto tivesse voltado toda a sua attenção, pondo de parte e até despresando mesquinhas considerações, regulando seu procedimento sómente em presenca da lei que regula tal eleição.

Tambem não ignoramos que a nossa legislação é deficiente, e muito, em providencias que regulem todos os casos e incidentes que possam dar-se por occasião de uma semelhante eleição, com tudo crêmos que, sem offensa da lei, a eleição da camara municipal de Coimbra, podia julgar-se valida, senão em quanto a todos os cavalheiros que obtiveram maior número de votos, ao menos em quanto á maior parte d'elles, chamando os immediatos em votos, para completar o número que a lei designa, por isso que para ser eleito para os cargos municipaes, diz o código, é necessario que se pague o censo de 45000 réis; e a Portaria de 23 de agosto de 1853, em opposição ao código, determina que são dispensados d'aquelle censo os bachareis formados, bastando esta circumstancia para os tornar elegiveis.

Admittimos esta doutrina para a eleição de deputados, porque esses só têm a responsabilidade moral, mas rejeitamos-a para o cargo de vereador, porque o censo litterario não dá ao eleito meios para responder pela fazenda do municipio, cuja responsabilidade a lei lhe impõe, e uma Portaria lhe não pôde tirar.

Consta-nos que o conselho de districto tomára como um dos fundamentos para a annullação da eleição, uma falta de formalidade no recenseamento geral; mas se esta existe,

culpa teve a respectiva commissão, que não soube cumprir o seu dever; e culpa teve a auctoridade competente, que não fiscalisou ou não fez fiscalisar os serviços d'essa commissão; occasionando assim todos os transtornos que se têm dado e não de necessariamente seguir-se ainda na administração do municipio, que tão fatal tem sido até hoje e que ainda continúa a sentir seus efeitos, e continuará a soffrel-os, se uma providencia prompta não vier obstar a todas as consequencias que podem resultar da deliberação tomada pelo conselho de districto, parte do qual, desde principio, andou neste negocio de má fé, podendo illudir assim a franqueza com que d'elle tractou o seu presidente, segundo nos consta.

Respeitamos essa deliberação, porque é caso julgado, mas primeiro que tudo, queriamos a fiel observancia da lei, como indispensavel ao bem-estar dos povos e á regularidade dos negocios publicos; mas se essa deliberação é fundada só na falta de simples formalidades, que nada influissem para a verdadeira legalidade da eleição, sentimos que assim se escarneça da vontade do municipio, inutilizando seus votos, e deixando de aproveitar-se os serviços d'alguns dos cidadãos eleitos, de quem muito havia a esperar, em proveito d'este concelho, que até hoje pouco de proveitoso tem conseguido das pessoas a quem tem sido confiada a administração de seus abundantes rendimentos, que só temos visto empregar quasi exclusivamente em proveito da cidade, com escandaloso esquecimento das mais urgentes necessidades das freguezias ruraes, que têm direito a exigir que com ellas se repartam proporcionalmente esses rendimentos.

Para se conseguir o cumprimento sagrado, d'esse dever, não julgamos tambem necessaria, como alguém diz, a eleição de cavalheiros de fóra da cidade, que por esse facto se obrigam a graves sacrificios, com prejuizo de seus mais caros interesses, elegendo-os para a vreação; o que entendemos indispensavel é que na escolha dos camaristas, quando haja de proceder-se a nova eleição, se tenha em vista o cavalheirismo e boa fé dos individuos a eleger, procurar que tenham as qualidades que deve possuir um bom administrador — que sejam pessoas activas e zelosas, e que sendo capazes de conhecer e avaliar a grande importancia das funções que lhes são confiadas, saibam cabalmente desempenhar os seus deveres. Para se obter este bom resultado, convém que a auctoridade pública intervenha com energia em tal negocio, mas sómente tanto quanto a lei lhe permittir, para assim se evitar que algum corrilho, abusando da credulidade dos povos, faça eleger pessoas que, esquecidas dos deveres que são chamados a desempenhar, só satisfaçam a interesses e paixões mesquinhas, a que só homens de inteira probidade, saberão ser superiores. R.

Bibliotheca pública em Coimbra

Quando em 1860 publicámos o *Cysne do Mondego*, fallámos acerca da grande conveniencia e interesse de que em Coimbra se estabelecesse uma bibliotheca popular, onde, com especialidade os artistas, fóssem ler as obras que melhor lhes conviessem para o seu aperfeiçoamento intellectual, que infelizmente tão necessario lhes é, para que na sociedade não só se dê a esta classe a importancia que lhe é devida, mas tambem para que os membros d'ella conheçam quaes os seus deveres, e a consideração a que têm direito.

Nossos esforços d'então foram baldados, apesar de sermos geralmente bem acolhidos; e

por isso de novo voltámos hoje ao mesmo assumpto, que na realidade é do maior interesse, e para o que chamamos a attenção de quem compete prover os indispensaveis recursos para a illustração da classe operária.

Uma bibliotheca popular em Coimbra não é cousa que custa a montar; em os nossos governos tendo desejos n'isso, é-lhes facil a sua organização.

Tracta-se primeiro de obter casa com as commodidades precisas; e depois obriguem-se todos os auctores a remetter um exemplar de suas obras á bibliotheca pública de Coimbra; e além d'isto, os governos incluam no orçamento do estado uma verba sufficiente para pagamento aos empregados, que podem ser poucos; por exemplo:

Um director com o ordenado annual de.....	300\$000
A dois empregados.....	400\$000
A um continuo.....	100\$000
Despesas extraordinarias.....	200\$000
	<hr/>
	1:000\$000

Eis a despesa annual que se póde fazer com a bibliotheca pública.

Se por ventura os dois empregados não forem sufficientes para a regularidade do serviço, a camara municipal deveria pagar a um terceiro, ou mandar ajudar a fazer o serviço por um dos empregados da sua secretaria.

Em aluguer de casa não era mister dispendir verba alguma, a não ser em reparos, porque nesta cidade ha tantas pertencentes ao Estado, que sem difficuldades podia dispor de uma d'ellas.

Em quanto ao Regulamento, isso ficaria a cargo d'uma commissão provisoria, nomeada pelo governo, ou pela camara municipal.

Dir-nos-hão: para que se ha de montar uma bibliotheca, se nesta cidade existe a da universidade? Responderemos então, que na da universidade não é permittida a entrada a pessoas de baixa esphera, e além d'isso, os artistas não podem de dia frequentar-a, e a da universidade apenas está aberta algumas horas de manhan e de tarde.

A bibliotheca popular devia conservar-se franca até certa hora da noite; aqui é que está a sua conveniencia e utilidade.

Temos demonstrado, e continuaremos ainda a fazel-o em outros numeros, a necessidade que ha de ser montada a bibliotheca em questão; e os artistas, como os primeiros a lucrar com isso, devem reunir-se e requerer ás côrtes, porque estamos certos de que não de ser attendidos.

Dado este passo, a classe operária continuará a trilhar o verdadeiro caminho da civilização, e saberá depois quaes os resultados brilhantes que tira d'essas poucas horas em que se entregue ao estudo dos bons livros de que d'outra fôrma nunca teria conhecimento.

Avante, pois, artistas.

Um pedido justo

Existe na camara electiva um requerimento dos bedeis de Theologia, Direito, Mathematica e Philosophia, para lhes ser o ordenado equiparado ao do bedel de Medicina. Achamos de toda a justiça a allegação dos requerentes; e parece-nos que não haverá camara que lhes negue deferimento.

O bedel de Medicina tem menos estudantes do que qualquer outro dos seus collegas; não tem aulas de tarde, que lhe tirem mais tempo; e recebe propinas dos exames de Pharmacia, por exemplo, que lhe augmentam ainda os

proventos do logar. Não ha pois motivo algum, para lhe conservar uma superioridade de vencimento, que nenhuma razão póde justificar. Se os ordenados dos bedeis devessem, que não devem, ser deseguaes, então a preferencia pertencia ao bedel de Direito, pelo enorme trabalho, a que está sujeito com os cursos relativamente muito numerosos d'esta faculdade.

Esperamos que estas razões, que são obvias, levem a commissão de instrucção pública da camara electiva a deferir ao requerimento dos bedeis da universidade, como é de evidente justiça.

Eis como o *Jornal do Commercio* de 19 do corrente, descreve as eminentes qualidades do honrado e liberal estadista, Manuel da Silva Passos.

Morreu hoje, ás 9 horas da manhan, na sua casa em Santarem, o sr. Manuel da Silva Passos.

Portugal deplora a perda de um dos seus filhos mais illustres. Manuel da Silva Passos, deixa um nome glorioso na historia d'este paiz. Soldado da liberdade, pelejou no campo, no gabinete, e na tribuna, por essa causa, á qual não houve outro mais dedicado.

Era um grande e nobre talento. Na voz, na physionomia, no gesto, revelava a grandeza do seu espirito, a elevação do seu pensamento, a generosidade da sua alma.

Uma só vez foi ministro, e entre todos os ministros desde 1834, nenhum tem havido mais patriota, mais illustrado, e a quem o paiz mais deva.

Ahi estão as suas obras para o exaltarem. Manuel da Silva Passos é o unico ministro da era liberal, cuja memoria fica perpetuada em honrados monumentos.

O orador vehemente e liberal das côrtes de 1834; o patriota, sentinella vigilante da lei e dos interesses publicos, levado ao poder por uma revolução, mostra logo, que o chefe da opposição era digno de ser ministro.

O ministro era sempre o homem do povo, e este queria-lhe e obedecia-lhe como um tribuno sincero, como a um amigo devotado. Á sua voz serenavam-se as procellas populares. Só com uma palavra impunha respeito aos mais desvairados. É que ninguem duvidava do amor de Manuel da Silva Passos ao povo; é que todos tinham fé na sinceridade das suas convicções; é que o povo via no chefe da revolução um caracter puro, um espirito elevado, e um patriota verdadeiro.

Dominando, como dictador, a revolução de setembro de 1836, resumido em si o governo do Estado, largou o poder desornado de titulos e fitas, e tão rico como quando subiu a elle.

Foi Manuel da Silva Passos quem deu um grande impulso á industria, com leis protectoras; á instrucção pública, em todos os seus ramos, fomentando a criação de escholae, fundando a Eschola Polytechnica de Lisboa, e a do Porto; as bellas-artes, estabelecendo as academias de Lisboa e Porto; ás artes e officios, creando os conservatorios; em fim, alentou e reformou muitos ramos da pública administração, e fundou muitos estabelecimentos que ahi estão, como perpetuo padrão da sua gloria.

E tudo fez com o apoio do povo, sem se temer d'elle, e armando-o para a defesa das leis. Se depois muitas das suas instituições foram presadas, se depois, alguém traíu o povo e o levou a abusar das armas que Passos Manuel lhe confiara, não teve elle a culpa d'isso. Pouco tempo esteve no poder (não chegou a um anno), e os que vieram depois d'elle, já não possuíam a sua grande alma, a sua fe-